

*Dar/ Fazer/ Ter* queixa: queixar-se?

A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes

KATE LÚCIA PORTELA DE ASSIS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como quesito necessário para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

Co-orientadora: Marcia dos S. Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*Dar/ Fazer/ Ter* queixa: queixar-se?

A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes

KATE LÚCIA PORTELA DE ASSIS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como quesito necessário para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

Co-orientadora: Marcia dos S. Machado Vieira

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2009

ASSIS, Kate Lúcia Portela de.

Dar/ Fazer/ Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes./ Kate Lúcia Portela de Assis. - Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2009.

xi, 229f. : il.; 31 cm.

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou

Tese (doutorado) – UFRJ/ FL/ Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2009.

Referências bibliográficas: f. 191-200.

1. Construções perifrásticas. 2. Sociolingüística Variacionista 3. Ensino e preconceito lingüístico. 4. Testes de atitude. I. Callou, Dinah Maria Isensee. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. III. Dar/ Fazer/ Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes.

***Dar/ Fazer/ Ter*** queixa: queixar-se?

A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes

Kate Lúcia Portela de Assis

Orientadora: Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou

Co-orientadora: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como quesito necessário para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

**EXAMINADA POR:**

---

Presidente, Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou  
(Departamento de Letras Vernáculas/ UFRJ)  
Orientadora

---

Professora Doutora Silvia Rodrigues Vieira  
(Departamento de Letras Vernáculas/ UFRJ)

---

Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes  
(Departamento de Letras Vernáculas/ UFRJ)

---

Professora Doutora Vera Lúcia Paredes da Silva  
(Departamento de Linguística/ UFRJ)

---

Professora Doutora Cláudia Nívia Roncarati de Souza  
(Departamento de Letras Vernáculas/ UFF)

---

Professora Doutora Maria Lúcia Leitão de Almeida  
(Departamento de Letras Vernáculas/ UFRJ)

---

Professora Doutora Vanda Maria Cardozo de Menezes  
(Departamento de Letras Vernáculas/ UFF)

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2009

Ao meu marido  
Gleyson Nunes de Assis,  
por ter me encorajado durante o Doutorado, sempre me “dando aquela ajudazinha”  
em minhas pesquisas sobre verbo-suporte.

**Só cabe a você!...**

(Kate Portela de Assis)

Meu amor não cabe no poema.

... extravasa os versos,  
...subverte as estrofes,  
... confunde a métrica!...

Meu amor não cabe no poema.

... não quer a Lira,  
... dispensa o Trovador,  
... silencia o recital!...

Meu amor não cabe no poema.

Meu amor não cabe em mim.  
Meu amor não tem cabimento!...

Meu amor  
só cabe a você!...

## **Agradecimentos**

(1ª parte)

A Deus, que Jesus sabiamente nos apresentou como um Pai, amoroso, justo e sábio.

Ao meu pai, Jorge Roberto, que fez a grande viagem e nos deixou saudades.

À minha mãe, Célia, por sempre me dizer “vá em frente; o mundo é todo seu!”.

Ao meu marido, Gleyson, pela cumplicidade e “marra”, e por, como diz, apostar todas as fichas em mim.

Aos irmãos, para que não fiquem *vacilando*, e voltem a estudar.

Aos sobrinhos, por me ensinarem a importância de dar amor, atenção, e limites também.

À cunhada Cirleide, à prima Tatiana e às tias Elza e Sueli, pela força que me deram.

À amiga Bianca, professora admirável, pelas “English classes” na livraria do GEFA.

Ao amigo Daniel, pelo carisma e por ter criado minha simpática alcunha de “personal escritora”.

À amiga Clara, sempre doce e “fashion”, pelo exemplo de determinação e fé.

Ao amigo Fabiano, um cara autêntico, nosso professor na escola da vida.

À amiga Rosa, nossa estrela global, pelo sorriso meigo, e pela humildade e ética que caracterizam sua conduta.

Ao amigo Renato, filósofo disfarçado de administrador, pelo seu “papo-cabeça”.

Aos amigos Alessandra e Paulo, um casal do Bem, pelo exemplo de família cristã.

À Iara, Yvy e família, pelos momentos de descontração com jogos e pela “comilança”.

Ao amigo Anselmo, modelo de entusiasmo, por ser um irmão tão bacana e divertido.

À Virgínia e família, pela simpatia e doçura, e também pela graça de fusca.

Aos amigos Mariana e Marcus Vinícius, que tanto me “cativaram”.

Aos demais amigos do GEFA, pelos bons momentos que passamos juntos.

Ao amigo Ignácio, pela “assessoria jurídica” nos concursos.

Ao amigo André, pela parceria na Evangelização Infante-Juvenil.

Ao amigo e ex-psicólogo Waldenir, pelo muito que aprendi sobre mim mesma.

Ao casal Elci e Augusto e família, nossos amados amigos e irmãos em Cristo.

Ao casal Eliane e Augusto, pela convivência fraterna na Casa de Preservação da Vida.

À minha diretora Ana Maria, pessoa muito humana, por lutar comigo pela Educação.

À adjunta Regina, sempre chique, pelos momentos de descontração na Secretaria.

Ao colega Paulo, lembrando que “o acaso não existe”.

À colega Janete, por dividirmos as experiências como readaptadas.

À colega Dalva, educadora incansável, por estarmos sempre trocando idéias.

À colega Conceição, professora consciente, sempre incentivando o gosto pela leitura.

À colega Fátima, profissional admirável, por ser um exemplo de vida para mim.

Às merendeiras, por me servirem a apetitosa “merenda nossa de cada dia”.

Aos que foram meus alunos, pelo incentivo e até pelo “estresse”, que me aperfeiçoaram.

Aos meus personagens, sobretudo Amanda, por sua indisfarçável vocação para heroína.

A mim, por ter essa paixão e fascínio pelos Estudos e Livros, pela Educação e pela Vida.



## **Agradecimentos**

(2ª parte)

Às minhas orientadoras, Dinah e Marcia, por terem se *alternado* nas sugestões, críticas, elogios e idéias. (*Obrigada pela troca de e-mails e pelas reuniões, mas sobretudo pelo carinho e atenção que me dispensaram durante esses 4 anos do Doutorado. Já estou até com saudades...*)

Às professoras Doutoradas Cláudia Roncarati e Marcia Machado, que compuseram a minha Banca no Exame do Mestrado, pelas contribuições preciosas que me auxiliaram nas minhas pesquisas.

Aos professores Doutores Afrânio, João e Carlos Alexandre, que integraram a Banca de Seleção ao Doutorado em 2004, por terem colaborado, com suas valiosas observações, para o meu crescimento e para o aperfeiçoamento da minha pesquisa.

Aos meus professores dos cursos do Doutorado, Dinah Callou, João Moraes, Helena Grynner, Aparecida Lino, Maria Lúcia Leitão, Silvia Rodrigues e Marcia Machado, por terem feito parte da minha formação e contribuído para o meu crescimento como aluna.

Às professoras Doutoradas Silvia Rodrigues e Vera Paredes, por terem feito parte da Banca do meu Exame de Qualificação, apontando problemas e aspectos positivos, além de me dirigirem palavras de incentivo, que me encorajaram a continuar, sem desânimo.

À professora Doutora Célia, por ter me orientado na ocasião em que ganhei a bolsa do Doutorado.

Ao professor Doutor Juanito, um amigo antigo, que me ajudou neste trabalho por ser, como ele mesmo disse, “mais inteligente do que eu”.

À amiga Elaine, pela simpatia e solicitude com que sempre me tratou.

À amiga Érica, pelo exemplo de garra e determinação em toda a sua trajetória acadêmica.

Ao amigo Jorge, pela experiência emocionante que vivemos ao prestar exame para o Doutorado, e por ter me auxiliado com o resumo em francês.

À amiga Suelen, inteligente e prestativa, pela gentileza de sempre.

À amiga Márcia Rumeu, um modelo de profissional e pesquisadora.

À amiga Luciene, pelo companheirismo, pelos conselhos e conversas sobre concursos.

À amiga Carolina, pelas lembranças boas do meu primeiro curso no Doutorado.

À amiga Gisele, parceira no estudo de construções com verbos-suporte, uma graça de pessoa.

À amiga Priscila, por ter me ajudado com os testes.

Aos amigos Vítor e Luana, por terem me auxiliado como informantes dos testes.

A todos os demais que foram meus informantes, por terem me auxiliado neste trabalho, contribuindo para a pesquisa científica com desprendimento e boa vontade.

A todos os que integram a comunidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo maravilhoso espaço de ensino e pesquisa que tanto nos enriquece como estudantes, profissionais e como pessoas.

]

“A vida sem sonhos é como um céu sem estrelas. Alguns sonham em ter filhos, em rolar no tapete com eles, em se tornarem seus grandes amigos. Outros sonham em ser cientistas, em explorar o desconhecido e descobrir os mistérios do mundo. Outros sonham em ser socialmente úteis, em aliviar a dor das pessoas. Alguns sonham com uma excelente profissão, em ter grande futuro, em possuir uma casa na praia. Outros sonham em viajar pelo mundo, conhecer novos povos, novas culturas e se aventurar por ares nunca antes desvendados.

Sem sonhos, a vida é como uma manhã sem orvalho, seca e árida.”

(Cury, Augusto Jorge. *Nunca desista dos seus sonhos*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2004)

## SINOPSE

Análise da alternância entre construções perifrásticas formadas pelos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer* (*ter interesse*, *dar ajuda*, *fazer comparação*) e verbos plenos correspondentes (*interessar-se*, *ajudar*, *comparar*) a partir de *corpora* orais e escritos da variedade brasileira e europeia do Português, além do estudo dos efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos decorrentes do uso de perífrases, sobretudo das não-prototípicas (*ter aquele interesse*, *dar uma ajudinha*, *fazer comparações*), com a aplicação de testes de verificação de atitudes lingüísticas, de acordo com os pressupostos da Sociolingüística Variacionista Laboviana.

## TESE DE DOUTORADO

ASSIS, Kate Lúcia Portela de. *Dar/ Fazer/ Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009.

### Resumo

Neste trabalho, discute-se a alternância de uso entre verbos plenos (*planejar, brigar, beijar*) e construções perifrásticas formadas pelos verbos *ter, dar e fazer* (*fazer planos, ter uma briguinta, dar um beijo*). Defende-se a idéia de que a opção pelo uso de uma ou outra forma poderá acarretar diferentes efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos, conforme elucidam alguns autores. A diferença, especialmente semântica, reflete alterações na versatilidade sintática, passa pela pragmática e interfere na escolha feita pelo falante.

Este fenômeno lingüístico é analisado sob a ótica da Sociolingüística Quantitativa Laboviana, no pressuposto de existir, entre as formas simples e perifrásticas, comparabilidade funcional, ainda que não haja exatamente o mesmo significado. O objetivo é fornecer uma visão mais nítida dos possíveis condicionamentos de uso dessas locuções verbo-nominais, comutáveis por verbos plenos correspondentes. Toma-se por base um conjunto de dados referentes ao uso (dados de fala e escrita do PB e do PE) e concernentes à percepção (aplicação de testes de verificação de atitudes lingüísticas).

Contatou-se que o índice de perífrases é bem menor que o de verbos plenos, independentemente do nível de escolarização, classe social, sexo, idade, bem como de se tratar de fala ou escrita, não ocorrendo, de fato, a chamada proliferação de verbos leves, nem no PB, nem no PE.

Por outro lado, os testes de verificação de atitudes lingüísticas revelaram que a situação comunicativa e a intenção do falante, bem como a relação entre locutor e interlocutor, também podem influenciar na opção por uma forma perifrástica.

Além disso, esta pesquisa defende, conforme comentário de um dos informantes, que “*ambas as formas são válidas*”, a depender do propósito comunicativo dos falantes.

## TESE DE DOUTORADO

ASSIS, Kate Lúcia Portela de. *Dar/ Fazer/ Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009.

### Abstract

The aim of this work is to discuss the alternating usage between full verbs (*to plan, to fight, to kiss*) and periphrastic constructions with the verbs *to have, to give, to make* (*to make plans, to have a little fight, to give a kiss*). Our claim is that the choice for one of these forms may lead to different semantic, discursive and pragmatic effects, as some authors spouse. The differences, especially the semantic ones, influence alterations in the syntactic versatility, impact the pragmatic level and interferes with speakers' choices.

That linguistic phenomenon is analyzed under the perspective of the Labovian Quantitative Sociolinguistics, assumed that there is the possibility of functional comparison (though there is not exactly the same meaning) between the full verbs and periphrastic verbal forms. The purpose is to shed light on the possible conditioning usage factors for those verbal-nominal phrases – interchangeable with their respective full verbs. A set of data relative to usage (spoken and written data of Brazilian Portuguese and European Portuguese) and perception (data from linguistic behavior checking tests) is the basis for this investigation.

The results are that the number of periphrastic verbal forms is quite smaller than the number of full verbs, independently of educational level, gender, social class, age and language mode, written or spoken. In fact there is not the spread of light verbs in Brazilian Portuguese or in European Portuguese.

On the other hand, the linguistic behavior checking tests revealed that the communicative situation, the speaker's intention and the relationship between sender and receiver also influence the choice for a periphrastic form. This research is intended to defend – like one informant comments – that “both forms are valid”, depending on speakers' communicative purpose.

## TESE DE DOUTORADO

ASSIS, Kate Lúcia Portela de. *Dar/ Fazer/ Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009.

### Résumé

Ce travail discute l'alternance d'emploi des verbes pleins (*planejar, brigar, beijar*) et des constructions périphrastiques composées des verbes *ter, dar* et *fazer* (*fazer planos, ter uma briguinha, dar um beijo*) en portugais.

On soutient l'idée que l'option d'employer l'une ou l'autre forme peut entraîner de différents effets sémantiques, dicursifs et pragmatiques, d'après le point de vue de quelques théoriciens. Cette différence, surtout sémantique, reflète des altérations dans la versatilité syntaxique, passe par la pragmatique et influence le choix du locuteur.

Ce phénomène linguistique est analysé du point de vue de la Sociolinguistique Quantitative Labovienne, à partir du présupposé théorique selon lequel il y a une compatibilité fonctionnelle entre les formes simples et périphrastiques, encore qu'elles n'aient exactement pas le même signifié.

Notre but, c'est celui de donner une vision plus nette des possibles conditionnements d'emploi de ces locutions verbo-nominaux, commutables par des verbes pleins correspondants. On part d'un ensemble de données concernant aussi bien son emploi (données orales et écrites du Portugais Brésilien et du Portugais Européen) que sa perception (application de tests de vérification d'attitudes linguistiques).

On a constaté que l'indice de périphrases est bien plus petit que celui de verbes pleins, indépendant du niveau d'instruction, du sexe, de la classe sociale et de l'âge, peu important aussi s'il s'agit de registres oraux ou écrits ; aussi, n'y a-t-il pas effectivement une prolifération de verbes-support, ni dans le PB, ni dans le PE.

D'autre côté, les tests de vérification d'attitudes linguistiques ont montré que la situation communicative et l'intention du locuteur, ainsi que son rapport avec l'interlocuteur, peuvent influencer aussi dans l'option d'une phrase périphrastique. En plus, cette thèse soutient, en confirmant le commentaire de l'un des informateurs, que « les deux formes sont valables », tout en dépendant du propos communicatif des locuteurs.

## Índice de quadros

<b>Quadro 1:</b> Formação de predicado complexo em estruturas com <i>fazer</i> .....	42
<b>Quadro 2:</b> Delimitação das unidades lexicais segundo Neves (2002) .....	48
<b>Quadro 3:</b> O grau de integração entre verbo e nome .....	50
<b>Quadro 4:</b> A abordagem variacionista .....	68
<b>Quadro 5:</b> Escala de proximidade/afastamento de sentido entre perífrases e verbos plenos.....	174

## Índice de tabelas

<b>Tabela 1:</b> Comentários sobre verbos-suporte na formação de perífrases .....	40
<b>Tabela 2:</b> Padrões de mudança lingüística no indivíduo e na comunidade .....	66
<b>Tabela 3:</b> A distribuição das perífrases no <i>corpus</i> .....	89
<b>Tabela 4:</b> A distribuição das perífrases por faixa etária .....	89
<b>Tabela 5:</b> A distribuição das perífrases e o modo de organização do discurso .....	90
<b>Tabela 6:</b> A distribuição de perífrases nos gêneros textuais .....	91
<b>Tabela 7:</b> A distribuição das perífrases no PB e no PE .....	93
<b>Tabela 8:</b> A distribuição das perífrases por gênero/sexo .....	93
<b>Tabela 9:</b> A distribuição das perífrases prototípicas e não-prototípicas .....	94
<b>Tabela 10:</b> Resultados da variável década no <i>corpus</i> .....	100
<b>Tabela 11:</b> A distribuição e a freqüência das perífrases na escrita acadêmica .....	105



<b>Tabela 12:</b> A distribuição das prototípicas e não-prototípicas nas monografias .....	109
<b>Tabela 13:</b> A atuação da variável modo de organização do discurso nas monografias.....	113
<b>Tabela 14:</b> Perífrases e verbos plenos em teste de atitude .....	155

## Índice de gráficos

<b>Gráfico 1:</b> Perfil das perífrases não-prototípicas (fala e escrita jornalística) .....	95
<b>Gráfico 2:</b> Perífrases prototípicas e não-prototípicas na escrita jornalística .....	101
<b>Gráfico 3:</b> Perífrases prototípicas e não-prototípicas na fala .....	102
<b>Gráfico 4:</b> Distribuição de uso por variedade, modalidade e prototipicidade .....	102
<b>Gráfico 5:</b> Década e faixa etária: prototípicas .....	103
<b>Gráfico 6:</b> Década e faixa etária: não-prototípicas .....	104
<b>Gráfico 7:</b> Perfil das perífrases não-prototípicas (monografias) .....	109

### **Abreviaturas e convenções:**

PUC-RIO→ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

UFRJ→ Universidade Federal do Rio de Janeiro

NURC → Projeto Norma Urbana Culta

VARPORT→ Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português

CLAC→ Cursos de Línguas Abertos à Comunidade

PCN → Parâmetros Curriculares Nacionais

GT→ Gramática Tradicional

Inq→ Inquérito

DID→ Diálogo entre informante e documentador

EF→ Elocução formal

D2→ Diálogo entre dois informantes

Vsup→ Verbo-suporte

VP→ Verbo pleno

Vpred → Verbo predicador

N→ Nome

Na→ Nome abstrato

Det→ Determinante

Quant→ Quantificador

Poss→ Possessivo

Prep→ Preposição

Adj→ Adjetivo

Prot → Prototípicas

Art. Def. → Artigo definido

Art. Ind. → Artigo indefinido

Pron → Pronome

Nome Pl → Nome pluralizado

SN → Sintagma nominal

SV → Sintagma verbal

OD → Objeto direto

OI → Objeto indireto

Elem → Elemento

PB → Português brasileiro

PE → Português europeu

## SUMÁRIO

<b>Prefácio</b> .....	21
<b>Introdução</b> .....	24
<b>1- Apresentação dos objetivos, problemas e hipóteses gerais</b> .....	29
1.1- Objetivos .....	33
1.2- Problemas .....	34
1.3- Hipóteses .....	35
<b>2- Revisão bibliográfica</b> .....	36
2.1- Sobre o conceito de verbo-suporte .....	36
2.1.2- Os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos do uso de verbos-suporte .....	41
2.1.3- Os verbos-suporte e as expressões cristalizadas .....	47
2.2- O tratamento dos verbos-suporte em livros didáticos .....	51
2.3- O tratamento dos verbos-suporte em dicionários portugueses .....	61
<b>3- Pressupostos teórico-metodológicos</b> .....	64
3.1- A Teoria da Variação ou Sociolingüística Variacionista.....	64
3.2- A metodologia de trabalho .....	69
3.2.1- Descrição do <i>corpus</i> .....	70
3.2.2- Variável dependente .....	71
3.2.3- Variáveis independentes .....	71
3.3- Os testes de atitudes.....	75
3.3.1- Objetivos, problemas e hipóteses .....	76
3.3.2- Descrição de cada teste .....	78
<b>4- Análise sociolingüística variacionista</b> .....	81

4.1- Análise dos <i>corpora</i> orais e escritos do PB e PE .....	82
4.2- Análise das monografias.....	105
<b>5- Análise dos testes de atitudes .....</b>	<b>115</b>
5. 1- Primeiro teste de atitudes: a possibilidade de alternância .....	115
5.2- Segundo teste de atitudes: os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos.....	122
5.3- Terceiro teste de atitudes: contexto e intenção comunicativa.....	139
5.4- Quarto teste de atitudes: o gênero textual e a situação de comunicação.....	153
5.5- Quinto teste de atitudes: o grau de afastamento de sentido .....	162
5.6- Sexto teste de atitudes: a postura de professores de Português .....	174
<b>6- Conclusão .....</b>	<b>185</b>
<b>7- Referências .....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>201</b>
Apêndice 1 .....	202
Apêndice 2 .....	205
Apêndice 3 .....	213
Apêndice 4 .....	218
Apêndice 5 .....	222
Apêndice 6 .....	226

## ***Prefácio***

Escrever um Memorial. Essa foi uma das exigências do processo de seleção para o Doutorado, do qual participei no final do ano de 2004. Achei uma tarefa fascinante. Redigir sobre minha trajetória acadêmico-profissional era um empolgante desafio. Essa experiência de escrita deixou marcas em mim e me inspirou a escrever este *Prefácio* a fim de tecer comentários, de forma menos impessoal, em torno do tema que vou desenvolver nesta pesquisa.

Sempre achei os trabalhos acadêmicos muito impessoais. De início, eu sentia muita dificuldade em escrever na terceira pessoa... Gosto de subjetividades. Escrever uma tese não é fácil. Passei por momentos de euforia e por instantes em que me senti até incapaz.

Contudo, eu já havia vivenciado uma experiência semelhante anteriormente. Não foi por acaso que intitulei meu trabalho no Mestrado de “*Dar* medo, *fazer* pesquisa, *ter* orgulho: perífrases de uma Dissertação”. De certo modo, eu tinha uma noção do que me aguardava no Doutorado, mas resolvi aceitar mais esse *desafio* em minha vida.

Quando minha Dissertação foi submetida a uma análise por parte da Banca, composta pelas professoras Doutoras Cláudia Roncarati e Marcia Machado Vieira, percebi que ela não respondia a inúmeras indagações, tais como:

- ✓ Os verbos plenos (como *respeitar*, *analisar*, *beijar*) são realmente considerados as formas de prestígio, enquanto as perífrases formadas pelos verbos-suporte (como *ter* respeito, *fazer* análise, *dar* beijo), são as formas estigmatizadas?
- ✓ Verbos plenos e perífrases, prototípicas e não-prototípicas, são estruturas semanticamente equivalentes?
- ✓ Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos acarretados pelo uso de perífrases não-prototípicas como *fazer uma visitinha*, *ter aquele respeito* ou *dar um beijão*?
- ✓ Quais considerações os falantes têm a fazer a respeito da possibilidade de alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes?

- ✓ Os professores de português estão atentos ao uso de perífrases, considerando-o como um recurso válido ou inadequado para os diversos gêneros textuais?
- ✓ Os falantes realmente tendem a evitar o uso de perífrases em situações formais ou na escrita?
- ✓ Qual a importância de se estudar a alternância entre verbos plenos e construções perifrásticas formadas por verbos-suporte?

Essas e outras perguntas eu me esforcei para responder nesta Tese, que está fundamentada em **uso** (análise de *corpus* do PB e PE) e **percepção** (análise de testes de verificação de atitudes lingüísticas).

Os testes de avaliação subjetiva também foram idealizados na tentativa de responder a algumas indagações, sobre as quais criei um pequeno texto de **motivação para o tema**, que pretendo apresentar no dia da defesa:

### ***Respostas alternantes?...***

Para quem está de dieta: fazer um lanchinho ou lanchar?

Para quem vai apreciar criticamente uma Tese: dar uma lida ou ler?

Para quem adora se recordar da saudosa infância: ter lembranças ou lembrar-se?

Para quem aprecia serviços domésticos: fazer aquela faxina ou faxinar?

Para quem está morrendo de saudades: dar um abraço ou abraçar?

Para quem vai discutir a relação: ter uma conversinha ou conversar?

Embora o contexto pareça favorecer uma das formas no texto acima, não haveria como apresentar um “gabarito” para as indagações propostas. Por exemplo, na primeira linha, em que poderíamos supor que a forma *fazer um lanchinho* representaria a possibilidade mais apropriada de uso, seria plausível uma resposta como: “As pessoas que estão de dieta **lançam** (e não *fazem lanchinho*), pois normalmente abrem mão do jantar”.

Gosto de escrever. Uma das partes de que mais gostei neste trabalho foi a elaboração das situações para os testes de atitudes (cf. testes 2 e 3) e a escrita da redação sobre drogas (cf. teste 6) que, inclusive, pretendo usar em trabalhos futuros com turmas de Ensino Fundamental.

Recordo-me de que uma das justificativas que utilizei, no Memorial, para fundamentar o meu desejo de cursar o Doutorado foi a de que eu não queria, como se diz por aí, “terminar os meus estudos”.

E não quero mesmo. Sei que ainda tenho muitas coisas para aprender, e também para ensinar. Ainda acho que posso mudar o mundo, nem que seja o *meu* mundo, o meu interior. Quero escrever muito, e escrever mais livros também. Como afirmou Mário Quintana: “*Livros não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.*”

E, para isso, quero “funcionar” tanto como verbo-suporte, quanto como verbo pleno!...



## Introdução

*Dar* queixa. *Fazer* queixa. *Ter* queixa. A questão, proposta no título desta Tese, envolve uma investigação acerca da possibilidade de as perífrases supracitadas apresentarem correspondência com o verbo pleno *queixar-se*. Sem levar em conta o contexto, é possível afirmar que, no caso de *dar queixa* e *fazer queixa*, a correspondência com *queixar-se* é perfeitamente aceitável. No entanto, quando se trata da perífrase *ter queixa*, a situação é diferente, já que nem sempre *ter queixa* pressupõe o ato de externar esse “descontentamento”, embora essa idéia de insatisfação esteja presente nas três construções perifrásticas.

A resposta à questão da preservação de um mesmo significado básico entre construções perifrásticas e verbos plenos já foi apontada por Portela (2004), e reconhecida por dicionaristas e lingüistas, mesmo nos casos de perífrases de configuração não-prototípica. Essa questão fica clara em exemplos como “conversar” e “ter uma conversinha”, em que existe a idéia básica, em ambas as construções, do estabelecimento de um diálogo, embora no segundo caso haja uma nuance semântica responsável por veicular um efeito de admoestação ou mesmo de afetividade, a depender do contexto de enunciação.

O referido trabalho revelou que o uso de uma forma simples ou de uma forma perifrástica se mostra relacionado a condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos. Essa investigação, porém, não pode se apoiar apenas em fatores clássicos da Sociolingüística Laboviana, como sexo/gênero, grau de formalidade, classe social, faixa etária, década. A abordagem deve levar em consideração fatores semânticos, pragmáticos e discursivos, tais como gênero textual, efeitos semânticos especiais, contexto discursivo, modo de organização do discurso, entre outros. Além disso, a aplicação de testes de verificação de atitudes lingüísticas, ou as chamadas “pesquisas de opinião”, também tem muito a revelar sobre o uso e a percepção dos falantes no que se refere à alternância entre perífrases e verbos plenos correspondentes.

Voltando ao título desta pesquisa, percebe-se que é possível utilizar seus dados para melhor vislumbrar a importância de se considerar a influência dos novos fatores variáveis.

Podem-se tomar como exemplos tais construções ocorrendo em um mesmo contexto, a fim de verificar as flutuações semânticas que podem ocorrer:

(1) Ela contou ao irmão que a sua casa foi assaltada e que ela quer **dar queixa** na polícia.

(2) Ela contou ao irmão que a sua casa foi assaltada e que ela quer **fazer queixa** na polícia.

(3) Ela contou ao irmão que a sua casa foi assaltada e que ela quer **ter queixa** na polícia.

(4) Ela contou ao irmão que a sua casa foi assaltada e que ela quer **se queixar** na polícia.

Essas perífrases possuem um mesmo significado básico, que consiste na existência de um descontentamento com uma determinada situação, mas existem pequenas diferenças que permitem considerar os exemplos (1) e (2) como mais próximos da idéia que se quer comunicar: o desejo de **registrar** uma queixa na polícia. Os verbos-suporte *dar* e *fazer* sugerem a idéia de *atividade*. Já na construção (3), há uma noção de passividade e o foco de atenção está centrado no documento a ser adquirido. A construção (4), embora também apresente uma idéia de atividade, comunica uma maior *completude* em termos de aspecto verbal. Parece que o falante deseja, além de efetivar o registro, extravasar uma reclamação, com possibilidade de, inclusive, cobrar a responsabilidade da polícia pelo assalto ocorrido.

A existência de uma correspondência entre o verbo pleno e a perífrase é necessária para a presente pesquisa, uma vez que só serão objeto de estudo as construções perifrásticas comutáveis por verbo pleno cognato do nome da perífrase, excluindo-se casos como *fazer ginástica*, *ter noção* ou *dar trabalho*, em que não se conta com uma forma verbal simples correspondente. A escolha desses três verbos fundamenta-se na sua considerável produtividade, constatada, inclusive, no levantamento do léxico da fala carioca, efetuado por integrantes do projeto NURC: 15.010 ocorrências de *ter* na fala e 754 na escrita; 4743 ocorrências de *fazer* na fala e 738 na escrita; 2330 ocorrências de *dar* na fala e 434 na escrita.

Neste trabalho, também se pretende estudar as diferentes nuances semânticas que as perífrases de configuração não-prototípica geralmente carregam em si, como nos casos de estruturas do tipo *dar beijinho* (beijar), *ter muita inveja* (invejar) e *fazer comparações* (comparar), sempre considerando a questão da manutenção de um mesmo significado básico ou a existência de um significado abrangente, entre as formas. Além disso, deve-se salientar que a abordagem variacionista se justifica mais pela comparabilidade funcional existente entre

as formas: (dois ou mais) significados distintos das formas alternantes apresentam uma mesma função/significado abrangente comum.

A presente pesquisa contará com o seguinte *corpus*: (i) dados de fala e escrita do português brasileiro e europeu; (ii) dados de monografias do português brasileiro, (iii) testes de atitudes para a verificação de atitudes lingüísticas.

Os dados serão analisados dentro de um contexto interacional, e não em frases descontextualizadas, como as analisadas anteriormente em (1), (2), (3) e (4). Assim, é possível tomar como exemplo os mesmos dados inseridos em uma determinada situação de interação:

(5) A: Quer dizer que a sua casa foi assaltada e você ainda não **deu queixa** na polícia?

B: Eu não sei se vou mesmo **fazer queixa**.

A: Por quê?

B: Porque eu já **tive queixa** lá e não gostaria de me expor novamente.

A: Tem certeza? Ainda há tempo. Depois, não vá **se queixar**...

(Fragmento adaptado do inquérito 07 do PEUL)

O sentido do verbo pleno *queixar-se* não se iguala a nenhuma das três perífrases justamente em função do contexto interacional em que ocorre. O sentido deste verbo no fragmento acima é simplesmente o de *reclamar*, *manifestar descontentamento*, e não o de **registrar** uma queixa. Além disso, em *tive queixa* fica evidente que o informante já foi alvo de uma denúncia feita por alguém contra ele ou que já haveria uma queixa feita por ele próprio e, por isso, ele não deseja se expor mais uma vez.

Levando em conta toda essa discussão, pretende-se tratar, no primeiro capítulo desta Tese, dos objetivos, problemas e hipóteses de trabalho, a fim de tornar ainda mais claros o objeto de estudo e o tratamento a ele dispensado nesta pesquisa.

No segundo capítulo, proceder-se-á a uma revisão bibliográfica por temas que envolvem os verbos-suporte, bem como a alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes, tratando de aspectos relacionados ao fenômeno em estudo.

Deste modo, nessa revisão, tenciona-se abordar a questão da dessemantização dos verbos-suporte, desconstruindo a idéia, amplamente difundida, de que os verbos-suporte são semanticamente vazios, e procurando demonstrar como a troca de um por outro pode acarretar alterações de nuances semânticas.

O peso semântico dos elementos intervenientes nas perífrases será estudado, em razão de serem eles os responsáveis pelas flutuações semânticas que, embora não afetem o significado básico, acarretam pequenas nuances de sentido diferenciadas entre as construções perifrásticas e os verbos plenos correspondentes.

A revisão bibliográfica também irá contemplar as diferenças entre as construções perifrásticas e as expressões idiomáticas. A base fundamental da questão refere-se ao fato de que, nas construções perifrásticas, os verbos-suporte contribuem para o significado do todo, já que o seu esvaziamento semântico não é total. Por outro lado, nas expressões idiomáticas (*ter cabelinho nas ventas, fazer das tripas coração, dar com os burros na água*), o significado do todo não é depreendido pela soma do significado de seus componentes.

Também será travada uma discussão a respeito da situação dos verbos-suporte nos livros didáticos, demonstrando a dualidade do tratamento dispensado às construções perifrásticas, ora vistas como *marcas de empobrecimento vocabular*, ora vistas como *eficientes ferramentas discursivas* a fim de garantir a versatilidade semântica e sintática dos textos. Neste item, será discutido também o preconceito lingüístico que vincula o uso de perífrases a possíveis descuidos com o texto, por conta de (i) uma visão estreita da (im)possibilidade de haver repetição de termos, sobretudo na escrita, (ii) o seu uso estar ligado à falta de precisão vocabular, (iii) a utilização de perífrases ser associada à falta de concisão. Será visto que essas restrições geram, por vezes, uma visão negativa da utilização de perífrases verbo-nominais.

Pretende-se discutir, ainda, a situação dos verbos-suporte em dicionários portugueses, na tentativa de comprovar que os dicionaristas já aceitavam a equivalência semântica entre as perífrases e os verbos plenos correspondentes, e também eles não apresentavam critérios bem definidos que pudessem separar os casos de perífrases dos casos de expressões idiomáticas.

No terceiro capítulo, pretende-se tratar dos pressupostos teórico-metodológicos que nortearam a produção deste trabalho, fundamentando a opção pela *Teoria da Variação*, e apresentando o *corpus* de trabalho.

No quarto capítulo, será realizada a análise variacionista dos dados, tratando das variáveis selecionadas e interpretando os resultados obtidos.

No quinto capítulo, serão analisados os testes de atitudes, a fim de constatar, principalmente, quais seriam as motivações semânticas, discursivas e pragmáticas que envolvem a opção pela construção perifrástica em lugar do verbo pleno correspondente, partindo do viés dos informantes acerca de várias facetas do fenômeno em estudo, como a

equivalência semântica entre verbos plenos e perífrases, o papel do contexto e da intenção comunicativa, a postura de professores de português, a influência do gênero textual e da situação comunicativa na opção por uma das formas, o grau de afastamento/proximidade de sentido entre elas.

Na conclusão, serão avaliadas e comentadas as contribuições desta pesquisa para o entendimento do fenômeno da alternância entre as construções perifrásticas formadas pelos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer* e verbos plenos correspondentes, além de apresentar as questões que merecem ser repensadas ou aprofundadas e os possíveis desdobramentos da presente pesquisa.

## 1- Apresentação dos objetivos, problemas e hipóteses gerais

A alternância entre construções perifrásticas formadas por verbos-suporte (*dar opinião, fazer reclamação, ter medo*) e verbos plenos cognatos do nome que as compõe (*opinar, reclamar, temer*) tem sido explicada por motivações como necessidade de variar o estilo, adequação ao grau de formalidade, possibilidade de evitar as repetições, recurso para adoçar a “cruza” de certos verbos simples, obtenção de versatilidade sintática, etc. Contudo, ainda carecem de uma investigação mais profunda os fatores de natureza semântica, discursiva e pragmática que envolvem a atualização de uma forma simples ou complexa.

Deste modo, o objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar os condicionamentos lingüísticos e extralingüísticos que interferem na ocorrência de uma construção perifrástica formada pelos verbos-suporte *ter, dar e fazer* ou um verbo pleno correspondente, além de promover uma reflexão sobre atitudes lingüísticas, por meio da aplicação de testes de avaliação subjetiva.

Um trabalho de grande destaque no cenário dos estudos acerca desse fenômeno lingüístico é o de Neves (2000). A autora enfatiza, em sua pesquisa, as implicações do uso das perífrases em lugar dos verbos plenos correspondentes, partindo do pressuposto de que tais estruturas apresentam um mesmo significado básico:

A partir do fato de que muitas construções com verbo-suporte correspondem a outras construções com o mesmo significado básico, é necessário entender que o falante deve optar pelo emprego de um verbo-suporte porque com o emprego desse verbo obtém algum efeito especial. p. 55 e 56

Saliente-se que, neste estudo, não se considera que o emprego do verbo pleno não acarrete efeitos, mas apenas se ressalta que serão objeto de estudo os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos acarretados pelo uso de uma construção perifrástica. Além disso, é necessário atentar para o fato de que as formas alternantes<sup>1</sup>, verbos plenos e perífrases, não possuem o mesmo valor de verdade, compreendendo que a expressão “*mesmo significado básico*”, nas palavras de Neves (*op. cit.*), não implica a idéia da sinonímia absoluta entre as formas, haja vista os chamados efeitos especiais, citados pela autora. Importa ressaltar,

---

<sup>1</sup> Alguns autores, como Machado Vieira, consideram que certas perífrases de configuração não-prototípica não seriam totalmente “correspondentes” aos respectivos verbos plenos, como *dar um abraço/abraçar, ter uma conversinha/conversar, fazer aquela comparação/comparar*, e seriam, portanto, formas “relativamente alternantes”.

sobretudo, que as duas formas em análise compartilham uma mesma macrofunção, apresentando comparabilidade funcional.

A autora chama a atenção novamente, em outro trecho, para o fato de que a utilização de uma construção com verbo-suporte pode acarretar determinados efeitos especiais:

De fato, as construções com verbos-suporte e as construções correspondentes com verbo pleno têm basicamente o mesmo sentido, mas os resultados semânticos obtidos nas duas construções nunca são idênticos. O falante pode, com a opção de construção com verbo-suporte, obter diversos efeitos semânticos. p.58

Convém esclarecer que, neste estudo, também se pretende ampliar a noção de prototipicidade apresentada por Neves (*op. cit.*), segundo a qual as perífrases prototípicas não apresentam determinantes, ocorrendo com um SN nu. Na verdade, para que se considere uma perífrase como prototípica, além de **não** apresentar elemento interveniente, conforme preconiza a autora, ela deve ser formada por um nome que: **não** esteja no plural, **não** esteja no diminutivo (ou aumentativo), **não** esteja no particípio e **não** se encontre topicalizado, como nos respectivos exemplos a seguir, que não se configuram em construções prototípicas:

- (6) Ela **faz coleções** de cadernos.
- (7) Joana sempre **dá beijinho** no namorado.
- (8) Joaquim **fez fiado** a encomenda.
- (9) **Medo** do irmão ela não **tem**.

A fim de melhor compreender essa questão, faz-se necessário discutir também a noção de *efeitos semânticos* considerada no presente estudo. A autora defende que “os resultados semânticos obtidos nas duas construções nunca são idênticos”. Isto posto, questiona-se: nos exemplos (10) e (10a), há resultados semânticos distintos?

- (10) Você não vai me **ajudar**?
- (10a) Você não vai me **dar uma ajuda**?

É certo que sim. As construções em destaque têm o mesmo significado básico, mas em (10a) ocorre uma espécie de modalização discursiva, no sentido de minimizar o pedido de auxílio feito, através de uma nuance semântica que a forma plena não possui. Assim, convém esclarecer o que se está rotulando de efeitos semânticos, no presente estudo.

Entende-se por *efeitos semânticos* as nuances semânticas que as construções perifrásticas não-prototípicas<sup>2</sup> podem veicular em razão da própria inserção de elementos intervenientes (artigos, pronomes, adjetivos, etc.) e em função de o nome que as compõe poder apresentar *contaminações* semânticas, como marcas de diminutivo ou aumentativo, participípio, plural. Neste sentido, as perífrases prototípicas não apresentariam esse tipo de efeito semântico, embora se reconheça que em construções como *ter/dar/fazer queixa* ocorram diferenças, em termos semânticos, em razão da ocorrência de verbos-suporte distintos.

A título de ilustração, podem ser citados alguns exemplos de estruturas perifrásticas não-prototípicas e as estratégias, de naturezas distintas, usadas pelo falante para alcançar o efeito semântico desejado.

(11) Eu vou **analisar** a questão.

(11a) Eu vou **fazer *minha análise*** da questão.

A perífrase, em (11a), apresenta, como elemento interveniente, o pronome possessivo, que exerce a função de *elemento enfático*, uma espécie de reforço argumentativo da noção expressa pelo pronome reto e pelo verbo na primeira pessoa do discurso, que geram também um efeito de subjetividade.

(12) Ela tem que **desfiar** a carne.

(12a) Ela tem que **dar uma *desfiada*** na carne.

Nesse caso, o sufixo -ada, em (12a) afeta a *completude* do processo expresso pelo verbo pleno, atenuando-a, com o auxílio do artigo indefinido.

(13) Eu **duvido** da sua versão dos fatos.

(13a) Eu **tenho *dúvidas*** da sua versão dos fatos.

Em (13a), o plural do nome integrante da perífrase funciona como um recurso eufemístico, a fim de atenuar a carga semântica do verbo pleno.

---

<sup>2</sup> Note-se que essa não é, entretanto, uma regra geral, pois há exemplos de perífrases não-prototípicas que não veiculam uma nuance semântica, como parece ser o caso de algumas perífrases compostas por artigos definidos e indefinidos.



(14) Você não gosta de **beijar** o papai?

(14a) Você não gosta de **dar beijinho** no papai?

O uso do sufixo –inho, em (14a), comunica maior afetividade.

Com este estudo, pretende-se investigar melhor esses efeitos semânticos, a partir de um levantamento de seu uso em perífrases formadas pelos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer*. Algumas questões merecem ser investigadas:

- ✓ Os recursos utilizados para a obtenção desses matizes diferenciados de sentido são os mesmos para os três verbos?
- ✓ Haveria uma gradação de aproximação ou afastamento de sentido das perífrases não-prototípicas, em relação aos verbos plenos, de acordo com o tipo de recurso usado para a obtenção de um efeito semântico especial?
- ✓ Os usuários do Português têm consciência desses diferentes matizes de sentido ocasionados pelo uso de uma construção perifrástica no lugar do uso de um verbo pleno?

Além disso, pretende-se, neste estudo, analisar os condicionamentos discursivos e pragmáticos que atuam na escolha do falante por uma construção perifrástica, (prototípica e não-prototípica) ou por um verbo pleno correspondente. Costuma-se rotular de fatores discursivo-pragmáticos aqueles que levam em conta não só a organização discursiva, mas também o contexto de enunciação e a interação emissor-receptor.

Assim, faz-se necessário esclarecer como estão sendo concebidos esses condicionamentos, neste trabalho:

*Efeitos discursivo- pragmáticos:* Efeitos que envolvem a opção pelo uso de uma perífrase em função do discurso, tais como aqueles associados à interferência do gênero textual, à seleção vocabular, ao tipo de assunto abordado ou ao público-alvo a que se destina o texto, ao estabelecimento de determinado grau de formalidade. Considera-se, igualmente, que o tipo de interação também interfere na utilização de perífrases (conferência, bate-papo, *chats*, etc), além da própria interação emissor-receptor. Além disso, esses efeitos envolvem o uso de uma perifrástica em razão da própria enunciação ou do contexto situacional. Entende-se que essa escolha pode revelar muitas informações acerca do universo dos próprios falantes (seus desejos, valores, crenças, etc); essa utilização também tende a indicar uma intenção comunicativa do falante (persuadir, ironizar, advertir, etc).

Note-se que, de acordo com o presente estudo, esses efeitos, ao contrário dos semânticos, podem ser alcançados tanto pelas formas perifrásticas prototípicas quanto pelas não-prototípicas.

Ainda a propósito do uso de construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes, Neves (2002) tece mais um comentário, considerando a existência de nuances semânticas diferenciadas entre as formas simples e perifrásticas (apesar de já ter admitido que ambas apresentam um mesmo significado básico):

Para o caso dos verbos-suporte, pense-se no fato de que, se é diferente dizer *dar um riso* e *rir*, ou *dar uma olhada* e *olhar*, essa diferença, que é especialmente semântica e que reflete alterações na versatilidade sintática, passa, entretanto, pela pragmática, tudo isso com grande importância como guia de uso para o falante. p. 206

Nesta pesquisa, pretende-se contar também com testes de avaliação subjetiva, a fim de investigar a atitude dos falantes em relação ao uso de construções perifrásticas, a partir de reflexões sobre escolhas lingüísticas.

## 1.1 – Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é analisar, qualitativamente e quantitativamente, os fatores lingüísticos e extralingüísticos que norteiam o uso de construções perifrásticas do tipo *dar um conselho*, *fazer minha comparação*, *ter respeito* e verbos plenos correspondentes, como *aconselhar*, *comparar* e *respeitar*.

Os objetivos específicos deste estudo são, entre outros:

- 1) Discutir de que modo é possível considerar como tendo “o mesmo significado básico” as construções perifrásticas, prototípicas ou não, formadas pelos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer* e os verbos plenos cognatos do nome que compõe tais perífrases.
- 2) Constatar como os elementos intervenientes das perífrases não-prototípicas e as diferentes configurações dos nomes que as compõem podem, em princípio, codificar certas nuances semânticas de natureza distinta que as formas plenas, por si sós, não apresentam.
- 3) Discutir sobre os diversos efeitos semânticos acarretados pela utilização de perífrases não-prototípicas, bem como os efeitos discursivos e pragmáticos que podem ser alcançados a partir do uso de construções perifrásticas em geral.

- 4) Comparar o uso de verbos plenos em alternância com perífrases em gêneros textuais diferenciados, por meio de *corpora* falados e escritos, com o intuito de atestar se o fator gênero textual ou a modalidade expressiva interferem na ocorrência de uma ou outra forma.
- 5) Aplicar testes de verificação de atitudes lingüísticas, possibilitando que os falantes se manifestem quanto à possibilidade de haver diferenças e/ou semelhanças entre predicadores complexos e predicadores simples cognatos ao nome daqueles, no que se refere ao sentido e ao uso, averiguando também quais seriam as possíveis restrições quanto ao emprego de perífrases formadas por verbo-suporte.

## 1.2 – Problemas

Alguns questionamentos envolvendo a opção por uma construção perifrástica ou um verbo pleno correspondente revelam-se de extrema relevância para o presente estudo:

- 1) As construções prototípicas e as não-prototípicas são portadoras de um mesmo significado básico, no que se refere aos verbos plenos correspondentes? Em que critério é possível se pautar a fim de que se estabeleça uma correspondência entre tais estruturas?
- 2) É possível determinar quais seriam as nuances semânticas passíveis de serem codificadas pelas perífrases de configuração não-prototípicas?
- 3) Os efeitos semânticos obtidos a partir do uso de uma perífrase não-prototípica são os mesmos com as formas verbais *ter*, *dar* e *fazer*, configurando-se aqueles em recursos acessíveis aos verbos-suporte em geral?
- 4) A polifuncionalidade dos verbos *ter*, *dar* e *fazer* acarreta uma utilização bastante freqüente desses verbos, em variadas estruturas. O seu uso costuma ser, inclusive, considerado marca de *pobreza vocabular*. Haverá uma maior utilização dos verbos plenos em textos escritos, devido à atuação de princípios, reforçados pela escola, como “evite repetição de termos”, “seja conciso” ou “use verbos mais específicos”?
- 5) Os falantes detectam as diferenças e/ou semelhanças entre as construções com verbos-suporte e os verbos plenos? Eles consideram o uso do verbo pleno como

mais adequado ou não estabelecem nenhuma distinção referente ao significado ou ao uso de perífrases e verbos predicadores?

### 1.3 – Hipóteses

Tomando por base os problemas iniciais explicitados, algumas hipóteses lingüísticas e discursivas podem ser formuladas:

- 1) As perífrases prototípicas e não-prototípicas apresentam o mesmo significado básico, apresentando comparabilidade funcional por compartilharem um mesmo domínio funcional.
- 2) Os elementos intervenientes, por terem pesos semânticos distintos, e a configuração do nome que compõe a perífrase poderão acarretar nuances semânticas não codificáveis pelas formas simples por si sós.
- 3) Os efeitos semânticos obtidos, a partir da ocorrência de uma perífrase não-prototípica, nem sempre são os mesmos com a utilização dos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer*, em razão das diferentes combinações com os nomes.
- 4) O gênero textual parece ser atuante no estudo da alternância entre perífrases e verbos plenos, já que os verbos-suporte, rotulados como verbos-ônibus por manuais de redação, costumam ser muito recorrentes por tomarem parte de várias estruturas, levando o falante a optar pelo uso de verbos plenos para fugir às repetições, para renovar o acervo lexical, além de atentar para a concisão e uso de um vocabulário específico. Esse procedimento provavelmente será efetivado mais no texto escrito do que no falado.
- 5) Os falantes são capazes de detectar semelhanças e diferenças, tanto de sentido quanto de uso, entre as formas perifrásticas e os verbos plenos correspondentes.

## 2- Revisão bibliográfica

Nesta seção, discutem-se temas referentes ao fenômeno em estudo, apresentando a contribuição de lingüistas e dicionaristas, a fim de que, posteriormente, seja possível uma ampliação das discussões em torno da ocorrência de uma perífrase verbo-nominal em lugar de um verbo pleno correspondente.

## 2.1 – Sobre o conceito de verbo-suporte

Dissertar acerca dos verbos-suporte não é tarefa fácil, a começar pela existência de uma gama variada de nomenclaturas para o mesmo fenômeno: verbos leves, verbos funcionais, verbalizadores, verbos auxiliares, verbóides, verbos de apoio.

O objetivo desta seção consiste em discutir o conceito de verbo-suporte a partir de quatro definições de três autores diferentes. A questão norteadora desta discussão consistirá em constatar se os verbos-suporte são, de fato, **semanticamente vazios**, como afirmam alguns deles. Serão apresentadas apenas as construções perifrásticas com os verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer*, posto que são eles os objetos de estudo desta pesquisa.

Quando dotados de sua plenitude semântica, esses verbos são rotulados de *plenos*:

- (15) Ela *tem* um belo automóvel.
- (16) Joana *deu* o livro ao menino.
- (17) Eles já *fizeram* uma ponte na rodovia.

Note-se que os complementos diretos dos três verbos apresentam o traço + *concreto*. Nesses casos, os verbos funcionam como núcleos do predicado. Contudo, o mesmo não ocorre quando esses verbos são usados como verbos-suporte, circunstância em que os “complementos” figuram como abstratos e o nome passa a exercer o papel de núcleo do predicado:

- (18) Ela não *tem vergonha* de se expor publicamente.
- (19) Mariana não *deu uma explicação* satisfatória sobre a matéria.
- (20) Não vou *fazer a análise* dos resultados.

Observe-se que as perífrases apresentam uma correspondência com um verbo derivado do nome que compõe a construção perifrástica: *envergonhar-se, explicar, analisar*, nessa ordem.

Afinal, como conceituar os verbos-suporte? Pretende-se discutir quatro definições de três autores diferentes para esse tipo de verbo: as definições de Neves (1996, 2000), a de Borba (1996) e a de Houaiss & Villar (2001).

A primeira é a da lingüista Neves (1996): “Verbos-suporte são verbos semanticamente vazios, que permitem construir um SV com Vn em relação de paráfrase com um SV.”

Note-se que a autora enfatiza o fato de serem os verbos-suporte *semanticamente vazios*, isto é, destituídos de qualquer significação léxica e, além disso, aponta um critério de identificação de tais verbos, que é a possibilidade de substituição das perífrases por verbos plenos em paráfrase com tais estruturas.

A esse propósito, afirmam Bosque & Demonte (1999):

*o critério mais claro para identificar que verbos podem ser de apoio consiste em verificar se graças a eles se pode construir um sintagma (<verbo de apoio + sintagma nominal>) equivalente a um verbo sinônimo na língua: fazer menção/mencionar, dar um beijo/beijar.<sup>3</sup>*

No entanto, os mesmos autores admitem que o critério da equivalência não é absoluto, uma vez que podem ser formadas construções com verbos-suporte que não apresentam equivalência com um verbo morfologicamente afim com o nome integrante da perífrase, como nos casos arrolados abaixo:

(21) Joana não *tem condições* de sair à noite.

(22) Ontem eu *dei aula* cedo.

(23) Ele *fez ginástica* pela manhã..

---

<sup>3</sup> Lê-se no original: “*El criterio más claro para identificar que verbos pueden ser de apoyo consiste en verificar si gracias a ellos se puede construir un sintagma (<verbo de apoyo + sintagma nominal>) equivalente a un verbo sencillo de la lengua: hacer mencion/ mencionar, dar un beso/ besar.*”

Neves (2000) apresenta, ainda, uma outra definição para os verbos-suporte: “Os verbos-suporte são verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo pleno da língua.”

Note-se que a autora já não afirma que os verbos-suporte são **destituídos** de significação léxica, já que, segundo ela, eles contribuem semanticamente para o significado global da construção, atenuando sua definição anterior. Além disso, a autora salienta que tais verbos correspondem semanticamente, em linhas gerais, a um verbo pleno da língua, por ser ele cognato do nome que compõe a perífrase.

Sobre essa questão, deve-se atentar para o fato de que a inserção de determinados elementos intervenientes e a modificação na configuração do nome que compõe as perífrases podem acarretar nuances semânticas diferenciadas entre perífrases e verbos plenos correspondentes, embora o significado básico entre as formas não seja comprometido (comparar/fazer *aquela* comparação, beijar/dar *beijinho*, temer/ter *muito* medo).

Uma outra definição de verbos-suporte pode ser encontrada em Borba (1996):

Os verbalizadores ou verbos-suporte são verbos que, tornando-se vazios de sua significação léxica, compõem sintagmas verbais complexos introduzindo predicados cujo núcleo é um nome/adjetivo. Chamam-se verbalizadores por apontarem para a função verbal (= predicativa) do nome/adjetivo que introduzem e verbo-suporte por suportarem ou expressarem categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa.

Como se pôde notar, essa definição também privilegia o aspecto da **dessemantização** dos verbos-suporte, uma vez que se elucida que eles podem se tornar “vazios de sua significação léxica”. Ela apresenta o mérito de explicar a razão das duas nomenclaturas diferentes com as quais trabalha: verbalizadores e verbos-suporte. Eles apontam para a função verbal e suportam as noções verbais de tempo, modo, número e pessoa.

Portela (2004) lembra que, nos casos de *infinitivo* e de *gerúndio*, os verbos-suporte não apresentam tais propriedades, que fica a cargo de outros verbos ocorridos antes deles no enunciado, como se pode observar nos exemplos seguintes, muito semelhantes aos casos encontrados nos *corpora* da presente pesquisa:

(24) Eu prefiro *fazer viagem* de automóvel.

(25) Os bandeirinhas estão lá *fazendo sinais*.

Uma outra definição a ser analisada é a de Houaiss & Villar (2001), em que não se apresenta a noção de esvaziamento semântico do verbo-suporte:

É usado com o complemento com o qual forma uma unidade semântica, perdendo neste emprego parte de sua significação como verbo pleno, mas mantendo alguns traços gerais de seu sentido, entre os quais a noção de ação (*fazer ginástica, fazer uma viagem*), processo (*tomar impulso*), estado (*ter conhecimento*).

Essa definição esclarece que os verbos-suporte perdem *parte* de sua significação como verbo pleno, já que passam a formar uma unidade semântica com o nome integrante da perífrase. Além disso, esse conceito de verbo-suporte apresenta o mérito de salientar que o verbo mantém traços gerais de sua significação.

De fato, o esvaziamento semântico do verbo-suporte não é absoluto, já que ele pode carrear em si noções como ação, processo e estado.

Assim, a troca de um verbo-suporte por outro acarreta mudanças de sentido, como se comprova nos exemplos abaixo:

(26) Hoje eu **tenho** uma consulta no hospital.

(27) Hoje eu vou **dar** uma consulta no hospital.

(28) Hoje eu **fiz** uma consulta no hospital

Portela (2004) lista pares de verbos-suporte que, combinados aos mesmos nomes, apresentam sentidos diferentes, como: *ter* importância/*dar* importância; *ter* explicação/*dar* explicação; *ter* vergonha/*dar* vergonha; *ter* preocupação/*dar* preocupação.

Postura semelhante já assumia Machado Vieira (2003): “Um verbo-suporte contribui para a formação semântica do predicado verbo-nominal, apesar de o item nominal ser o principal responsável pelas propriedades semânticas da predicação nuclear.” A autora cita como exemplo as frases “O professor *tem* confiança em seus alunos/O professor *dá*/ passa confiança a seus alunos”.

Os comentários dos autores acerca dos verbos-suporte costumam pôr em relevo as suas características semânticas, sintáticas, morfológicas e discursivo-pragmáticas, conforme se pode observar no quadro a seguir:



### Verbos-suporte na formação de perífrases: comentários

Semânticos	Morfológicos	Sintáticos	Discursivos/pragmáticos
“Verbos-suporte são verbos semanticamente vazios.” (NEVES, 1996) “São verbos de significado bastante esvaziado” (NEVES, 2000)	“Suportam ou expressam categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa.” (BORBA, 1996)	“São verbos que compõem sintagmas verbais complexos, introduzindo predicados nominais cujo núcleo é um nome/adjetivo” (BORBA, 1996)	“Essa constituição de formas perifrásticas tem duplo valor: permite variar o estilo, evitando repetições e adoça a crueza de certos verbos simples.” (LAPA, 1968)
“São verbos que se tornam vazios de sua significação léxica.” (BORBA, 1996)	“É comum derivar-se um verbo pleno do radical do nome que compõe a construção.” (BORBA, 1996)	“Quando funciona como verbo-suporte, o chamado OD não faz de argumento, tendo na verdade a natureza de um predicado, orientado o evento e classificando ou identificando o referente” (HOUAISS & VILLAR, 2001)	“Na língua portuguesa, o falante conta com determinadas expressões perifrásticas de base verbal que parecem fazer parte do discurso repetido e cujo uso vem aumentando progressivamente. Muitas delas apresentam correspondência perfeita com um lexema isolado existente na língua (ex. <i>dar início</i> = iniciar).” (ARAGÃO, 1988)
“Constitui, com o substantivo (que na GT é o seu OD), um todo semântico. (HOUAISS & VILLAR, 2001)	“A inserção de determinantes como artigos ou pronomes não desfaz tais locuções verbo-nominais.” (BORBA, 1996)	“Pode-se construir um sintagma (v. de apoio + sintagma nominal) equivalente a um verbo sinônimo na língua ( <i>Fazer menção</i> = mencionar, <i>dar um beijo</i> = beijar).” (BOSQUE & DEMONTE 1999)	“ <i>Fazer</i> é um verbo-suporte ‘default’ de que o falante dispõe para formar construções alternativas às já existentes ou renovar o acervo lexical.” (MACHADO VIEIRA, 2001)
“Um grupo fraseológico que pode ser substituído por um verbo simples portador do mesmo significado.” (LAPA, 1968)	(O verbo <i>fazer</i> ) “atua à semelhança de um afixo formador de verbo”. (MACHADO VIEIRA, 2001)	“São verbos que permitem construir um SN com Vn em relação de paráfrase com um SV.” (NEVES, 1996)	“A escolha por uma construção com verbo-suporte permite ao falante comunicar maior afetividade ( <i>dar beijinho</i> ), atenuar a carga semântica do verbo pleno ( <i>ter dúvidas</i> ) e indicar um registro mais informal ( <i>fazer aniversário</i> ).” (PORTELA, 2004)

Tabela 1: Comentários sobre verbos-suporte na formação de perífrases

Observe-se que, de acordo com Machado Vieira (2001) e Lapa (1968), a escolha por uma construção com verbo-suporte pode se constituir em uma estratégia para evitar a repetição do verbo pleno, como em:

(29) A professora *corrigiu* as redações, embora não gostasse de *fazer correções* nos textos dos alunos.

A questão da formalidade também pode ser considerada quando se opta pelo uso de um verbo pleno ou uma construção com verbo-suporte, como elucida Portela (2004). Assim, a construção (30) parece soar como mais formal que a construção (30a):

(30) Vim aqui a fim de *parabenizar* você pelo aniversário.

(30a) Vim aqui a fim de *dar parabéns* a você pelo aniversário.

Conforme foi visto, uma análise mais profunda das diversas definições de verbos-suporte permite-nos concluir que eles não podem ser considerados vazios de sua significação léxica, uma vez que contribuem para o sentido da construção perifrástica da qual tomam parte.

### **2.1.2- Os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos do uso de verbos-suporte**

A utilização de um verbo pleno (*interessar-se, entrevistar, apoiar*) ou uma perífrase prototípica (*ter interesse, fazer entrevista, dar apoio*) costuma ser explicada por dois fatores: necessidade de versatilidade sintática e renovação do acervo lexical. Neste caso, não entram em cena fatores de natureza semântica, já que as duas formas, além de apresentarem basicamente um mesmo significado, não apresentam certas nuances semânticas diferenciadas, como no caso das não-prototípicas. Essas últimas caracterizam-se por apresentarem elementos intervenientes (*ter meu interesse, fazer esta entrevista, dar bastante apoio*), alterações no nome que as compõe (*dar risinhos, fazer passeios*) ou alteração na ordem dos constituintes (*medo eu não tenho*).

De acordo com a sua configuração, essas perífrases codificam determinadas nuances semânticas que o verbo pleno correspondente, por si só, não codifica. Essas nuances parecem obedecer a uma escala de gradação, conforme apontado por Portela (2004), que apresentou uma espécie de *continuum* com dois extremos: as perífrases compostas de um elemento

interveniente como o artigo indefinido (*fazer um comentário, dar uma sugestão*) e as perífrases compostas de adjetivos (*fazer breves comentários, ter boas sugestões*).

Machado Vieira (2003) analisa o verbo *fazer* + elemento não-verbal como predicado complexo, e demonstra que há níveis de integração ao longo de uma escala de similaridades e dessemelhanças relativas.

<b>PREDICADO COMPLEXO</b>			
+ Unicidade entre <i>fazer</i> <i>elemento não-verbal</i> (Alto nível de integração)		- Unicidade entre <i>fazer e</i> <i>e elemento não-verbal</i> (Baixo nível de integração)	
-----			
<i>Fazer vaquinha</i> (cristalização)	<i>Fazer reverências</i> (ausência de determinantes)	<i>Fazer o aproveitamento</i> (sentidos/ usos sobrepostos)	<i>Fazer duas previsões</i> (especificidade)

**Quadro 1: Formação de predicado complexo em estruturas com *fazer***

De acordo com a autora, a formação de predicado complexo é um mecanismo do sistema. Assim, *fazer* é um verbo-suporte “default” de que o falante dispõe para formar estruturas que representam uma alternativa às já existentes ou para renovar o acervo lexical. Neste caso, *fazer* atua de forma semelhante a um afixo formador de verbo.

Machado Vieira (2003: 90) elucida, ainda, que: “A opção por predicado complexo possibilita a codificação de um sentido muitas vezes não obtido por uma forma verbal simples.”

Neves (2000: 55) afirma que normalmente o nome que compõe a perífrase se apresenta “nu”, isto é, sem nenhum determinante: “A indicação básica é, prototipicamente, que os verbos-suporte têm como complemento um sintagma nominal não-referencial, de modo que o complemento típico dos verbos-suporte traz um substantivo sem determinante.”

A mesma autora afirma que, com a opção do falante pelo verbo-suporte, é possível se obterem “efeitos especiais” nos enunciados. Esses efeitos seriam de quatro naturezas distintas: a obtenção de maior versatilidade sintática, a obtenção de maior adequação comunicativa, a obtenção de maior precisão semântica e a obtenção de efeitos na configuração textual.

Deste modo, são apresentados, a seguir, tais efeitos, citados por Neves (*op. cit.*), acarretados pela utilização de construções com verbo-suporte. Ressalte-se que os exemplos entre parênteses são apenas alguns dos fornecidos pela própria lingüista.

✓ **A obtenção de maior versatilidade sintática**

- a) Pela adjetivação do nome complemento do verbo-suporte, obtém-se melhor condição de *qualificação, classificação* (O guarda resolveu **FAZER UMA VISTORIA mais caprichada**; A Lalicá **DEU UMA RISADINHA amarela**).
- b) Pela determinação, obtém-se melhor condição de possessivação reflexiva, quantificação (Loureba esfarrapado chegou perto e **DEU a sua RISADINHA**; **TENHO pouca INFORMAÇÃO** sobre o que acontece no Brasil).
- c) Pela adjunção de uma oração relativa, obter melhor condição de restrição do nome que entra na construção com verbo-suporte (**PESQUISAS que fizemos** nos convencem que a posição do poeta, (...) não foi totalmente fixada).
- d) Obtenção de condições para prescindir de termos, ou seja, para se reduzir a valência de um predicado (Os fiscais da Secretaria de Obras **FIZERAM VISTORIA**, mas não o interditaram).

✓ **A obtenção de maior adequação comunicativa**

- a) Pela necessidade de adequação de registro (Eu devia **DAR UMA SURRA** de moer em você).
- b) Pela possibilidade de sugerir gestos, movimentos, atitudes, intenções que configurem mais propriamente ações, processos e estados verbalizados (Julião **DÁ UMA RISADA**).
- c) O alongamento do predicado logra obter um maior equilíbrio do efeito informativo.
- d) Alteração da organização informativa da sentença modificando o próprio fluxo da informação do texto (Nunca TIVE DIFICULDADE em conviver com meu pai).

✓ **A obtenção de maior precisão semântica**

- a) Para definir melhor a natureza semântica do predicado: ação, estado ou processo.
- b) \*Para acentuar um determinado papel semântico do participante (A exemplo do tratamento dado ao Superior Tribunal Militar, **DEU TRATAMENTO adequado aos auditores**, que são substitutos legais dos ministros; Kubo também **TEM PREFERÊNCIA por luxos importados**, principalmente carros americanos; Chico **FAZ UMA SAUDAÇÃO à mulher**, que vem entrando, com os dois pacotinhos de dinheiro e sai).
- c) Para configurar um aspecto verbal particular (Não agüentei e **DEI UMA RISADA**).
- d) Para obter uma construção de acepção não-idêntica à da construção com verbo pleno (Eu também **FAÇO PARTE** do fã clube do Giovane).
- e) Para obter uma circunscrição da expressão, pela possibilidade de focalização do nome envolvido na construção (Prestar a esses associados toda a assistência devida **FAZENDO** inclusive **RECLAMAÇÕES**).

✓ **A obtenção de efeitos na configuração textual**

- a) Para fazer remissão textual (Itamar Franco não **FEZ** essa **AFIRMAÇÃO**).
- b) Instituir referente textual para posterior retomada (Quando ele **DÁ** uma **DEFINIÇÃO depende se essa** definição é uma...). p. 56-61

Pode-se perceber facilmente que, embora admita que as construções com verbo-suporte + nome apresentam o “mesmo significado básico” que verbos plenos correspondentes, Neves (1996, 2000, 2001) demonstra como a escolha por uma ou outra forma pode resultar em efeitos semânticos de matizes diferenciadas.

Machado Vieira (2003) também apresenta efeitos semânticos decorrentes da utilização de perífrases. De acordo com a autora, são muitos os efeitos de sentido que a opção por um predicado complexo possibilita. A esse propósito, ela afirma:

A opção por predicado complexo possibilita a codificação de um sentido muitas vezes não obtido com uma forma verbal simples (*o rapaz fez uma soldazinha e cobrou uma nota preta*); permite ao falante fazer remissão textual (*fez duas previsões*), prescindir de complementação (*vou fazer compras mais tarde*); evitar clíticos (*os pais se queixam/ fazem queixa da professora*); intensificar o nome predicante em vez da ação/atividade (*o barco fica sempre fazendo muito movimento/movimentando-se muito na água*); ou atribuir valor reiterativo ao predicado por meio da pluralização do nome (*fazendo consultas*), entre outros efeitos discursivos. p. 90

Além dos fatores ora apresentados, pode-se afirmar que existem outros efeitos semânticos e discursivo-pragmáticos que podem ser considerados no caso da utilização de um verbo pleno ou de uma construção perifrástica.

- O uso do diminutivo pode explicitar três efeitos discursivo-pragmáticos:
  - ✓ Comunica maior afetividade (Ele gosta de *dar beijinho* no filho).
  - ✓ Explicita uma admoestação (Eu preciso *ter uma conversinha* com você, rapaz!).
  - ✓ Denota brevidade da ação expressa (Você não quer *dar uma olhadinha* na bolsa pra mim?).
- A pluralização do nome integrante da perífrase pode atenuar a carga semântica expressa pelo verbo pleno, tornando o enunciado menos incisivo (Infelizmente, você só sabe *fazer gastos/ Eu tenho dúvidas* da sua lealdade).
- A topicalização do nome que compõe a perífrase permite a sua ênfase no enunciado (Uma *sugestão* que eu *dou* no meu trabalho é ser objetivo/ *Medo* eu não *tenho*, mas fico sempre alerta).
- Obtenção de versatilidade semântica (Eu não *tenho a pretensão* de me opor às suas idéias, mestre).
- Alcance de uma modalização discursiva, não explicitada pelo verbo pleno (O universitário *fez uma análise do partido comunista*).
- Utilização da perífrase como recurso de ênfase, com redundância discursiva, alcançando maior subjetividade (Eu vou *fazer minha análise* dos dados/ Eu *tenho meu próprio interesse* nesse assunto específico).
- Especificação e intensificação do nome integrante da perífrase, por meio de uma entonação adequada (Ontem, ele me *deu aquele beijo!*.../Eu *tenho um medo* de obra!...)

Machado Vieira (*op. cit.*) afirma que “a formação de predicado complexo é um mecanismo do sistema”. Esse mecanismo serve, pois, a vários propósitos comunicativos, caso se analisem os fatores semânticos e discursivo-pragmáticos que atuam no fenômeno.

De acordo com Martins (2005), que estudou *ter* e *haver* como verbos-suporte, em algumas construções o elemento interveniente pode se revelar como uma marca da argumentação do enunciador, e parece existir uma escala entre construções mais objetivas – ou mais neutras – e construções menos objetivas – ou subjetivas. A escolha de uma ou outra construção revelaria as marcas do *eu comunicante*. A autora cita como exemplos as construções “*teve repercussão*”, “*teve repercussão imediata*” e “*teve imediata repercussão*”.

A autora salienta, ainda, que, nas construções com verbos-suporte, existe a possibilidade de utilizar um elemento de qualificação, quantificação e/ou intensificação entre o verbo e o nome predicante, podendo ser este um importante recurso argumentativo, principalmente nos casos em que tais elementos são adjetivos e se encontram antepostos. Essa hipótese fundamenta-se no fato de que o discurso apresenta marcas argumentativas que revelam a intenção do *eu comunicante*.

Segundo Martins (*op. cit.*), se por um lado estas marcas estão na língua, nos elementos lingüísticos, é importante salientar que a argumentação constitui uma unidade pragmática, revelando intenções, ideologias, e servindo não apenas para expressar opiniões e mensagens, mas também como instrumento de interação social do homem. Portanto, o ser humano, em sua atividade verbal, reflete aspectos discursivos, ideológicos, sociais, históricos e pragmáticos. A autora conclui que a inserção de elementos entre o verbo e o argumento interno abstrato condiciona a escolha dessas estruturas pelo enunciador.

De fato, essas marcas de subjetividade podem ser encontradas em construções com outros verbos-suporte, como é o caso das perífrases “fazer minha análise” (da turma) e “fazer uma pequena análise”(da turma), considerando que seriam opções de utilização de um professor, referindo-se à sua avaliação positiva de uma turma tida pelos colegas como indisciplinada (cf. item 5.3). A primeira opção de uso poderia revelar uma personalidade um tanto arrogante, enquanto a segunda indicaria uma postura mais humilde.

No que se refere às marcas argumentativas, pode-se citar o exemplo de uso da construção, também com outro verbo-suporte, “*dar uma ajudinha*” (cf. item 5.3) por uma professora ao solicitar que o inspetor da escola a auxiliasse com um pacote de provas que havia caído. Essa opção seria mais persuasiva que “*dar uma ajuda*” ou “*me ajudar*”. Note-se, porém, que o uso dessas construções poderia, ainda, revelar marcas de subjetividade, pois a imagem da personalidade da professora mudaria de acordo com a escolha, haja vista o fato

de a construção “dar uma ajudinha” ser mais informal e favorecer uma aproximação entre falante e ouvinte, que poderia não ser bem vista em uma ambiente de trabalho.

Com relação ao verbo *ter*, pode-se citar a opção de uso das perífrases *ter uma briguinha* e *ter uma brigona*, em referência a um contexto de desavença entre um casal. Note-se que, se um cônjuge utiliza a perífrase com o nome no diminutivo, para relatar a alguém seus desentendimentos com o parceiro, certamente haverá a interpretação de que se trata de algo “normal” ou aceitável, não estando a união ameaçada. Todavia, o emprego do nome da perífrase no aumentativo sugere algo grave, podendo acarretar até mesmo a ruptura da relação. Nesse caso, a opção por uma ou outra perífrase refletiria o modo pelo qual o evento da briga é visto pelo cônjuge, podendo haver um consenso entre os parceiros ou até mesmo uma interpretação bem diferente entre eles: para o marido, apenas uma briguinha, para a esposa, uma brigona (ou vice-versa). Sem dúvida, as perífrases poderiam revelar tanto marcas argumentativas quanto subjetivas do *eu comunicante* e, quanto ao uso do verbo pleno correspondente (*brigar*), note-se que haveria um efeito de neutralidade, de maior objetividade, sem se explicitar necessariamente a dimensão da briga.

Deve ressaltar, ainda, que a ocorrência de uma perífrase também significa a opção por uma construção composta por um verbo bastante recorrente, sobretudo na oralidade, e de conteúdo lexical mais ou menos esvaziado. Portela (*op. cit.*) investigou a ocorrência de perífrases nas elocuições formais do inquérito NURC e constatou um índice baixo de incidência, se comparado ao de verbos plenos correspondentes: 21% de perífrases nas elocuições formais (aulas), sendo que as perífrases não-prototípicas, que podem veicular nuances semânticas, são as mais recorrentes.

A autora aventou a possibilidade de tais estruturas não serem tão utilizadas em função da atuação do princípio “evite repetição de termos”, consubstanciado nos manuais de redação, mas a confirmação só virá a partir da análise de textos escritos formais, procedimento que, inclusive, será efetivado nesta pesquisa.

Além desse índice, encontrado no NURC, a autora apresenta, como reforço de sua hipótese, aspectos relativos a um teste de atitudes realizado na Faculdade de Letras da UFRJ, em 2004, com uma turma de Português Instrumental, sendo a maioria dos alunos provenientes da Faculdade de Belas Artes, no qual se solicitava que eles optassem pelo uso de perífrases ou de verbos plenos correspondentes, em uma situação formal, que se referia a um convite para eles discursarem em um **congresso**. Eles deveriam optar pela forma que considerassem mais adequada, apresentando uma justificativa. Neste teste, havia perífrases prototípicas, como

“dar início” e “têm interesse” e não-prototípicas, como “fiz muitas pesquisas” e “fazer perguntas”.

Transcrevem-se abaixo, os trechos de informantes que consideraram a opção pelo verbo pleno como a mais acertada:

“Achei mais formal.”

“Um congresso exige um texto mais formal.”

“Considero um modo levemente mais formal.”

“Está mais direto.”

“Este trecho está mais conciso e objetivo.”

“A segunda opção é mais enxuta e articulada.”

Como se pode observar, as justificativas fundamentam-se em duas questões: a formalidade e a objetividade, fatores normalmente apontados pelos manuais de redação a fim de recomendarem o uso da forma verbal simples.

Houve, no entanto, duas outras posturas com relação ao uso de perífrases verbo-nominais: alguns informantes defenderam que as formas perifrásticas eram as mais adequadas para um congresso, por, basicamente, atingirem melhor a massa, além de outros que consideraram as duas formas adequadas para aquela situação de comunicação.

Essas respostas ao teste aplicado revelam que a questão do emprego de predicadores simples ou complexos carece de uma análise discursivo-pragmática mais aprofundada, já que, pelo observado, ela não se resolve simplesmente em função dos parâmetros/contextos “tradicionalmente” associados à escolha do verbo pleno, quais sejam a formalidade e a objetividade. Não há dúvidas de que há outros aspectos co-atuando a serem considerados.

### **2.1.3- Os verbos-suporte e as expressões cristalizadas**

Portela (2004) empreendeu uma pesquisa nos dicionários a fim de investigar qual o tratamento dispensado às construções perifrásticas formadas pelos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer*. O resultado da pesquisa foi a constatação de que alguns dicionaristas, como Michaelis (1998), *misturam* casos de perífrases com expressões do tipo *dar a mão à palmatória*, *fazer das tripas coração*, *ter cabelinho nas ventas*.

Neves (2002) afirma que a questão da delimitação das unidades lexicais se insere em duas vertentes de investigação lingüística: a colocabilidade, ou possibilidade de colocação dos



itens no enunciado, e a gramaticalização. A autora aplica testes elaborados por Radford em estruturas do tipo *verbo + nome* e estabelece distinções entre perífrases e expressões fixas. A autora chega a algumas conclusões, dentre elas a seguinte:

Aplicando-se os testes ao elemento-objeto do verbo, verifica-se que os dois tipos de construções examinadas têm comportamento oposto: nas construções aqui propostas como fixas, esse elemento não é um “constituente”, isto é, não tem individualidade, compondo um todo com o verbo da construção. Nas construções aqui propostas como de verbo-suporte, por outro lado, esse elemento comporta-se como sintagma nominal, com lugar na estrutura de constituinte da oração. p. 203

Alguns estudiosos afirmam que a expressão idiomática é uma expressão cujo significado não é o resultado do significado de suas partes quando estas não pertencem a uma expressão idiomática. Segundo essa proposta, a expressão idiomática deve ter duas características: ser lexicalmente complexa – isto é, deve compreender mais de um constituinte lexical – e ser um constituinte semântico único, ou em outras palavras, um constituinte que não pode ser segmentado em constituintes semânticos elementares. Qualquer expressão que é divisível em constituintes semânticos é chamada de não idiomática ou semanticamente transparente.

Nas construções perífrásticas, os verbos-suporte contribuem para o significado do todo, já que o seu esvaziamento semântico não é total. Por essa razão, tais estruturas não deveriam ser confundidas com as expressões idiomáticas, em que o significado do todo não é depreendido pela soma do significado de seus componentes. Neves (2002) trata da delimitação das unidades lexicais, referindo-se às construções livres, construções formadas por verbos-suporte e expressões cristalizadas:

- Unidade lexical	+ Unidade lexical	
Construções Livres	Construções com verbo-suporte	Expressões cristalizadas

**Quadro 2: Delimitação das unidades lexicais segundo Neves (2002)**

Na extrema esquerda, temos combinações com verbos plenos e sintagmas nominais complementos, que são completamente livres, onde os dois elementos exercem papéis independentes na estrutura argumental; na extrema direita, temos expressões que constituem um significado unitário em que “nem mesmo parece ser possível postular um SN em posição de objeto” (NEVES, 2002); e, entre esses dois graus extremos de construção, há aquelas construções intermediárias, constituídas dos chamados verbos-suporte que, por sua vez, recebem certo grau de esvaziamento do sentido lexical, porém, semanticamente contribuem para o significado total da construção.

Borba (1996) nomeia as construções perifrásticas formadas por verbos-suporte de *locuções verbo-nominais*. Isso se deve ao fato de os substantivos que compõem tais estruturas apresentarem um grau de integração bastante significativo com o verbo integrante da perífrase. Nesse caso, o “complemento” do verbo-suporte seria parte da locução e funcionaria como elemento predicador.

Conforme elucidada Portela (2004), postura bem diferente assumem Mira Mateus et al. (2003), que consideram que o complemento do verbo-suporte se configura em um objeto direto, e não parte integrante de uma locução:

Com DAR ou FAZER, seguido de um OD que designa um estado de coisas, o OI é freqüentemente [-animado]:

(a') dar (uma pintura) nas estantes

OD

(b') fazer (uma limpeza) na casa

OD

Apesar de essa análise coincidir com a abordagem tradicional, as autoras atentam para um detalhe de suma importância no que concerne a essas construções: *dar uma pintura* equivale a *pintar* e *fazer uma limpeza* equivale a *limpar*. A fim de dar conta desse fenômeno os autores afirmam:

As mesmas construções admitem incorporação de OD no verbo, passando o argumento OI a funcionar como OD:

(a') pintar (as estantes)

OD

(b') limpar (a casa)

OD

Essa possibilidade de “incorporação” parece indicar que, para os autores, o grau de integração entre o verbo e o nome que compõe a construção é significativo. Observe-se que a escala abaixo diz respeito a esse grau de integração entre verbo e nome e ao papel de predicador, verbalizador ou parte integrante de uma expressão cristalizada, que podem assumir os verbos *dar*, *ter* e *fazer*, respectivamente:

### Quadro 3: O grau de integração entre verbo e nome

verbo pleno → verbo-suporte → componente de expressão cristalizada

Portela  
(1999) afirma

que as construções com verbos-suporte têm sido consideradas campo fértil dos processos de nominalização, como se pode observar em casos, como:

*QUEBRAR O GALHO = quebra-galho*

*BATER BOCA = bate-boca*

*QUEBRAR O PAU = quebra-pau*

*FAZER DE CONTA = faz-de-conta*

*ABRIR ALAS = abre-alas*

*TIRAR A TEIMA = tira-teima*

Essa listagem demonstra a existência de um universo de combinações entre alguns verbos e nomes, comprovando a possibilidade de haver uma economia de formas. Basílio (1987) afirma que: “O mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória.”

Observe-se que, sintaticamente, construções como *bate-papo* e *faz-tudo* podem ser *desfeitas*, caso sejam inseridos alguns termos como artigos e preposições: *faz de um tudo*, *quebrar um galho*, *bater um papo*, e voltarem, portanto, à condição inicial de verbalizador + nome, comprovando o fato de haver, na língua, uma espécie de convivência entre essas formas.

A propósito da questão de inserção de elementos nas perífrases, Borba (1996) afirma que “os verbos-suporte compõem sintagmas verbais complexos, introduzindo predicados nominais cujo núcleo é um nome/adjetivo.” Importa considerar que, segundo o autor, a inserção variável de determinantes (**criar um problema**, **chamar a atenção**), modificadores (**fizesse muita questão**, **dar muita vontade**, **levar em justa conta**, **cair em algum erro**) ou possessivos (**chamar minha atenção**, **dar minha aula**) não desfaz a locução verbo-nominal, visto que sua ocorrência é, na maioria dos casos, considerada praticamente facultativa.

Portela (1999) afirma que, com relação aos determinantes, existem alguns casos em que a sua inserção pode vir a acarretar mudança de sentido: Ele vai **dar conta** do trabalho/ Ele vai dar **a conta do trabalho** e Ela **abriu mão** do namorado/ Ela abriu **a mão do namorado**.

Nesses casos, a inserção do artigo definido confere aos nomes *conta* e *mão* um traço de maior referencialidade e, no que diz respeito aos verbos *dar* e *abrir*, percebe-se que estes readquirem o estatuto de verbos plenos.

Note-se que a fronteira entre construção com verbo-suporte e expressão cristalizada é mais tênue nos casos em que não há possibilidade de correspondência com um verbo pleno na língua. As construções com verbo-suporte não comutáveis por verbo pleno, como *quebrar galho*, *bater boca*, *bater papo*, por exemplo, estariam mais próximas das expressões cristalizadas do que as que são comutáveis por um verbo pleno, justamente porque o sentido do todo é mais ou menos transparente nesses casos, e os dois elementos ainda parecem contribuir em parte para o sentido da *expressão*. Na verdade, essas construções parecem estar em processo de cristalização.

Martins (2005) afirma, com relação a construções perifrásticas, que estaria havendo “a gramaticalização do verbo e a lexicalização <sup>4</sup>da estrutura VERBO + NOME ABSTRATO”.

## **2.2- O tratamento dos verbos-suporte em livros didáticos**

Muito se tem discutido sobre a possibilidade de os falantes optarem pelo uso de uma construção perifrástica (*fazer comparação*, *ter respeito*, *dar auxílio*) em lugar de um verbo pleno correspondente (*comparar*, *respeitar*, *auxiliar*), porém é necessário um debate a respeito do tratamento dos verbos *ter*, *dar* e *fazer* nos livros didáticos a fim de constatar quais seriam as restrições quanto ao seu uso.

O objetivo desta seção consiste em (i) investigar se existe uma forma considerada de maior prestígio do que outra nos livros didáticos, (ii) discutir sobre o modo de estruturação e a relevância dos exercícios envolvendo os verbos-suporte e (iii) analisar alguns exercícios, propostos por Portela (2007), que procuram explicitar uma nova abordagem no tratamento da alternância entre perífrases e verbos plenos correspondentes, considerando o ensino.

Portela (2004) investigou o tratamento dispensado às construções perifrásticas em alguns livros didáticos, que serão mencionados juntamente com outros manuais nesta seção.

Pode-se afirmar que existem duas posturas contrárias no que se refere ao uso de perífrases nos materiais analisados. A primeira considera que esse recurso deve ser evitado, em razão de os verbos *ter*, *dar* e *fazer* apresentarem um esvaziamento semântico

---

<sup>4</sup> De acordo com a autora, a *lexicalização* refere-se ao processo pelo qual as perífrases verbo-nominais caminhariam para a formação de lexias complexas, identificadas por uma unidade semântica.

considerável, sendo apontados como muito genéricos, e de serem muito recorrentes, sobretudo na oralidade, o que favoreceria as repetições de termos. Além disso, há também uma outra restrição a esse uso, referente ao critério de concisão vocabular, pois seria possível expressar a mesma idéia, veiculada pelas perífrases, com apenas um termo, que seria o verbo pleno correspondente. Na segunda postura dos manuais, é dispensado um tratamento oposto às estruturas perifrásticas formadas por verbos-suporte, considerando que o uso de tais construções proporciona uma maior versatilidade sintática e semântica ao texto.

A primeira postura pode ser encontrada em alguns manuais de redação e em materiais disponíveis na Internet.

Com relação às repetições de termos, encontraram-se algumas “dicas”, geralmente direcionadas a vestibulandos:

“Evite repetição de termos e palavras. Faça uso de sinônimos e elipse.” (*site*: <http://scribd.com/doc/9660929/Dicas-Para-Arrasar-Na-Redacao> - Acesso em janeiro de 2009)

“Evite a repetições de palavras, que denotam falta de vocabulário” (*sic*) (*site*: <http://forumgamevicio.com.br> – Acesso em janeiro de 2009)

Note-se que os uso de perífrase normalmente é associado à pobreza vocabular, ou à falta de vocabulário, pois, em seu lugar, deveriam ser usados verbos de sentido mais específico, como sugere uma outra dica, que pode ser encontrada em várias páginas da Internet, como a transcrita a seguir:

“Evite o emprego de verbos genéricos, tais como *dar*, *fazer*, *ser* e *ter*.” (*site*: [http://cpv.br/cpv\\_vestibulanos/infofuvest/dicasredacao](http://cpv.br/cpv_vestibulanos/infofuvest/dicasredacao) - Acesso em janeiro de 2009)

Martins (1990) adverte que *fazer* e *ter* não devem ser usados com muita frequência, mas apenas em seus sentidos “habituais” e “corretos”, pois, caso contrário, tais verbos merecerão receber o rótulo de *verbos-ônibus*, ou seja, verbos sinônimos de praticamente todos os demais. O mesmo autor ainda afirma: “Não diga em duas palavras o que você puder exprimir em uma. (...) *mencionar* substitui com vantagem *fazer referência*.”

De fato, o esvaziamento semântico de verbos como *ter*, *dar* e *fazer* pode ser constatado numa simples consulta aos dicionários, onde o número de significações atribuídas a esses verbos costuma ser bastante expressivo. Uma pesquisa no *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI* revela que o verbo *fazer* pode assumir 58 acepções diversas, o verbo *ter* 60, enquanto o verbo *dar* encerra 101 acepções diferenciadas.

Deste modo, por conta do critério da precisão vocabular, os verbos *ter*, *dar* e *fazer* deveriam ser substituídos por outros de sentido mais específico, como nos exemplos seguintes:

(31) Joana já **fez** o jantar. (preparou)

(32) Ele **tem** um excelente cargo na empresa. (ocupa)

(33) O patrão resolveu **dar** férias aos funcionários. (conceder)

Esse seria o mesmo procedimento aconselhado em algumas páginas da Internet, dentre as quais, se pode encontrar a seguinte:

“Os verbos, *dar*, *fazer*, *ser* e *ter* têm alta incidência em textos. Para evitar o uso repetitivo, troque por outros que expressem a mesma idéia: *O governo não tem alternativas (possui).*” (site: <http://www.profissionalizando.com/vestibular/redação> - Acesso em janeiro de 2009)

Note-se a menção ao “uso repetitivo” desses verbos.

Carneiro (2001a), em seu manual de redação, orienta os usuários da língua a ampliarem o seu vocabulário e sugere que se permutem estruturas do tipo abaixo pelos verbos plenos correspondentes:

(34) Todos **temos necessidade** de conselhos.

(35) Certamente todos **têm medo** do leão.

A troca seria pelos verbos plenos *necessitar* e *temer*, respectivamente. Outros verbos são arrolados nos exercícios, como *dar*, por exemplo:

(36) O pai **deu sinais** de preocupação.

Neste caso, a equivalência seria com o verbo pleno  *sinalizar*.

Carneiro (*op. cit*) adverte que é indispensável aos usuários o aperfeiçoamento de seu vocabulário, não considerando que “qualquer palavra serve”. Na verdade, o quesito *precisão vocabular* é que leva o autor a rechaçar as estruturas em que *ter* e *dar* tomam parte como verbos-suporte.

Krause et al. (1982) propõem um exercício, em livro intitulado *Laboratório de Redação*, no qual apresentam um modelo de substituição de “expressões” por um verbo: “Os acusados **fizeram acusações** contra dois outros/Os acusados **acusaram** dois outros indivíduos.”

Essa tarefa é proposta no *Apoio Funcional*, parte do livro que se dedica às questões concernentes à **forma** da redação, e essa substituição também envolve os verbos *dar*, *ter*,

*tornar e pôr*. Transcrevem-se, a seguir, os demais enunciados do exercício, com as respectivas respostas entre parênteses, para posteriores comentários.

- (37) Uma equipe médica deu assistência aos acidentados. (assistiu)
- (38) Apesar do violento temporal, o juiz deu início ao jogo. (iniciou)
- (39) Os alunos fizeram doações de livros à biblioteca da escola. (doaram)
- (40) Durante a conferência, o orador fez menção às teorias desenvolvidas em seu laboratório. (mencionou)
- (41) A bancada do partido deu apoio à proposta do deputado. (apoiou)
- (42) O governo federal dará incentivo à exportação de produtos manufaturados. (incentivará)
- (43) Um indivíduo alcoolizado fazia ameaças aos passantes. (ameaçava)
- (44) Todos os jornais cariocas deram cobertura à chegada do embaixador. (cobriram)
- (45) Um dos funcionários fará a cobrança dos impostos atrasados. (cobrará)
- (46) A cúpula do partido fez a reunião de todos os candidatos sem a presença da imprensa. (reuniu)
- (47) O Ministro da Educação deu ênfase, em seu pronunciamento, à necessidade de criação de um órgão controlador dos direitos autorais. (ênfaticou)
- (48) O chefe fez censuras aos subordinados pela falta de iniciativa demonstrada durante o assalto. (censurou)
- (49) A CBD fará a seleção dos atletas para as Olimpíadas. (selecionará)
- (50) Cabe à prefeitura dar beleza à cidade. (embelezar)
- (51) Deve o Ministro da Agricultura dar a devida proteção aos pequenos produtores. (proteger)
- (52) O professor já fez alusão a este tipo pergunta. (aludiu)
- (53) Urge que tenhamos vergonha de nossa pobreza de espírito. (nos envergonhemos)

O referido exercício **não** adverte o aluno em relação às alterações que deverão ser feitas na estrutura da frase a partir da mudança das *expressões* pelos verbos específicos, como acontece na maioria das frases.

Importa considerar, ainda, o teor de *formalidade* que permeia a maioria absoluta das frases acima, o que pode ser evidenciado com a utilização de termos como *ministro, bancada do partido, juiz, prefeitura, chefe, CBD, professor, equipe médica, governo federal, orador, jornais cariocas*. Tratar-se-ia de um contexto com algum grau de formalidade, situação em que se teria a expectativa de uso de verbos plenos.

Além disso, nota-se que não é considerado um *problema* para o exercício a presença de elementos intervenientes ou alterações no nome que compõe a perífrase, como nos seguintes casos, por exemplo: *fará a cobrança, dar a devida proteção e fez censuras*. O tratamento dispensado a essas construções pressupõe a sinonímia absoluta entre as construções e a necessidade de se usarem os verbos específicos em lugar das perífrases, em textos (ou contextos) mais formais. O *problema* das “expressões” é, na verdade, a presença de verbos como *ter, dar e fazer*.

Carneiro (2001b), em capítulo intitulado “*Como resumir o texto?*”, sugere exercícios semelhantes com o argumento de que é necessário substituir formas mais extensas de expressão por outras mais curtas. O autor apresenta o enunciado do exercício e um modelo de substituição, respectivamente: *Outro processo empregado na redução da frase é a substituição de um segmento composto de verbo + substantivo por um só verbo de sentido equivalente. Reescreva as frases a seguir de acordo com o modelo: Os torcedores não terão interesse na partida de hoje/ Os torcedores não se interessarão pela partida de hoje*. Em seguida, são apresentadas as seguintes frases:

- (54) **Tenho medo** dos resultados.
- (55) A viúva **tem disposição** de recomeçar a vida
- (56) Com a chuva, não **teve vontade** de sair.
- (57) Os fregueses **tinham intenção** de denunciar o comerciante.
- (58) Pensei que o chefe **tivesse necessidade** de ajuda.
- (59) O velho tapete persa não **teria serventia** nunca mais.
- (60) Envergonhada **teve desejo** de sair para fora. (*sic*)
- (61) Pelé **tem chute** forte.
- (62) Cristãos autênticos não **têm medo** da morte.
- (63) É preciso que **tenhamos ódio** do crime, não do criminoso.

Esses tipos de exercícios, embora possam ter o seu valor, não induzem o falante a perceber que, com a utilização de uma estrutura formada por um verbo-suporte, há a possibilidade de se obterem “*diversos efeitos especiais*” (NEVES, 2000).

Observe-se, ainda, que, a fim de se evitarem as repetições com os verbos *ter, dar e fazer*, pode haver duas orientações distintas: substituir a perífrase pelo verbo pleno correspondente, conforme sugerem Carneiro (2001) e Krause et al. (1982), ou substituir tais



verbos por outros mais específicos (dar/ditar instruções, ter/manifestar interesse, fazer/efetuar a cobrança).

Todavia, a utilização de perífrases com *ter*, *dar* e *fazer* também pode ser vista como uma excelente estratégia para conferir ao texto uma maior versatilidade semântica e sintática, conforme apontam outros autores.

Lapa (1968) afirma que “a maior parte das vezes um verbo simples pode substituir-se por um grupo fraseológico portador do mesmo significado: ‘decidir = tomar a decisão’; ‘vencer= alcançar vitória sobre’; ‘dar combate= combater”.

O autor aponta uma possível motivação para se optar pelo uso de construções perifrásticas: “Como vemos, esta constituição de formas perifrásticas tem um duplo valor: permite variar o estilo, evitando repetições e adoça a crueza de certos verbos simples.”

De fato, a utilização das perífrases evita que se repitam os verbos plenos correspondentes e atenua a carga significativa de certos verbos simples, como se pode observar nos exemplos arrolados abaixo:

(64) Eu não **acreditei** nas suas palavras / Eu não **dei crédito** às suas palavras.

(65) Ele **duvida** do caráter do pai / Ele **tem dúvidas** sobre o caráter do pai.

(66) Mário só sabe **gastar** / Mário só sabe **fazer gastos**.

Pode-se encontrar também uma referência direta às construções com verbos-suporte, em um livro também voltado para a produção de textos (NICOLA, 2006 *apud* ESTEVES 2008), no qual o autor em questão trata desse tema no item referente ao chamado emprego expressivo de tempos e modos.

Segundo ele, alguns verbos, sem conteúdo semântico, podem ser empregados como verbo-suporte, em exemplos como as construções *dei uma olhada*, *temos conhecimento*, *fizeram uma distinção*. O autor cita alguns efeitos semântico-discursivos acarretados pelo uso de perífrases como, por exemplo, o aspecto verbal mais momentâneo em “dei uma olhada”. Também se comenta o uso da perífrase “dar uma risadinha”, afirmando-se que o emprego do verbo-suporte sugere um tom informal e o uso do substantivo *risadinha* revela, entre outras coisas, acanhamento, ironia, desprezo.

Portela (2007) sugere que exercícios possam ser estruturados de forma a solicitar ao aluno que ele substitua os verbos *ter*, *dar* e *fazer* por outros verbos de sentido mais específico, mas a fim de se evitarem repetições, como nos casos arrolados abaixo:

(67) Ela resolveu **fazer** os cordões e as pulseiras, e a mãe lhe **fez elogios**.

(confeccionar, elogiar)

(68) Ele **tem orgulho** de **ter** um livro tão interessante em sua biblioteca pessoal.

(orgulhar-se, possuir)

(69) Ela não **dá auxílio** à filha e exige que ela **dê** poucas horas ao estudo.

(auxiliar, dedicar)

O mérito do exercício acima consiste em demonstrar que os verbos *ter*, *dar* e *fazer* costumam não ser tão específicos em alguns contextos. A simples troca de apenas um dos verbos em cada item do exercício já deixaria as frases mais versáteis do ponto de vista sintático, não havendo a necessidade de se permutarem as duas ocorrências com *ter*, *dar* e *fazer*. Deve-se explorar a riqueza das possibilidades de uso dessas estruturas, sem colaborar para uma visão negativa envolvendo sua utilização.

Ainda segundo Portela (*op. cit.*), um outro aspecto que poderia ser trabalhado nos livros didáticos diz respeito ao teor argumentativo que o uso de uma ou outra estrutura pode acarretar nos enunciados. A depender da intenção do falante, a utilização de uma perífrase ou de um verbo pleno pode favorecer o propósito persuasivo dos usuários. Assim, a autora argumenta, em seu trabalho, que se deveria pedir ao aluno para assinalar qual das opções a seguir, por exemplo, ele usaria para melhor convencer o seu interlocutor da sua intenção:

(70) Você pode **olhar** essa bolsa para mim?

(70a) Você pode **dar uma olhadinha** nessa bolsa para mim?

(71) Você pode **analisar** meu trabalho hoje?

(71a) Você pode **fazer uma análise** do meu trabalho hoje?

(72) Você não **se lembra** daquela nossa viagem?

(72a) Você não **tem uma lembrança** daquela nossa viagem?

Note-se que os alunos devem perceber que a utilização das perífrases estabelece uma maior *modalização* do discurso, “adoçando a crueza de certos verbos simples” (LAPA, 1968), servindo de maneira mais eficaz ao propósito persuasivo dos falantes. O uso dos verbos plenos também poderia ser comentado, pois a sua utilização poderia marcar uma posição do falante, que poderia ser, no primeiro caso, por exemplo, pedir para tomar conta da bolsa de maneira bastante atenta, sendo um pedido direto, sem preocupação de modalizar o discurso.

Uma outra questão que merece ser tratada, ainda segundo Portela (*op. cit.*) refere-se à presença de determinadas nuances semânticas, ocasionadas sobretudo pela presença de

elementos intervenientes nas perífrases. Esses matizes semânticos devem ser reconhecidos pelos usuários. Pode-se, pois, solicitar ao aluno que ele determine quais as diferenças de sentido existentes entre o uso dos verbos e das “expressões” abaixo, como propõe Portela (*op. cit.*):

(73) Joana **pretende** cursar Direito na UFRJ.

(73a) Joana **tem a pretensão** de cursar Direito na UFRJ.

(74) Ele vai **beijar** a namorada no baile.

(74a) Ele vai **dar um beijinho** na namorada no baile.

(75) A esposa **queixou-se** do marido.

(75a) A esposa **fez umas queixas** do marido.

Segundo a autora, deve-se, nesse exercício, discutir como a presença de elementos intervenientes e como a configuração diferente do nome que compõe a perífrase podem acarretar pequenas nuances semânticas diferenciadas entre as construções.

Outros exercícios poderiam ser propostos com base no uso de verbos plenos e construções perifrásticas em livros de literatura infanto-juvenil, a fim de levar os alunos a perceberem que a utilização de uma estrutura perifrástica atende a propósitos comunicativos, e não deve ser associada à pobreza vocabular. Poderiam ser trabalhados com os jovens trechos como os transcritos a seguir:

Trechos do livro *Coisas que toda garota deve saber sobre garotos*, de Kara May (cf. também item 5.6)

(76) “...se você soubesse uma mágica capaz de sumir com todos os garotos do planeta, você seria capaz de fazê-la? Sim ou não?”

*Eu mesma já me perguntei isso um milhão de vezes. Também já fiz essa mesma pergunta para um número incontável de garotas do mundo inteiro e o resultado da minha pesquisa foi o seguinte:*

*SIM - nenhum voto.*

*NÃO - todos os votos.”*

(77) “Só, então, o vento começou a soprar e os gregos puderam partir, para dar início ao que se tornou uma das mais sangrentas guerras da história.

*Parei de bocejar para perguntar ao Sr. Chatonildo o que havia de tão civilizado no fato de um homem velho iniciar uma guerra por causa de uma mulher jovem, que tinha sido obrigada a casar-se com ele ...”*

Trecho do livro *Fala sério, amiga!*, de Talita Rebouças (cf. também item 5.6)

(78) “- ... *Quando vocês começarem a namorar ele já vai saber muito mais a seu respeito. Que foi? Que cara é essa? Não é ele que é seu perfil de namorado ideal? Você me disse ontem que ele é seu número!*

*É isso que enfraquece uma amizade. Eu estava quase matando a Bené. Para não matá-la, dei um chute na sua canela, pra ver se ela calava a boca.*

*- Ai, Malu! Me chutou por quê? Tá doida?”*

Uma das críticas freqüentes ao ensino tradicional, apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), é a de que se costuma desconsiderar a realidade e o interesse dos alunos. Deste modo, a utilização de textos voltados para jovens poderia motivar ainda mais o estudo desse fenômeno de alternância, superando a visão de que uma forma é certa, enquanto a outra é errada ou pobre, a partir da apresentação desses usos como recursos lingüísticos disponíveis na língua, levando o aluno a desenvolver a sua competência lingüística que, segundo os PCN, organizados em torno do eixo **uso** → **reflexão** → **uso**, refere-se à capacidade de “utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita.”

Na verdade, algumas pesquisas sobre verbo-suporte, como as de Portela (2004) e Esteves (2008), advogam que o falante se preocuparia em evitar o uso das construções perifrásticas devido às prescrições dos manuais de redação e por pressões normativas da escola. De fato, a escola tende a reforçar o princípio “evite repetição de termos”, e a possibilidade de haver repetições dos verbos *ter*, *dar* e *fazer* não é pequena, visto que eles, sendo polifuncionais, tomam parte também em outras construções na língua. Contudo, além disso, há também os princípios “seja conciso” e “use vocabulário específico” que também parecem interferir no fenômeno.

Carneiro (2001b) reserva um capítulo de sua obra para tratar da questão da repetição de termos. Segundo ele, a repetição é considerada um problema textual quando (i) os vocábulos repetidos são rigorosamente idênticos e ocorrem em relativa proximidade (“*Ao sair de casa, deve-se trancar a porta de casa”)), sendo que, no caso de variações de gênero ou número da palavra repetida, as repetições se tornam aceitáveis e (ii) quando a repetição ocorre em número excessivo (“*O Brasil não é facilmente governável, pois o Brasil é muito grande e o Brasil apresenta enormes variações de todos os tipos e, como os demais países da**

*América Latina, o Brasil dispõe de uma classe política mal preparada*”). Neste último caso, se a repetição obedecer a uma intenção claramente identificada (textos publicitários, humorísticos, literários, ditados populares, etc), ela não é vista como, segundo o autor, uma “deficiência”.

Com relação às repetições de itens lexicais, como as construções perifrásticas, normalmente se leva em conta a questão da *proximidade* entre os termos que são repetidos. Contudo, talvez os critérios de correção da repetição sejam um tanto subjetivos. Assim, em um texto com cinco parágrafos, por exemplo, se o aluno usar uma construção perifrástica no primeiro e repeti-la no segundo, será que o professor irá solicitar que se use um verbo pleno ou substitua o verbo-suporte por um outro de sentido mais específico? Afinal, quantas vezes é possível repetir um termo em um texto, sem esse fato chamar a atenção do leitor/interlocutor? Será que essa resposta é a mesma entre os professores? E será que eles ficam contando as palavras repetidas durante a correção? O gênero textual ou o público-alvo também não vão influenciar na correção dessa repetição? Ressalte-se que não é só por conta de possíveis repetições que o uso de *ter*, *dar* e *fazer* poderia ser visto como um problema pelos professores, mas também por serem eles verbos “genéricos”.

Além disso, deve-se atentar para o fato de que, embora muitos professores e manuais de redação condenem a repetição de termos, com o argumento de que ela é capaz de denunciar a pobreza vocabular (do autor) ou prejudicar a estética do texto, outros autores a consideram como um recurso textual significativo, dependendo do modo como a utilizem. Essa postura é assumida no terceiro manual de redação do Curso de Línguas Abertas à comunidade, o CLAC/ UFRJ, em que se admite que a repetição pode ser uma estratégia de coesão textual, possuindo ampla funcionalidade. No que se refere à presente pesquisa, pode-se citar como exemplo desse uso expressivo a repetição por três vezes da perífrase “temos absoluta necessidade” (cf. item 5.6), bem próximas uma da outra, no trecho de um livro de literatura infanto-juvenil, a fim de enfatizar a necessidade de as garotas serem ouvidas e compreendidas pelos garotos.

Em relação ao tratamento dispensado às construções perifrásticas nos livros didáticos, pode-se concluir que as abordagens deveriam ser mais recorrentes, levando em conta não apenas a questão das repetições (que devem ser trabalhadas de forma mais coerente), da concisão e da especificidade do vocabulário, mas sobretudo as possibilidades discursivas que o uso das perífrases oferece aos usuários, ou conforme afirma Neves (2000) “é necessário entender que o falante deve optar pelo emprego de um **verbo-suporte**, porque com esse emprego obtém algum efeito especial”.

Essa nova abordagem favoreceria, sem dúvida, o desenvolvimento da competência textual dos usuários da língua, superando o preconceito de se associar o uso de perífrases à pobreza vocabular, já que tanto as formas plenas quanto as perifrásticas são válidas, a depender do propósito comunicativo dos usuários.

### 2.3- O tratamento das construções perifrásticas em dicionários portugueses

Portela (2004) investigou o tratamento atribuído, por dicionaristas, aos verbos *ter*, *dar* e *fazer* quando estes integram as chamadas construções perifrásticas. A autora comparou os verbetes desses três verbos nas obras de Fernandes (1969), Michaelis (1998) e Houaiss & Villar (2001).

Fernandes (1969) não menciona explicitamente as construções perifrásticas, que são arroladas ao final dos verbetes. O autor apresenta a perífrase e o verbo pleno correspondente, como em: *dar combate* (combater), *dar liberdade a* (libertar), *dar motivo a* (motivar), *dar testemunho de* (testemunhar), *dar pressa* (apressar), *fazer guerra* (guerrear), *fazer-se forte* (fortificar-se), *fazer menção* (mencionar), *ter dívida* (duvidar), *ter remédio* (poder remediar-se).

Michaelis (1998) adota um procedimento semelhante, elencando as construções perifrásticas e apresentando seus verbos plenos correspondentes. A diferença é que o autor não leva em conta a diferença entre perífrases e expressões idiomáticas do tipo “*dar a mão à palmatória*”, “*fazer das tripas coração*” e “*ter cabelinho nas ventas*”, pois estas se encontram arroladas juntamente com as perífrases. O autor apresenta algumas construções com verbo-suporte + nome, equivalentes a verbos plenos, entre as quais se destacam: *dar a bênção* (abençoar), *dar preferência* (preferir), *dar um passeio* (passear), *fazer bordos* (bordejar), *fazer ciente* (cientificar), *fazer em pedaços* (despedaçar), *ter apreço* (apreciar), *ter fim* (findar).

Houaiss & Villar (2001) empreendem uma abordagem mais atualizada ao mencionarem explicitamente os conceitos de verbo pleno e verbo-suporte, que se aplicam aos três verbos em questão (*ter*, *dar*, *fazer*). Os autores afirmam que “*em algumas acepções dar funciona como verbo pleno, com seu próprio significado (p. ex. dar um documento a um funcionário = passá-lo às suas mãos), enquanto em inúmeras outras, faz de verbo-suporte, constituindo, com o substantivo, (que na gramática tradicional é o seu objeto direto) um todo semântico (p. ex. dar um abraço = abraçar).*”

Portela (*op. cit.*) conclui seu estudo citando a crítica de Aragão (1988) aos lexicógrafos pelo fato de eles não atribuírem um tratamento coerente às “expressões perifrásticas de base verbal”. A autora estabelece, ainda, uma distinção entre as perífrases comutáveis por verbos plenos e as não comutáveis:

Na língua portuguesa, o falante conta com determinadas expressões perifrásticas de base verbal que parecem fazer parte do discurso repetido e cujo uso vem aumentando progressivamente. Muitas delas apresentam correspondência perfeita com um lexema isolado existente na língua (ex. *dar início* = iniciar), outras representam a única forma disponível para se expressar determinada realidade (ex. *dar bandeira*). p. 97

Atente-se para o fato de que a presente pesquisa pretende comprovar se o uso de construções perifrásticas vem “aumentando progressivamente”, conforme afirma a autora, com base no confronto entre os resultados na década de 70 e 90.

Portela (2006) empreendeu uma pesquisa em dois dicionários portugueses referentes ao século XIX a respeito das construções perifrásticas formadas pelos verbos *ter*, *dar* e *fazer* e constatou que a idéia da existência de uma possível equivalência semântica entre perífrases e verbos plenos já era assumida pelos dicionaristas da época. Estudaram-se os dicionários de Aulete (1925) e Moraes Silva (1858).

Aulete (1925) afirma, com relação ao verbo *dar*:

O verbo *dar* junto com alguns nomes tem um emprego muito geral em substituição dos verbos derivados d'esses nomes ou de que esses nomes derivam, assim: *dar a bênção*, abençoar; *dar um passeio*, passear; *dar entrega*, entregar; *dar fundo*, fundear; *dar motivo*, motivar; *dar cumprimento*, cumprir; *dar combate*, combater; *dar testemunho*, testemunhar; *dar escândalo*, escandalizar; *dar crédito*, acreditar; *dar saltos*, saltar; *dar encanto*, encantar; *dar feitiço*, enfeitiçar; *dar batalha*, batalhar, etc., e, por analogia, com outros nomes que não têm verbo cognato, como: *dar um nó*, atar; *dar passos*, andar; *dar pontos*, cozer, etc. p.442

Note-se que o autor já demonstrava ter consciência de que não era necessário haver um verbo pleno, com equivalência semântica, que fosse cognato do nome integrante da perífrase, mas que podia existir uma forma verbal com um sentido *afim*. A explicação apresentada é simples: a analogia.

No que se refere ao verbo *fazer*, o autor comenta: “Seguido de substantivos verbais, confunde-se com eles, dando-lhes a significação do verbo cognato: *Sempre me fizeram mais honra onde menos me conheceram (D. Francisco Manuel), isto é: sempre me honraram mais.*” p. 778

Observe-se que o autor apresenta a construção perifrástica “fizeram mais honra” como equivalente do verbo pleno acrescido de um intensificador “honraram mais” que praticamente recupera o efeito especial veiculado pela perífrase. Pode-se observar nesse caso

que o dicionarista cita um exemplo em que as formas se encontram inseridas em um contexto, fato que ainda não havia ocorrido em nenhuma pesquisa aos dicionários até então mencionados nesta pesquisa.

O autor ainda cita duas construções perifrásticas com *fazer* e apresenta os verbos plenos correspondentes (*fazer pedidos*, pedir; *fazer escárnio*, escarnecer). Ele considera que a perífrase *fazer pedidos*, como o nome no plural, é semanticamente equivalente a *pedir*, não atentando para a nuance semântica existente na construção perifrástica (o plural acarreta uma intensificação da ação), embora elas possuam uma mesma significação geral, qual seja a de solicitar algo. Saliente-se, por fim, que não há menção a perífrases com o verbo *ter* no dicionário de Aulete (1925).

Moraes Silva (1858) apenas menciona uma construção perifrástica para o verbo *dar*: *dar queixas de alguém, i. e, queixar-se*. No entanto, para o verbo *fazer*, o autor apresenta a seguinte informação:

*Fazer*, seguido de substantivo verbal, ou de ação física ou moral, e regendo-o, identifica-se com ele, dando-lhe a acepção do verbo, p. ex. *fazer exercício*, exercitar; *fazer despesa*, despender; *fazer violência*, violentar; *fazer tenção*, tencionar, etc. O mesmo tem lugar com adjetivos derivados de verbo; *fazer forte*, fortalecer; *fazer válido*, validar; *fazer brando*, abrandar, *fazer débil*, debilitar, etc. p. 892

Percebe-se que as mesmas noções poderiam ser aplicadas aos verbos *dar* e *ter*. Contudo, para o verbo *ter*, o autor só menciona três perífrases correspondentes a um verbo pleno: *ter medo* (temer), *ter pavor* (apavorar-se) e *ter inveja* (invejar).

TER: Possuir qualidades da alma, e morais: ter juízo, ter razão, justiça; qualidades acidentais: ter 4 ou 6 anos de idade, ter idéias, noções, sensações, dor, medo, pavor, ter inveja, invejar. p. 1735

A pesquisa sobre as construções perifrásticas formadas por *ter*, *dar* e *fazer* revelou que alguns dicionaristas estão atentos ao fenômeno da formação de uma estrutura Verbo-suporte + Nome com equivalência a um verbo pleno cognato, e os estudos desses dicionaristas contribuem significativamente para a ampliação das discussões em torno da questão, que não é recente na língua.

### 3- Pressupostos teórico-metodológicos

#### 3.1- A Teoria da Variação ou Sociolingüística Variacionista



A Sociolinguística Variacionista surgiu na década de 60, a partir dos trabalhos de William Labov sobre mudanças em progresso no inglês da Ilha de Martha's Vineyard (1963) e da cidade de Nova York (1966), desenvolvidos sob a orientação de Uriel Weinreich. O caminho percorrido por Labov levava a uma nova concepção da mudança linguística, cujos fundamentos seriam lançados em um texto clássico da Sociolinguística, o *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, escrito entre 1966 e 1968, por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog. Os autores enfatizaram a habilidade com que os falantes lidam com a heterogeneidade linguística sem comprometer a eficácia da comunicação linguística.

Saliente-se que o termo “sociolinguística” pode ser considerado, de certa forma, redundante. De acordo com Labov (2008), não se pode conceber uma prática linguística que exclua totalmente o componente social da linguagem. O próprio autor apresentou certa resistência em utilizar esse termo, cunhado em 1950, para referir-se às perspectivas conjuntas que os lingüistas e sociólogos mantinham em relação às questões sobre as influências da linguagem na sociedade. “Por vários anos, resisti ao termo ‘sociolinguística’, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social.” (LABOV, 1972)<sup>5</sup>.

O pressuposto fundamental da Sociolinguística é o de que as línguas variam e essa variação é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, que contradizem a idéia da variação livre e da existência de um “caos” linguístico. Cabe a essa teoria investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, assim como diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo em relação à emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Além disso, sabe-se que toda mudança implica variação, mas nem toda variação implica mudança.

Deste modo, para estudar a mudança, é preciso avaliar quais são os fatores que a condicionam; como e por meio de quais caminhos a língua muda e por quais razões ela muda; como ela se *encaixa* no sistema social e linguístico; como os integrantes de uma comunidade *avaliam* a mudança; quando determinada mudança foi *implementada*. Deve-se, portanto, dar conta de cinco problemas que envolvem esse tipo de estudo. São eles:

- I. O problema das restrições (*the constraint problem*): quais as condições que restringem a mudança linguística?

---

<sup>5</sup> Lê-se no original: *I have resisted the term ‘sociolinguistics’ for many years, since it implies that there can be a successful linguistic theory or practice which is not social* (LABOV: 1972).

- II. O problema da transição (*the transition problem*): qual o percurso da mudança lingüística?
- III. O problema do encaixamento (*the embedding problem*): como as mudanças se encaixam dentro e fora do sistema lingüístico?
- IV. O problema da avaliação (*the evaluation problem*): qual a apreciação do falante em relação à mudança lingüística?
- V. O problema da implementação (*the actuation problem*): quais as razões de a mudança ter ocorrido em determinadas línguas e épocas?

De acordo com Labov (1994), o pesquisador pode recorrer a duas estratégias para identificar, descrever e analisar o processo de mudança lingüística: o estudo em tempo aparente, através das faixas etárias, e em tempo real, considerando intervalos maiores ou menores entre pelo menos duas sincronias.

Com relação à análise em tempo aparente, o lingüista considera a distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo em função das faixas etárias, sendo que esse estudo fornece indícios na tentativa de atestar se há uma situação de estabilidade, mudança incipiente, mudança em progresso ou mudança completa.

Essa saída metodológica pressupõe que a faixa etária das pessoas representa uma “passagem de tempo”, de acordo com a conhecida hipótese de que a língua de uma pessoa se constitui até cerca de seus quinze anos de idade. Assim, pode-se fazer uma escala correlacionando a idade real do indivíduo com um dado estado de língua.

Deste modo, advoga-se que a fala de um indivíduo com 60 anos corresponderia a um estado de língua de 45 anos atrás; um indivíduo de 30 anos corresponderia a um estado de língua de 15 anos atrás e um indivíduo de 15 anos corresponderia ao estado de língua atual.

O problema da análise da mudança em tempo aparente é que considerar o tempo refletido na idade cronológica dos indivíduos pode levar a uma confusão entre mudança em tempo aparente e gradação etária.

No estudo em tempo real de longa duração, focaliza-se a mudança lingüística no decorrer do tempo; já no estudo em tempo real de curta duração, observa-se a mudança lingüística em dois momentos discretos de tempo.

Para os estudos lingüísticos em tempo real de curta duração, propõem-se duas estratégias: o estudo de painel (*panel study*), com base no estabelecimento de uma comparação entre amostras lingüísticas dos mesmos informantes em um período de 12 anos (mínimo) e 50 anos (máximo) e o de tendências (*trendy study*), a partir da comparação entre

diferentes amostras de informantes distintos de uma mesma comunidade. No estudo de painel e no estudo de tendências, deve-se observar o comportamento lingüístico do indivíduo no que se refere ao comportamento da comunidade.

Labov (1994) apresenta os padrões de mudança lingüística relacionados ao indivíduo e à comunidade.

Padrões de mudança lingüística no indivíduo e na comunidade	Indivíduo	Comunidade
1- Estabilidade	Estável	Estável
2- Gradação etária	Instável	Estável
3- Mudança geracional	Estável	Instável
4- Mudança comunitária	Instável	Instável

Tabela 2: Padrões de mudança lingüística no indivíduo e na comunidade

A variação pressupõe a existência de “variantes” (ou formas alternantes), que caracterizam um fenômeno variável. O objeto de estudo da variação constitui o que se convencionou chamar de variável dependente. *Dependente* porque o emprego de uma forma ou outra não é aleatório, mas condicionado por grupos de fatores ou variáveis independentes, que podem ser de ordem interna à língua, como os fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais, ou fatores de ordem externa, como condicionamentos sociais, contextuais e pragmáticos.

A perspectiva variacionista exige do pesquisador a observância, em linhas bastante gerais, de alguns pontos da teoria: I) as variantes devem ocorrer em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade; II) os dados devem aproximar-se ao máximo do uso espontâneo dos indivíduos; III) o *corpus* deve ser submetido a uma metodologia de base quantitativa, que seleciona as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que interferem no fenômeno.

Em relação à primeira exigência, existem alguns impasses. É bastante conhecida a polêmica travada entre Lavandera (1984) e Labov (1972) no que se refere à aplicação da teoria fora do âmbito da fonologia.

De acordo com a autora, não haveria variação no sentido estrito do termo, uma vez que, nos demais níveis de estudos lingüísticos (morfológico, sintático, semântico), as variantes são formas que apresentam certas diferenças de significado. De fato, essa situação

parece contrapor-se à primeira exigência da chamada Teoria da Variação, que preconiza: “duas ou mais formas devem apresentar o mesmo valor de verdade”.

O impasse é resolvido a partir da idéia de que as variantes devem apresentar **comparabilidade funcional**. Passou-se, portanto, a trabalhar com uma nova noção de *variante*: dois (ou mais) significados distintos com uma mesma função abrangente comum.

No que se refere à segunda exigência da Teoria da Variação, preconiza-se que os dados relevantes só podem ser buscados em situações reais de comunicação, com os próprios falantes, que seriam a única fonte segura para a obtenção de um *corpus* adequado.

Também essa questão já foi alvo de polêmicas. Como chegar a uma *generalização* dispondo de um número relativamente limitado de falantes? Labov (1972) defende que a variação lingüística se apresenta de forma bastante padronizada, e a regularidade da variação não requer um grande número de falantes para sua comprovação. Na verdade, a co-influência de fatores lingüísticos e extralingüísticos forma um caos apenas aparente, posto que uma análise mais aprofundada revela a *heterogeneidade ordenada* da variação lingüística.

Por fim, tem-se a terceira exigência, que também não escapou de polêmicas. O tratamento quantitativo, que pressupõe a utilização do pacote de programas VARBRUL (Sankoff, 1988) ou do GOLDVARB 2001 para Windows (Lawrence, Robinson & Tagliamonte, 1999), recebeu algumas críticas por parte de alguns estudiosos, que vêem nesse tipo de abordagem a predominância do caráter quantitativo em detrimento do qualitativo, ou seja, seriam os números pelos números.

O fato é que a metodologia de base quantitativa apenas permite uma avaliação mais objetiva, menos impressionística. Na verdade, a análise quantitativa não prescinde da análise qualitativa prévia e, após os resultados estatísticos, deve haver um retorno à análise qualitativa a fim de poder confirmar ou infirmar as hipóteses, como sugere o seguinte esquema:

Análise qualitativa → Análise quantitativa → Análise qualitativa

**Quadro 4:** A abordagem variacionista

Com este trabalho variacionista, pretende-se investigar a alternância entre as construções perifrásticas com *ter*, *dar* e *fazer* e seus respectivos verbos plenos, cognatos do nome que compõe a locução. Os dados são analisados não só em tempo aparente, a partir da

distribuição das formas por faixas etárias, mas também em tempo real de curta duração, com base na observação em duas décadas distintas, 70 e 90, para um estudo de tendência, nos termos de Labov (1994), que permite comprovar se houve efetivamente uma mudança e, no caso específico, uma proliferação das construções verbo-nominais, no espaço de 20 anos.

É de suma importância salientar que, neste estudo, se admite previamente o fato de que a abordagem variacionista provavelmente não responderá a todas as questões suscitadas por um tema tão amplo e complexo. Na verdade, nenhuma teoria, isolada, conseguiria fazê-lo. O objetivo é investigar os fatores condicionadores do uso das perífrases em lugar dos verbos plenos correspondentes, com base em duas fontes de evidência empírica: *corpus* oral e escrito do PB e PE e testes de avaliação subjetiva.

Ainda resta uma observação. Em relação à alternância entre as construções perifrásticas e os verbos plenos correspondentes, observa-se, na literatura sobre o assunto, que essas estruturas são apresentadas como construções “*semanticamente equivalentes*”, “*de aceção similar*”, “*de mesmo significado básico*”, “*com correspondência perfeita*”.

Deste modo, a equivalência semântica entre as locuções verbo-nominais e os verbos plenos morfologicamente afins é reconhecida por grande parte dos dicionaristas e lingüistas. Neves (2000) tece um comentário bastante relevante a respeito dessa questão, assumindo tal correspondência básica entre as formas e alertando quanto aos efeitos especiais obtidos pelo falante a partir da escolha de uma ou outra forma:

De fato, as construções com **verbos-suporte** e as construções correspondentes com **verbo-pleno** têm basicamente o mesmo sentido, mas os resultados semânticos obtidos nas duas construções nunca são idênticos. O falante pode, com a opção de construção com verbo-suporte, obter diversos efeitos semânticos. p. 58

A orientação deste trabalho fundamenta-se na afirmação acima: as formas em estudo apresentam “**basicamente** um mesmo sentido” (grifo nosso), e a utilização dos verbos-suporte acarretam diversos efeitos, sobretudo quando se trata de perífrases de configuração não-prototípica.

Além disso, considera-se que as formas alternantes, embora não possuam exatamente o mesmo valor de verdade, apresentam comparabilidade funcional, por partilharem de uma mesma macrofunção, qual seja a de predicar, a de estruturar uma predicação.

Por fim, deve-se lembrar, com relação aos testes de avaliação subjetiva, as recomendações de Tarallo (1990), ao esclarecer que se deve solicitar ao informante, nos testes

de percepção, que ele se manifeste em relação à aceitabilidade ou não de certas variantes (ou formas alternantes).

Tratando de métodos de investigação das atitudes/percepções que os falantes têm sobre os usos de sua própria língua, Fasold (1987) afirma que esses testes podem ser elaborados em forma de questionários, entrevistas e observação. O autor ainda esclarece que podem ser aplicados questionários abertos ou fechados. Os primeiros incluem questões que podem levar o informante a apresentar sua opinião de maneira livre, sem restrições. Já os segundos apresentam um formato que requer respostas tipo “sim/não” ou múltipla escolha. Nesses casos, torna-se mais difícil o trabalho de lidar com os resultados e mensurá-los.

Labov (1972) afirma, quanto à validade das respostas em testes de opinião/atitudes, que em alguns casos há uma discrepância entre as avaliações subjetivas e o uso real dos fenômenos lingüísticos estudados, devendo haver uma correlação entre dados reais de uso e de percepção dos falantes.

### **3.2- A metodologia de trabalho**

A presente pesquisa está fundamentada em dois tipos de evidência empírica: (i) dados de uso coletados de *corpus* oral e escrito do PB e PE e (ii) dados de percepção, por meio de relatos de atitudes em relação aos usos lingüísticos, obtidos por meio da aplicação de testes de atitudes.

Os dados de uso são concernentes a amostras de fala (entrevistas) e de escrita (notícias, anúncios) do português brasileiro e europeu, perfazendo um total de 628 dados (538 de fala e 90 de escrita), além de monografias referentes ao português brasileiro de final do século XX, que corresponderam a um total de 355 dados, alcançando um total geral de 983. Na análise do *corpus* escrito, não se levou em conta a distribuição por década, devido ao número exíguo de dados.

Para essa análise quantitativa, contou-se com o auxílio do programa VARBRUL (SANKOFF, 1988), responsável por fornecer os índices de frequência das variantes, os pesos relativos do valor de aplicação e por selecionar os fatores condicionadores desse fenômeno de alternância.

Os dados de percepção referem-se à aplicação de testes de verificação de atitudes lingüísticas, apresentando um total de 104 informantes, com o intuito de levar os usuários da língua a se manifestarem acerca de suas impressões a respeito de ambas as formas alternantes, a partir de uma reflexão sobre suas escolhas lingüísticas.

### 3.2.1- Descrição do *corpus*

Foram analisados dados de fala culta e popular. Os de fala culta correspondem à parte do *corpus* do Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta), constantes, na íntegra, no *site* [www.lettras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj), tanto da década de 70 quanto da década de 90. Já os dados de fala não-culta correspondem à parte do *corpus* do Projeto APERJ e os do português europeu correspondem à parte do *corpus* do *Português Fundamental*. Esses *corpora* utilizados na presente pesquisa encontram-se disponíveis através do Projeto *Análise Contrastiva de Variedades do Português*, o VARPORT- RJ, cujo *site* é [www.lettras.ufrj.br/varport](http://www.lettras.ufrj.br/varport). Esse projeto tem por objetivo

consolidar e intensificar a integração entre os trabalhos que vêm sendo realizados em Portugal e no Brasil sobre determinados fenômenos da língua portuguesa, de modo a oferecer um quadro geral contrastivo de suas variedades nacionais, com ênfase no desempenho de falantes representativos das variantes padrão e não padrão”.

Além disso, neste *site* estão reunidos dados de escrita jornalística. Alguns editoriais foram investigados, mas não entraram na contagem geral dos dados, uma vez que foi praticamente categórico o uso de verbos plenos, tanto no português brasileiro quanto no europeu, tendo havido apenas a ocorrência de três perífrases em 29 ocorrências.

Da década de 70, do português europeu, foram 41 anúncios, 10 editoriais e 12 notícias (1975 – 2000), além de 12 entrevistas, 2 de cada faixa etária e gênero/ sexo, na variedade culta; do português brasileiro, foram 22 anúncios, 7 editoriais, 31 notícias, (1975 – 2000), além de 12 entrevistas, com dois informantes por cada gênero/sexo e faixa etária. Da década de 90, do português europeu, foram 11 entrevistas, com dois informantes por cada gênero/sexo e faixa etária (à exceção da faixa 3, gênero/sexo feminino, com apenas uma entrevista); do português brasileiro foram 12 entrevistas, com dois informantes para cada gênero/sexo e faixa etária.

Além disso, foram também incluídas 24 entrevistas, representativas da variedade popular, com 8 informantes do gênero/sexo masculino por cada faixa etária.

Saliente-se que foram utilizadas mais algumas entrevistas do Português Fundamental, referentes ao português europeu, década de 70, a partir de dados coletados do

material organizado pelas professoras Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Lúcia Garcia Marques e Maria Luísa Segura da Cruz.

Apenas em relação ao português brasileiro, foram utilizadas seis monografias referentes ao curso de graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a PUC/ RIO, referentes às décadas de 70/80.

Uma outra fonte de evidência empírica refere-se aos testes de atitudes. Foram aplicados seis testes de avaliação subjetiva, com alguns informantes pertencentes às áreas de Direito, Engenharia, Administração, Arquitetura, Matemática, sendo que a maioria possuía formação na área de Letras, uma vez que alguns testes foram aplicados em turmas de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, no primeiro semestre de 2008.

### **3.2.2- Variável dependente**

Como é binária, a variável dependente deste estudo é tratada em termos de pesos relativos e percentuais de ocorrência de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa. No estudo das variantes perífrases e verbos plenos comutáveis entre si, o valor de aplicação das rodadas/análises multivariadas consideradas nesta pesquisa refere-se às construções perifrásticas com *ter*, *dar* e *fazer*.

### **3.2.3- Variáveis independentes**

As variáveis independentes referem-se aos fatores lingüísticos e sociais que poderiam estar correlacionados à ocorrência de uma ou outra variante (ou forma alternante). Neste estudo, as variáveis usadas inicialmente foram: (a) tipo de verbo-suporte; (b) modo de organização do discurso, (c) gênero textual e modalidade expressiva; (d) faixa etária, (e) gênero/sexo, (f) década, (g) variedade nacional; (h) estado de coisas expresso pelo verbo ou perífrase (+/- ativo); (i) extensão silábica; (j); configuração sintagmática do termo subsequente; (l) elementos intervenientes e alterações no nome; (m) tipo de perífrase. Saliente-se que as duas últimas foram usadas apenas para refinar os dados relativos às perífrases.

A partir da primeira fase de análise, foram levadas em conta apenas as variáveis que se mostraram mais produtivas: (a) tipo de verbo-suporte; (b) modo de organização do discurso; (c) gênero textual e modalidade expressiva; (d) faixa etária, (e) gênero/ sexo; (f) década; (g)



variedade nacional; (h) tipo de perífrase; (i) elementos intervenientes e alterações no nome (plural, diminutivo).

### ***Tipo de verbo-suporte***

Este grupo de fatores permitirá constatar se a perífrase analisada é formada pelo verbo-suporte *ter* (*ter necessidade*), *dar* (*dar apoio*) ou *fazer* (*fazer comparações*). Pretende-se investigar se as construções com *ter* são as mais recorrentes pelo fato de ele ser o auxiliar canônico, tomando parte em diversas outras estruturas da língua.

### ***Modo de organização do discurso***

Trabalhou-se com três possibilidades, a saber: narração, argumentação e descrição, considerando a predominância de um desses três modos nas seqüências analisadas, como em, respectivamente: *O casal chileno viajava (ou fazia viagem) num avião proveniente de Buenos Aires*, seqüência referente a uma notícia; *Calcula-se que trinta papas tiveram morte violenta (ou morreram violentamente)*, seqüência concernente a uma notícia; *No aniversário, há o dar parabéns (ou o parabenizar)*, seqüência relacionada a uma entrevista.

Pressupõe-se que as construções perifrásticas ocorrerão com maior freqüência em seqüências argumentativas. A hipótese refere-se ao fato de que na argumentação existe a preocupação de persuadir ou convencer o outro, circunstância que acarretaria a exploração dos recursos lingüísticos que colaborem para equacionar esse tipo de preocupação e, assim, levaria a uma necessidade de apresentar um texto mais minucioso, talvez até com um maior índice de modalizações discursivas (*fazer uma análise*, analisar; *ter uma conversa*, conversar; *dar uma assistência*, assistir), além de haver uma possibilidade de o falante lançar mão de efeitos especiais, como recurso persuasivo, a partir do uso de perífrases de configuração não-prototípica (*fazer uma perguntinha*, perguntar; *ter dúvidas*, duvidar).

### ***Gênero textual e modalidade expressiva***

Nesse caso, será possível a distribuição dos dados nos seguintes gêneros textuais: anúncios, notícias, entrevistas, além das monografias. Essa distribuição, na verdade, já dá conta da modalidade expressiva, uma vez que as entrevistas se referem apenas à fala, enquanto as outras modalidades são relacionadas à escrita.

Citam-se as seguintes ocorrências, encontradas no *corpus*: *Os anunciantes têm interesse (ou se interessam) em associar suas empresas a uma causa tão nobre*, seqüência referente a um anúncio; *Washington já deu sinais positivos (ou sinalizou positivamente) no sentido do processo negocial*, seqüência referente a uma notícia; *Eles são obrigados a dar abrigo (ou abrigar) o pescador*, seqüência referente a uma entrevista; *As mudanças institucionais têm o objetivo de assegurar a estrutura sócio-econômica vigente*, seqüência referente às monografias.

Sabe-se que os verbos *ter*, *dar* e *fazer*, sendo polifuncionais, também tomam parte em outras construções na língua. Neste sentido, o usuário poderia evitar a chamada repetição de termos, sobretudo pelo fato de o uso das perífrases ser normalmente vinculado à pobreza vocabular, em razão da repetição dos verbos *ter*, *dar* e *fazer*, rotulados de verbos-ônibus.

Pretende-se confirmar se, de fato, no texto escrito, as perífrases são utilizadas com menor recorrência, devido aos princípios “evite repetição de termos”, “seja conciso” e “use vocabulário mais específico”.

A pergunta que se pretende responder com esta variável é se os falantes evitam as perífrases em textos escritos ou em textos mais formais. Além disso, a hipótese é a de que as perífrases ocorrerão mais na fala, pois nela a possibilidade de haver repetição de termos e uso de vocabulário genérico é maior do que na escrita, na qual existe uma facilidade de se checar o texto, analisando, por exemplo, frases ou parágrafos anteriores.

### ***Tipos de perífrases***

As perífrases consideradas prototípicas são as que não apresentam elementos intervenientes, alterações no nome que as compõe ou alterações na ordem de seus constituintes. A título de exemplificação, citam-se casos de uma perífrase prototípica e de perífrases não-prototípicas, como em, respectivamente: *Aí se inicia um processo que dará origem a um ser humano*, fragmento extraído de uma notícia; *Eu fiz uma viagem a Roma*, seqüência extraída de uma entrevista; *E depois dava uma passada na Imperial*, seqüência extraída de uma entrevista.

Esse grupo de fatores permitirá uma análise mais apurada das perífrases recorrentes no *corpus* (os verbos plenos receberão um “não se aplica”). Com ela, poder-se-á constatar qual a estrutura perifrástica mais recorrente, se a prototípica, mais neutra do ponto de vista semântico, ou se a não-prototípica, em geral com contaminações semânticas, embora aqui não se explicitem quais seriam os elementos intervenientes ou se ocorrem alterações no nome da

perífrase ou na ordem dos constituintes, fator que será controlado por meio de uma outra variável.

Pressupõe-se que as perífrases não-prototípicas serão as mais utilizadas, devido à possibilidade de apresentarem nuances semânticas diferenciadas dos verbos plenos.

### ***Elementos intervenientes e alterações no nome***

Esse grupo de fatores permitirá detalhar qual seria o elemento interveniente presente nas perífrases não-prototípicas, ou se haveria alterações no nome que as compõe ou, ainda, na ordem de seus constituintes (os verbos plenos receberão um “não se aplica”).

Como exemplos, citam-se as seguintes ocorrências: *Mas não tive tempo de fazer a pesquisa*, seqüência extraída de uma entrevista; *Eu não sei exatamente o nome que dão hoje para esse peixe*; seqüência extraída de uma entrevista; *O plano do Collor não tem comparações em seu alcance e profundidade no Brasil ou em qualquer país*, fragmento extraído de uma notícia.

Pretende-se, com esse grupo de fatores, confirmar ou infirmar a assertiva de NEVES (2000), de que os verbos-suporte têm como complemento típico um substantivo **sem** determinante.

### ***Faixa etária***

Esta variável será utilizada nos dados de entrevista, a partir da distribuição dos dados por três faixas etárias: faixa 1 (25 a 35 anos), faixa 2 (36 a 55 anos) e faixa 3 (55 anos em diante). Objetiva-se proceder a uma análise em tempo aparente a fim de constatar se está ocorrendo realmente a chamada proliferação dos verbos leves, ou o aumento progressivo dessas construções. A fim de confirmar ou não essa hipótese, será averiguado se a faixa etária 1 apresentará índices mais elevados de ocorrência das construções perifrásticas.

### ***Sexo/ Gênero***

Esta variável poderá revelar se as mulheres são as mais “inovadoras” no que se refere à utilização das perífrases, pelo fato de as perífrases não serem tão estigmatizadas comunidade, tal como ocorre com outros fenômenos lingüísticos.

### ***Década***

Essa variável, juntamente com a faixa etária, permitirá atestar se está havendo realmente um aumento no uso de perífrases ou uma proliferação de verbos leves em tempo real: da década de 70 para a década de 90.

### ***Variedade nacional***

Com esta variável, tenciona-se investigar se a utilização de uma estrutura formada por um verbo-suporte se relaciona à variedade do Português, brasileiro ou europeu, e se a chamada proliferação dos verbos leves é um fenômeno que está ocorrendo, de fato, no português brasileiro.

### **3.3- Os testes de atitudes**

Como já mencionado anteriormente, a análise dos dados relativos às formas alternantes (verbos plenos e construções perifrásticas) também contará com os testes de atitudes/reação subjetiva, que abarcam dados retirados do *corpus*, além de dados criados para este estudo, a serem abonados pelos próprios falantes durante a tarefa de responder aos questionamentos propostos.

A confecção de testes de atitudes possibilita uma análise mais abrangente do fenômeno em estudo, uma vez que muitos dados não são encontrados nos *corpora*, embora sejam reconhecidos como perfeitamente viáveis pelos falantes de língua portuguesa.

Todavia, é importante considerar algumas restrições relativas à análise deste tipo de material, decorrentes da artificialidade da situação de aplicação dos testes, bem como da concepção de certo ou errado<sup>6</sup> que muitos manifestaram e, em alguns casos, da insegurança e do melindre que também se fizeram presentes durante a abordagem.

Além disso, deve-se registrar a dificuldade de se obterem informantes, sobretudo os pertencentes a áreas que não fossem de Letras. Houve, inclusive, casos de pessoas que se recusaram a responder ao teste que, por essa razão, passou a ser chamado de “pesquisa de opinião”, e também houve alguns que, após o terem feito, revelaram que acharam o teste “chato”. Infelizmente, esse comentário também partiu de pessoas da área de Letras. Por isso,

---

<sup>6</sup> Alguns testes continham a orientação de que não se considerava a questão do certo e do errado na pesquisa de opinião. Ainda assim, alguns informantes, ao responderem, insistiram na sua preocupação com a “correção”.

é, sem dúvida, necessário haver uma mudança de mentalidade com relação à importância das pesquisas sobre escolhas lingüísticas.

### 3.3.1- **Objetivos, problemas e hipóteses**

Nesta seção, explicitam-se os objetivos, problemas e as hipóteses dos seis testes de atitudes/reação subjetiva, a fim de que melhor se compreenda o papel que estes desempenham no presente estudo.

#### **Os objetivos**

- Investigar a possibilidade da existência de uma relação de equivalência semântica entre verbos plenos cognatos e perífrases prototípicas (sem elementos intervenientes, sem alterações no nome e sem alterações na ordem dos constituintes) e não-prototípicas.
- Discutir os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que a utilização de uma construção perifrástica acarreta no enunciado e na enunciação.
- Determinar os condicionamentos de natureza semântica e discursiva que condicionam a ocorrência de uma forma plena ou perifrástica, investigando o papel do contexto interacional e da intenção comunicativa do falante.
- Apurar se o fator grau de formalidade influi na opção de uso do verbo pleno ou da perífrase, comprovando também se o gênero textual e a situação de comunicação interferem nessa escolha.
- Averiguar se os falantes interpretam a inserção de elementos intervenientes nas perífrases e as alterações no nome que as compõe como fatores responsáveis por proximidade/afastamento de sentido entre as formas simples e perifrásticas.
- Explicitar o conceito que professores de português apresentam com relação ao emprego de perífrases em textos de fala e escrita formal, a fim de determinar se estas são marcadas por algum estigma ou preconceito lingüístico por parte da escola.

#### **Os problemas**

- Os falantes consideram que as formas verbais plenas apresentam equivalência semântica com construções perifrásticas, sejam elas de configuração prototípica ou não-prototípica? Estas últimas são consideradas mais “afastadas” do sentido veiculado por verbos plenos cognatos? Em que casos é pertinente pressupor uma relação de equivalência entre formas predicantes simples e complexas?
- A opção por uma forma simples ou complexa acarreta que tipo de efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos no enunciado e na enunciação? O que o uso de uma dessas estruturas pode revelar sobre o falante, o evento comunicativo, o interlocutor, etc.?
- Condicionamentos de natureza semântica e discursiva podem determinar a escolha de um verbo pleno cognato ou de uma perífrase? O que pode revelar a intenção comunicativa e o contexto interacional no que se refere à opção por uma ou outra forma?
- O fator grau de formalidade influi na opção de uso do verbo pleno ou da perífrase? O gênero textual e a situação de comunicação interferem nessa escolha?
- Os falantes interpretam a inserção de elementos intervenientes nas perífrases, as alterações no nome que as compõe ou na ordem de seus constituintes como fatores responsáveis por proximidade/afastamento de sentido entre as formas simples e perifrásticas?
- Os professores de português estabelecem alguma distinção referente ao uso de um verbo pleno cognato ou de uma perífrase com relação a textos em geral? A escola estigmatiza o uso das perífrases por serem estas compostas pelos chamados verbos-ônibus?

### **As hipóteses**

- As perífrases de configuração prototípica apresentam equivalência semântica com as formas verbais plenas, mas as de configuração não-prototípica, embora apresentem o mesmo significado básico, codificam diferenças de nuance semântica.
- Os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que a utilização de uma perífrase acarreta no enunciado e na enunciação serão muitos e variáveis, portanto não se mostram muito passíveis de serem catalogados; eles vão variar de acordo com a situação comunicativa apresentada.

- A ocorrência de uma forma simples ou perifrástica será condicionada por fatores semânticos e discursivos, a depender da intenção comunicativa do falante e do próprio contexto interacional; por essa razão, esses efeitos também não podem ser catalogados exaustivamente.
- O fator grau de formalidade influi na opção de uso do verbo pleno ou da perífrase, o mesmo ocorrendo, na visão dos informantes, com o gênero textual e a situação de comunicação.
- Os falantes são capazes de perceber que a inserção de elementos intervenientes nas perífrases, as alterações no nome que as compõe e na ordem de seus constituintes são fatores responsáveis pela proximidade/afastamento de sentido entre as formas simples e perifrásticas.
- Os professores irão atentar para o uso das perífrases em dados de escrita, tendo em vista os princípios “evite repetição de termos”, “seja conciso” e “use vocabulário específico”.

### **3.3.2- Descrição de cada teste**

Nesta seção, procede-se à descrição de cada teste, estando eles disponíveis nos apêndices ao final deste trabalho. Cabe informar que, inicialmente, a denominação “teste de atitudes” encabeçava o material com as orientações dadas aos informantes na pesquisa de atitudes. Todavia, alguns se mostraram melindrados provavelmente devido ao termo. Sendo assim, nos testes seguintes, optou-se por uma nova denominação: pesquisa de opinião.

O primeiro teste de atitudes (cf. apêndice 1) foi elaborado com o intuito de testar se o falante admite haver ou não equivalência semântica entre as perífrases formadas por *ter/ dar/ fazer* + nome abstrato e verbos plenos correspondentes. O teste conta com duas estruturas, uma simples e uma perifrástica, inseridas em um mesmo contexto, e ele deve optar se há ou não diferenças de sentido com a troca de uma forma pela outra, justificando sua resposta. Trata-se de informantes com nível superior nas mais diversas áreas: direito, administração, arquitetura, letras, matemática, engenharia, comunicação social.

O segundo teste (cf. apêndice 2) foi elaborado com o intuito de investigar se os informantes, no caso professores de português, têm consciência dos efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que a utilização de uma perífrase, sobretudo não-prototípica, acarreta no plano do enunciado e também no da enunciação. São apresentadas diversas situações de comunicação (baseadas em diálogos entre personagens), que envolvem o uso de

perífrases e, em seguida, há um questionamento sobre quais seriam as alterações acarretadas pela substituição de uma forma perifrástica por uma forma plena e quais as conseqüências dessa substituição. Este teste é voltado apenas para professores de português, devido ao seu grau de complexidade.

Com o terceiro teste (cf. apêndice 3) pretende-se responder se, de fato, o contexto e a intenção comunicativa do falante podem determinar ou condicionar o uso de uma das formas. No teste, é apresentada uma situação (com base na descrição de cenas e nos diálogos entre personagens) que “favoreceria” uma determinada forma, ou seja, uma construção perifrástica que seria mais adequada para o referido contexto, mas várias possibilidades de resposta para o falante. Trata-se de um teste de múltipla escolha, com espaço para justificativas. Saliente-se, ainda, que este teste foi voltado para informantes com curso superior em Letras.

O objetivo do quarto teste (cf. apêndice 4) é comprovar se o falante relata a existência de alguma restrição no que se refere ao uso da perífrase, relacionado ao gênero textual ou à situação de comunicação ou devido à questão da formalidade. O teste contém duas opções para o informante: A (verbo pleno) e B (perífrase). Ele deve optar por uma ou outra, sendo que alguns verbos plenos apresentam um traço de maior formalidade. Em seguida, são apresentados alguns questionamentos acerca do gênero textual e da situação de comunicação em que o falante usaria ou não a construção perifrástica. Este teste também é voltado para alunos de Letras.

O quinto teste de atitudes (cf. apêndice 5) foi elaborado com o intuito de auxiliar na proposição de uma escala que explicita o grau de aproximação ou um possível afastamento de significado entre as formas plena e perifrástica (ainda considerando que há um mesmo significado **básico** entre as estruturas). O teste contava com uma espécie de legenda a ser utilizada pelos informantes a partir de uma frase piloto contendo um verbo pleno que, em seguida, era substituído por várias perífrases correspondentes. A legenda era a seguinte: *0: significado idêntico, 1: significado muito semelhante, 2: significado semelhante, 3: significado um pouco diferente, 4: significado diferente, 5: significado completamente diferente*. Em seguida, são apresentados alguns questionamentos acerca dos critérios em que os informantes se pautaram em suas análises e sobre o contexto em que eles costumam usar tais formas. Devido ao grau de dificuldade, este teste também é voltado para alunos de Letras.

O sexto teste de atitudes (cf. apêndice 6) apresentava o objetivo de comprovar se os professores de português defendem alguma restrição referente ao uso de construções perifrásticas, sobretudo no texto escrito. Uma redação sobre drogas, criada especialmente para



esse teste, é apresentada para que o professor a corrija, levando em conta critérios como seleção vocabular, nível de linguagem e paragrafação.

#### **4- Análise sociolingüística variacionista**

Tarallo (1990) refere-se às formas alternantes como “adversárias de um campo de batalha” e aos fatores condicionadores como “as armas e artimanhas das variantes”. Segundo o mesmo autor, cabe ao pesquisador desmascarar a assistemática do aparente ‘caos’ lingüístico.

Na língua portuguesa, o falante conta com duas formas “adversárias”, que expressam basicamente a mesma idéia: construções perifrásticas (*dar educação, fazer viagens, ter uma*

*briguinha*) e verbos plenos correspondentes (*educar, viajar, brigar*). A ocorrência de uma ou outra construção é motivada por fatores de ordem lingüística e extralingüística, não ocorrendo de forma aleatória, ou “caótica”.

Assim, há, em geral, duas formas para o falante comunicar basicamente um mesmo significado, como se ilustra nos exemplos abaixo, que versam sobre o envelope da variação:

(79) Minha mãe me ajuda nas compras. (Entrevista, português brasileiro)

(80) Eu com outro colega podemos dar uma ajudinha na informática. (Entrevista, português europeu)

(81) Eu prefiro ser uma brasileira que vai ao Japão. (Entrevista, português brasileiro)

(82) Eu dou preferência pelas praias. (Entrevista, português brasileiro)

(83) O processo é lavar, enxugar, botar aqueles rolinhos. (Entrevista, português brasileiro)

(84) Então, faz a lavagem e a massagem no cabelo. (Entrevista, português brasileiro)

(85) Venho aqui visitar meus parentes. (Entrevista, português europeu)

(86) Meu avô fazia visitas semanais. (Entrevista, português brasileiro)

(87) Nos orgulhamos em particular de integrar o partido. (anúncio, português brasileiro)

(88) Empresa que tem orgulho em ouvir os clientes. (anúncio, português brasileiro)

(89) A gente costuma jantar fora, comer picanha fora. (Entrevista, português brasileiro)

(90) Eu tenho o costume de me dirigir às pessoas como senhor. (Entrevista, português brasileiro)

Como se pôde observar, as primeiras ocorrências dos pares referem-se aos verbos plenos e as segundas às construções perifrásticas formadas pelos verbos-suporte *ter, dar e fazer*. Note-se que as perífrases admitem a inserção de elementos intervenientes, como artigos (*tenho o costume*), além de alterações no nome que as compõe (*dar uma ajudinha, fazia visitas*).

Como assinalado antes, as variáveis correlacionadas à ocorrência de uma ou outra forma são de natureza lingüística e extralingüística. Com relação aos fatores extralingüísticos,

Tarallo (1990) afirma que “*tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente lingüístico) poderá ser relevante*”.

Saliente-se que, além do *corpus* de uso, outros dados, criados a partir da confecção dos testes de atitudes, serão analisados nesta pesquisa, a fim de complementar o estudo dos efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que envolvem a ocorrência de uma construção perifrástica ou de um verbo pleno correspondente.

#### **4.1- Análise dos corpora orais e escritos do PB e PE**

Dos grupos de fatores elencados nesta pesquisa, somente um foi considerado, a partir da seleção do VARBRUL, como elemento atuante no uso de perífrases em lugar de verbos plenos: a década. Antes, porém, de proceder à análise dos pesos relativos, serão apresentados os índices de frequência.

As perífrases perfizeram um percentual de 35% das ocorrências, resultado que não comprova a idéia de estar havendo na língua uma proliferação de verbos-suporte ou um aumento progressivo do emprego de construções perifrásticas.

A seguir, transcrevem-se algumas das construções registradas no *corpus*, a fim de que se possa entrar em contato com as estruturas que estão sendo analisadas nesta pesquisa<sup>7</sup>. Os verbos sublinhados apresentaram uma perífrase correspondente no *corpus* analisado:

##### **Verbos plenos comutáveis por *DAR* + nome:**

aconselhar,	entrar,
incentivar,	envergonhar,
amedrontar,	exemplificar,
<u>ajudar</u>	explicar,
<u>apoiar</u> ,	garantir,
assustar,	gritar,
auxiliar,	indenizar,
avisar,	iniciar,
combater,	interessar,
<u>contribuir</u> ,	motivar,
definir,	opinar,

<sup>7</sup> Não se considera o número de ocorrências dessas estruturas no *corpus*.

orgulhar-se,	proteger,
orientar,	rir,
prejudicar,	<u>telefonar.</u>
preocupar,	
prosseguir,	

Observe-se o verbo pleno “orgulhar-se”, que ocorreu no seguinte contexto: “*Isso é uma coisa que me orgulha muito*” (Entrevista, PE), que poderia corresponder a (*dá muito orgulho* ou, com alterações, a *ter muito orgulho*, como ocorre efetivamente no *corpus*, em: “*Nos orgulhamos em particular de integrar um partido que sempre se mostrou sensível* (Anúncio, PB). Processo semelhante ocorre com o verbo “*preocupar-se*” em “*Isso já preocupava a senhora*” (Entrevista, PE), equivalendo a “*dava preocupação*”. Isso porque, em outros contextos, esse mesmo verbo pode equivaler a “*ter preocupação*”, como em: “*Eu sempre tenho a preocupação de explicar tudo*” (Entrevista, PE).

**Verbos plenos comutáveis por *TER* + nome:**

aumentar,	odiar,
<u>conhecer,</u>	organizar,
controlar,	<u>orgulhar-se,</u>
<u>conversar,</u>	preferir,
costumar,	<u>preocupar-se,</u>
diminuir,	<u>pretender,</u>
duvidar,	recear,
explicar,	<u>recordar-se,</u>
influir,	refletir,
iniciar,	<u>respeitar,</u>
interessar-se,	servir.
lembrar-se,	supor,
<u>melhorar,</u>	valer,
modificar,	variari.
mudar,	
<u>necessitar,</u>	

Com relação aos verbos pronominais, observe-se que há algumas ocorrências equivalentes a *ter* + nome, como *interessar-se* (com 19 ocorrências), *lembrar-se* (com 11 ocorrências), *preocupar-se* (com 7 ocorrências) e *recordar-se* (com 4 ocorrências). Para *interessar-se* há 16 perífrases correspondentes (*ter interesse*), já para *lembrar-se*, não há perífrases correspondentes, enquanto que para *preocupar-se*, há 4 ocorrências (*ter preocupação*) e, por último, para *recordar-se* há apenas 1 perífrase equivalente (*ter recordação*).

Esse resultado não parece ratificar os resultados de Kato (1996), embora se leve em conta apenas o verbo *ter*. A linguísta apresenta a hipótese de que os falantes estariam usando construções perifrásticas formadas por verbos-suporte como estratégia de fuga ao uso do clítico, mas, no que se refere apenas aos quatro verbos plenos citados anteriormente, o seu número de ocorrências foi maior do que o de perífrases correspondentes com *ter*. Não foram registradas perífrases correspondentes a verbos plenos pronominais, no que se refere ao verbo *dar*, sendo que, com relação ao verbo *fazer*, foi registrada apenas uma perífrase (*fazendo sua inscrição*).

#### **Alguns verbos plenos comutáveis por *FAZER* + nome:**

agradar,	convidar,
ampliar,	copiar,
aniversariar,	debater,
<u>anunciar</u> ,	descrever,
aplicar,	desenhar,
apresentar,	desmembrar,
assinar,	devolver,
brincar,	discursar,
cadastrar-se,	distinguir,
calcular,	dividir,
classificar,	divulgar,
cobrar,	doar,
comprar,	elogiar,
consertar,	escolher,
<u>contactar</u> ,	estagiar,

exigir,	reciclar,
exportar,	reclamar,
filmar,	recuperar,
financiar,	referir-se,
imitar,	referir-se,
interpretar,	refletir,
introduzir,	reformular,
investir,	relacionar,
<u>lavar</u> ,	relatar,
limpar,	remendar,
matricular,	reunir,
misturar,	revelar,
<u>optar</u> ,	sacanear,
participar,	sortear,
pedir,	supor,
<u>perguntar</u> ,	tentar,
pesquisar,	transcrever,
pintar,	transmitir,
planejar,	usar,
prometer.	<u>viajar</u> ,
protestar,	<u>visitar</u> .
recheiar,	

Note-se que há um maior número de verbos plenos comutáveis por *fazer* + nome, sendo estes muito diversificados. Além disso, poucos foram os que apresentaram, no *corpus*, uma perífrase correspondente.

Procedeu-se, igualmente, a um levantamento dos nomes<sup>8</sup> que se combinaram com os verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer*, a fim de constatar se são os mesmos para os três verbos. Sublinharam-se apenas os que se combinaram com mais de um verbo-suporte nas três listagens.

#### **Nomes que se associam ao verbo-suporte *DAR*:**

---

<sup>8</sup> Os nomes foram transcritos tal como apareceram no *corpus*.

abrigo,  
ajuda, ajudinha  
apoio,  
banho,  
beijo,  
contribuição,  
distância,  
empréstimo,  
instruções,  
interesse,  
nome,  
notícias,

origem,  
parabéns,  
passada\*.  
passeio,  
preferência,  
proteção,  
rendimento,  
saltos,  
sinais,  
telefonema,  
valor.

**Nomes que se associam ao verbo-suporte *TER*:**

acesso,  
conhecimento,  
conversa,  
coragem,  
costume,  
diferença,  
dúvida,  
importância,  
interesse,  
medo,  
melhora,  
necessidade,  
objetivo,  
orgulho,

planos,  
preferência,  
preocupação,  
pretensão,  
reação.  
receio,  
recordação,  
relação,  
respeito,  
respostas,  
semelhança,  
significação,  
vendagem,  
vergonha.

**Nomes que se associam ao verbo-suporte *FAZER*:**

anotações,  
anúncio,

apresentação,  
aproveitamento,

associação,	negociação,
comentários,	opção,
companhia,	<u>passeio</u> ,
comparação,	pergunta,
confusão,	pesquisa,
contacto,	<u>planos</u> ,
controle,	promessas,
declaração,	remenda,
ensaios,	requisição,
escândalo,	reunião,
exposição,	sínteses,
gestos.	<u>telefonemas</u> ,
inscrição,	troca,
lavagem,	viagem,
massagem,	visitas.

Note-se que os nomes sublinhados nas diversas listagens podem ser associados a mais de um verbo-suporte. Existem casos em que essas combinações não produzem maior distinção significativa entre as formas, como em *dar preferência/ ter preferência* ou *dar um telefonema/ fazer um telefonema, fazer um passeio/ dar um passeio*. Há casos, porém, em que a troca de um verbo-suporte por outro acarreta distinções, comprovando o fato de que não ocorre um total esvaziamento semântico do verbo leve, como em *dar (causar) interesse/ ter interesse (estar interessado)*.

Registrou-se também o uso de *dar uma passada\**, combinação que parece ser unicamente possível com o verbo-suporte *dar*, embora se possa prever a ocorrência de um exemplo como *dar uma enxugada/fazer uma enxugada*, com referência a uma situação de apresentação de um texto resumido em um seminário, por exemplo, e *dar uma caminhada/fazer uma caminhada*, em contextos esportivos. Neves (2000) afirma que tais construções “configuram um aspecto verbal particular”, como em “*dar uma olhada*” que, segundo a autora, implica certa duração, embora rápida. O verbo pleno correspondente “olhar”, por sua vez, implicaria um evento pontual, isto é, sem duração.

Houve um registro de um nome no diminutivo, que ocorreu duas vezes no *corpus* representativo da fala culta (*Na informática é que podem dar uma ajudinha* e *Eu com outra colega podemos dar uma ajudinha*). Neves (2000) afirma que essas



construções, com o substantivo no diminutivo, como em “dar uma risadinha” ou “dar um beijinho” caracterizam situações informais.

Essas combinações de verbos-suporte com nomes no diminutivo não são exclusivas do verbo *dar*, podendo ocorrer também com os verbos *fazer* e *ter*, embora não tenha sido registrada nenhuma ocorrência no *corpus*. Pode-se citar, como exemplo, a construção *fazer uma perguntinha* ou a perífrase *fazer um lanchinho*, além da forma *ter uma conversinha* e *ter uma alegriazinha*, esta última citada por Neves (2000).

Observe-se, igualmente, a ocorrência de nomes no plural, como em ***dar*** *instruções, notícias, saltos, sinais*; ***ter*** *planos, respostas*; ***fazer*** *anotações, comentários, ensaios, planos, promessas, sínteses, telefonemas, visitas*. Em alguns casos, a utilização das perífrases, com o nome no plural, além de veicular uma idéia de recorrência da ação, permite que se prescindia de um termo, como em “*Aquela gente que faz promessas à santa*” (Entrevista, PE) ou em “*Até no modo como o jornal dá as notícias*” (Entrevista, PE).

Levando em conta as amostras de fala e escrita, de PB e PE, são apresentados os resultados obtidos, a partir dos primeiros resultados do VARBRUL, com relação à ocorrência das construções perifrásticas, a fim de dar uma visão panorâmica da distribuição das formas. Na formação de perífrases, a forma verbal que predomina (Tabela 3), como verbo-suporte, é *ter*, fato já constatado por Portela (2004).

Item Lexical	Ocorrências (perífrases)	%
Dar	42	19
Ter	115	52
Fazer	64	29

**Tabela 3: A distribuição das perífrases no *corpus***

A distribuição dos dados por faixa etária (restrita às entrevistas)<sup>9</sup> revela que essa variável não é significativa para o fenômeno da alternância entre as construções perifrásticas formadas por *ter*, *dar* e *fazer* e verbos plenos correspondentes.

<sup>9</sup> Não se contou com a informação sobre faixa etária e gênero/sexo em algumas entrevistas do português europeu, que serviram de complemento à amostra inicial.

Faixa Etária	Ocorrências (perífrases)	%	Total de construções (plenas e perifrásticas)
1	59	30	195
2	29	35	82
3	39	33	118

**Tabela 4: A distribuição das perífrases por faixa etária**

No entanto, pode-se afirmar, com base no percentual relativo à faixa etária 1 (30%), o menor índice de ocorrência das três faixas, que tal fenômeno não parece configurar um caso de mudança em progresso, mas de variação estável.

Os resultados para a variável modo de organização do discurso revelam que este não parece ser um fator condicionante do fenômeno da alternância entre as formas plenas e perifrásticas, porém esse resultado deve ser confirmado.

Modo de Org. Discurso	Ocorrências (perífrases)	%	Total de construções (plenas e perifrásticas)
Narração	78	35	225
Argumentação	142	35	400
Descrição	1	33	3

**Tabela 5: A distribuição das perífrases e o modo de organização do discurso**

Alguns dados demonstram que, além de se considerar o modo de organização do discurso, deve-se levar em conta também a intenção comunicativa do falante, discutida a seguir.

Seqüência argumentativa:

(91) Com noventa e três anos se *fazer planos* para o futuro... (Entrevista, português brasileiro)

Nota-se que há uma intenção, a partir do uso da construção perifrástica com o nome pluralizado, de realçar a idéia, que o informante defende, de que não há

possibilidade de existirem muitos “planos” (ou sonhos) numa idade mais avançada. Note-se, porém, que o uso do verbo pleno *planejar* poderia tornar a afirmação até mais radical, ou mais pessimista ainda.

Seqüência narrativa:

(92) E depois ele *dava uma passada* na Imperial. (Entrevista, português brasileiro)

Observa-se que há uma intenção de ser fiel aos fatos narrados procurando chamar a atenção para o fato de que se tratava de uma “passada rápida” no local mencionado. O uso do verbo pleno não veicularia essa pequena nuance semântica veiculada pela forma perifrástica.

Seqüência descritiva:

(93) No aniversário, há o *dar parabéns*. (Entrevista, português europeu)

Percebe-se que, neste caso, o falante se vale de uma construção mais recorrente a fim de descrever um ato quase “obrigatório” em ocasiões como a descrita acima. O uso do verbo pleno “parabenizar” traria ao enunciado um tom de formalidade que, provavelmente, não seria condizente com a intenção do falante.

A análise da distribuição de perífrases nos gêneros textuais revela que as diferenças entre os textos representativos da fala e da escrita não são tão significativas, sobretudo entre notícias e entrevistas.

Saliente-se também que os editoriais não foram incluídos na rodada, posto que a ocorrência de verbos plenos é praticamente categórica neste gênero, tanto no PB quanto no PE, tendo sido registradas apenas três perífrases (10%) num total de 29 ocorrências.

Gênero Textual	Ocorrências (perífrases)	%	Total de construções (plenas e perifrásticas)
Anúncios	12	24	51
Notícias	12	31	39
Entrevistas	197	37	538

**Tabela 6: A distribuição de perífrases nos gêneros textuais**

Ressalte-se que, sob o rótulo de entrevistas, incluem-se os dados do NURC (40%) e do APERJ (31%), cuja diferença percentual foi baixa: apenas 9% a mais de ocorrências de perífrases na modalidade culta. Sendo assim, optou-se por unir os

resultados, que perfizeram um total de 37% em relação ao total de 538 ocorrências de formas simples e perifrásticas (entrevistas).

Com referência à modalidade expressiva, Esteves (2007) constatou um índice baixo de perífrases com *dar* em textos representativos da escrita: crônicas (2%), artigos de opinião (4%), redações (6%) e provas (4%), mas que não destoaram muito dos índices de frequência dos textos representativos da oralidade: narrativas de experiência pessoal (5%), narrativas recontadas (11%) e relatos de opinião (7%).

Pode-se perceber, pela análise dos resultados da presente pesquisa, um índice um pouco mais alto de perífrases em entrevistas (37%), resultado próximo ao percentual de ocorrência nas notícias (31%), que faz com que se questione, com base também nos resultados de Esteves (2007), até que ponto as diferenças de uso na fala e na escrita são fundamentalmente significativas.

Saliente-se que o resultado referente aos anúncios (24%) não parece se justificar pelo fato de os falantes estarem monitorando o seu discurso, a fim de evitarem verbos-ônibus, uma vez que esse mesmo raciocínio deveria ser aplicado às notícias que, no entanto, obtiveram um percentual de 31%. Conjugando esse resultado com a variável modo de organização do discurso, pode-se aventar a hipótese de que talvez esse índice se deva à ocorrência maior de fragmentos narrativos nas notícias, uma vez que, em trabalho anterior de Portela (2007), a partir de *corpus* composto de inquiridos do tipo EF, DID e D2 do Projeto NURC, a narração se mostrou um fator atuante para a ocorrência das perífrases, com base na seleção da variável modo de organização do discurso.

Com relação aos anúncios, pode-se afirmar que o uso de perífrases prototípicas confere versatilidade ao texto e o com o uso das perífrases com elementos intervenientes e alterações no nome se pode alcançar um efeito semântico especial, até porque as perífrases não-prototípicas perfizeram um percentual de 70% no *corpus*. Nesse gênero, devido a uma intenção calcada no fator persuasão, essas nuances semânticas podem servir a propósitos comunicativos bem definidos, como em:

(94) Fazendo a sua inscrição no programa, você já ganha 20 pontos.

(95) A Qualcomn tem respostas para estas e outras perguntas inteligentes.

(96) E nós temos o maior orgulho de entregar para você mais essa grande obra.

Variedade Nacional	Ocorrências (perífrases)	%	Total de construções (plenas e perifrásticas)
Português Europeu	117	38	304
Português Brasileiro	104	32	324

**Tabela 7: A distribuição das perífrases no PB e no PE**

A análise dos resultados da Tabela 7 revela que as perífrases são mais recorrentes no português europeu do que no português brasileiro, mas com uma diferença de apenas 6%. Note-se que, em nenhuma das variedades, está ocorrendo uma proliferação de verbos leves.

Sexo/ Gênero	Ocorrências (perífrases)	%	Total de construções (plenas e perifrásticas)
Homem	86	35	249
Mulher	41	28	146

**Tabela 8: A distribuição das perífrases por gênero/ sexo**

Os resultados (apenas entrevistas) mostram que há apenas uma diferença de 7% entre o uso de perífrases por homens e mulheres. Não se confirmou, portanto, a hipótese clássica de que as mulheres lideram a mudança lingüística, quando o fenômeno não apresenta traços *estigmatizantes* (os falantes podem apresentar restrições quanto ao uso de perífrases, mas não seriam discriminados se as utilizassem, tal como ocorre com outros fenômenos lingüísticos).

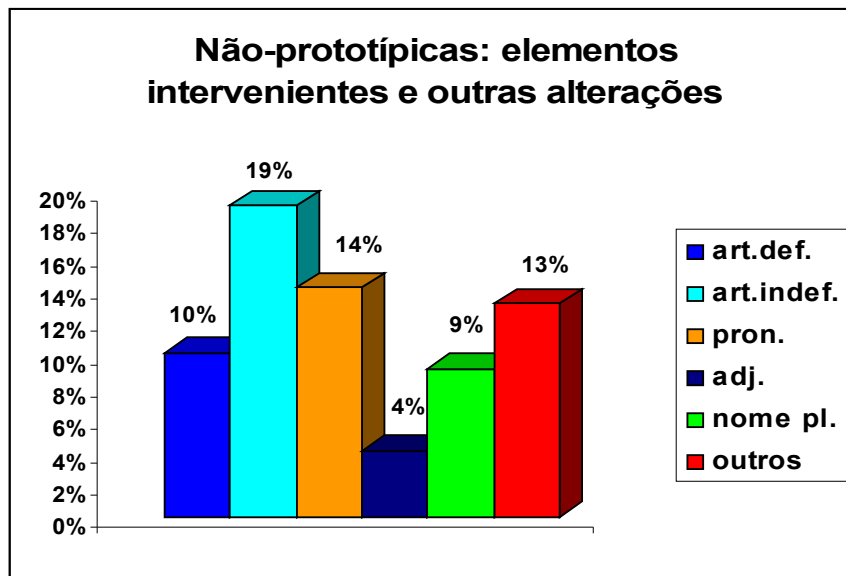
Prototipicidade	Ocorrências (perífrases)	%
Não-prototípica	153	69
Prototípica	68	31
<b>Total</b>	<b>221</b>	<b>100</b>

Tabela 9: A distribuição das perífrases prototípicas e não-prototípicas

Uma questão que merece uma reflexão mais pormenorizada refere-se ao fato de que a alternância entre a forma plena e a perifrástica poderia estar ocorrendo sobretudo em razão de as perífrases apresentarem nuances semânticas diferenciadas dos verbos plenos.

As perífrases mais recorrentes são, de fato, as não-prototípicas (que apresentam elementos intervenientes e alterações no nome). Essas construções veiculam uma nuance semântica diferente, ainda que, por vezes, de forma sutil, em relação ao verbo pleno correspondente. Com base nos resultados a seguir, pode-se concluir que a versatilidade semântica é relevante na análise do fenômeno em questão, conforme aponta também Esteves (2007), referindo-se às construções perifrásticas formadas pelo verbo-suporte *dar* + nome: “*conclui-se que, independentemente do corpus utilizado, quando o falante necessita veicular alguma nuance semântica de sentido especial, a tendência ao emprego de perífrases é bastante alta*”. A autora constatou que 89% das perífrases de seus três *corpora* apresentavam alguma nuance semântica diferenciada.

A seguir, fornece-se o gráfico dos elementos intervenientes e, em seguida, relacionam-se alguns exemplos dos dois tipos de perífrases, as prototípicas e as não-prototípicas, levando em conta o controle dos efeitos especiais das perífrases, conforme comenta Neves (2000), embora, em alguns casos, de forma impressionística.



**Gráfico 1:** Perfil das perífrases não-prototípicas (fala e escrita jornalística)

### **Prototípicas (70 ocorrências)**

(97) A Qualcomm tem orgulho em ouvir o cliente. (Anúncio, PB)

(98) Realmente, eu dou preferência pela música popular. (Entrevista, PB)

(99) Eles fazem passeio geralmente a pé para verem os monumentos. (Entrevista, PB)

Os resultados não ratificam a assertiva de Neves (2000), de o complemento típico dos verbos-suporte ser um substantivo sem determinante, uma vez que só houve 70 ocorrências de perífrases sem elementos intervenientes, o que não representa a maioria dos dados.

Note-se o uso da construção “dar preferência” em (98), cujo verbo-suporte poderia ser também o *ter* sem maiores prejuízos semânticos. Situação semelhante ocorre em (99), em que a construção “fazer passeio” poderia equivaler a “dar passeio”, construção que, inclusive, aparece no *corpus*: “*Apetecia dar um passeio*” (Entrevista, PE).

### **Não-prototípicas**

### **Com artigo definido** (23 ocorrências)

(100) Mas não tive tempo de fazer a pesquisa. (Entrevista, PE)

(101) Um técnico é aquele que dá as instruções. (Entrevista, PB)

(102) Eu tenho a preocupação de explicar tudo. (Entrevista, PE)

O uso do artigo, em (100), possibilita a retomada de um termo (pesquisa) mencionado anteriormente durante a entrevista. Já no exemplo (101), percebe-se que o uso da perífrase permite, conforme aponta Neves (*op. cit.*), “*reduzir a valência de um predicado*”. Segundo a autora, é mais fácil deixar de exprimir o complemento de um nome do que o complemento de um verbo. Em (102) não parece haver uma nuance semântica.

### **Com artigo indefinido** (42 ocorrências)

(103) Eu digo ‘vamos fazer uma reunião’, mas não fazem. ((Entrevista, PB)

(104) Eu precisava dar um telefonema. (Entrevista, PE)

(105) De repente, eu tenho uma reacção. (Entrevista, PE)

Observe-se que, em (103), se fosse comutado o verbo-suporte *fazer* para *ter*, apenas a título de ilustração, o sentido poderia ser diferente. Já em (104), seria possível também a ocorrência do verbo-suporte *fazer*, como se registrou no *corpus*: “*Eles permitiam que se fizessem telefonemas*” (Entrevista, PE), sem que ocorram alterações de sentido. Além disso, parece que o uso do artigo sugere que se trata de um telefonema qualquer.

### **Com pronomes** (30 ocorrências)

(106) Fazendo a sua inscrição no programa, você já ganha 20 pontos. (Anúncio, PB)

(107) Por não dar aquele apoio às massas. (Entrevista, PE)

(108) Mas terá algumas semelhanças com ele. (Entrevista, PE)

Neves (*op. cit.*) afirma que, em construções como (106), o uso do verbo-suporte indica posse reflexiva. Já em (107) a mesma autora afirma que o uso da construção



perifrástica permite “fazer remissão textual”. Note-se que, se tivesse havido uma determinada entonação neste enunciado, haveria também um efeito de se intensificar o referido apoio às massas.

### **Com adjetivos** (9 ocorrências)

(109) Eu tenho um grande respeito por favela. (Entrevista, PB)

(110) Prestes fez uma breve declaração inicial. (Entrevista, PB)

Neves (*op. cit.*) afirma que o uso da construção formada por verbo-suporte + nome permite maior versatilidade sintática, que pode ser obtida justamente com a adjetivação do nome que a compõe, como ocorre em (109) e (110). A autora ressalta, ainda, que, em alguns casos, as construções correspondentes com verbos plenos podem “não ser viáveis, ou soam estranhas”, como ocorre em *\*respeitar grandemente* (109) e *\*declarar brevemente* (110). Essas construções são normalmente as que mais se afastam semanticamente de seus respectivos verbos plenos, devido à presença do adjetivo como elemento interveniente, mas elas representaram um índice de apenas 4% de ocorrências.

### **Com o nome pluralizado** (19 ocorrências)

(111) A Qualcomn tem respostas para esta e outras perguntas. (Anúncio, PB)

(112) Assumiram a postura de quem faz ajustes de contas com a história. (Notícia, PB)

(113) Washington já deu sinais positivos no sentido do processo negocial. (Notícia, PB)

A pluralização do nome que compõe a construção com verbo-suporte atribui um valor frequentativo ao predicado, como em (111), de acordo com Neves (*op. cit.*). O uso dessa construção perifrástica, em lugar do verbo pleno correspondente (*responde*), sugere que haja uma gama de respostas para as perguntas dos clientes, o que, sem dúvida, valoriza a empresa em questão.

### **Outros** (28 ocorrências)

Neste item, estão incluídas as perífrases com outros elementos intervenientes, com alterações no nome que as compõe ou as que apresentaram mudanças na ordem dos constituintes, além de casos não previstos, como (117).

(114) Eu, com uma outra colega, podemos dar uma ajudinha. (Entrevista, PB)

(115) E depois dava uma passada na Imperial. (Entrevista, PE)

(116) Eu não sei exatamente o nome que dão hoje. (Entrevista, PB)

(117) Ele fez várias, várias anotações em seu caderno. (Entrevista, PB)

(118) Fiz umas duas viagens. (Entrevista, PB)

(119) As reuniões tiveram por objetivo a formação das comissões. (Notícia, PB)

(120) Uma conversa que a gente teve. (Entrevista, PE)

(121) Na informática é que podem dar uma ajudinha. (Entrevista, PE)

Observe-se que, em (116) e (120), ocorre uma restrição do nome que entra na construção com verbo-suporte, conforme assegura Neves (*op. cit.*). A repetição do elemento interveniente *várias*, em (117), parece quantificar o nome “anotações”, sugerindo que realmente foram muitas.

Faz-se necessário, ainda, fornecer outros exemplos de perífrases com nuance semântica diferenciada, que possibilitam transmitir, além do significado básico em comum com o verbo pleno correspondente, certos efeitos especiais como recursos de ênfase, idéia de intensidade, noção de recorrência, possibilidade de retomadas, etc.

(122) Eu tenho a minha avaliação do jogo. (Entrevista, PE)

(123) Terá também umas semelhanças com os gregos. (Entrevista, PE)

(124) Nós também temos aquele receio de magoar ou ferir. (Entrevista, PE)

(125) Tenho muita necessidade de falar com o advogado. (Entrevista, PE)

(126) E depois dava uma passada na Imperial. (Entrevista, PE)

(127) Acho que teria muito interesse. (Entrevista, PE)

(128) E ela fez aquela associação com a fórmica. (Entrevista, PE)

(129) Permitiam que fizessem telefonemas. (Entrevista, PE)

(130) E não faz comentários. (Entrevista, PE)

(131) Me fazia mais confusão. (Entrevista, PE)

(132) Oportunidades de fazer alguns passeios de comboio. (Entrevista, PE)

- (133) Fazer uns ensaios com os sapatos. (Entrevista, PE)
- (134) Havia homens a fazer gestos de um lado para o outro. (Entrevista, PE)
- (135) Os próprios operários pediram para fazer suas negociações por conta própria. (Entrevista, PB)
- (136) Eu tenho um grande respeito por favela. (Entrevista, PB)
- (137) Eu com outra colega podemos dar uma ajudinha. (Entrevista, PB)
- (138) De mostrar documentos, fazem passeios geralmente a pé. (Entrevista, PB)
- (139) O governo devia dar mais proteção às colônias. (Entrevista, PB)
- (140) Pelo menos deu mais alegria ao povo. (Entrevista, PB)
- (141) Você não dá muito valor. (Entrevista, PB)
- (142) Eu me divirto até agarrando e dando uns beijos na minha filha. (Entrevista, PB)
- (143) Mas o mais novo não tem tanta necessidade do irmão. (Entrevista, PE)
- (144) Os velhotes dão saltos. (Entrevista, PE)
- (145) E teve muito interesse, muito. (Entrevista, PE)
- (146) E faz a troca simplesmente apresentando o cartão Smart Club. (Anúncio, PB)
- (147) O plano tem o objetivo de obter taxa zero de inflação. (Notícia, PB)
- (148) Mas não tive tempo de fazer a pesquisa. (Entrevista, PE)
- (149) Você pode fazer a opção se só quer corte. (Entrevista, PB)

Note-se que, em (122) e (135), usa-se um pronome possessivo, para marcar uma subjetividade no enunciado. Além disso, em (125) e (127), ocorre uma intensificação do nome que compõe a perífrase. Neves (*op. cit.*) afirma que, nesses casos, o uso de um verbo pleno correspondente indicaria maior intensidade da ação, processo ou estado, e não quantificação, como em *necessitar muito* e *interessar muito*.

Já em (133) e (142), há mais de um efeito especial: o valor freqüentativo do predicado e um efeito de indeterminação por conta da utilização de um artigo indefinido como elemento interveniente. Por fim, em referência ao enunciado em (144), citam-se as palavras de Neves (*op. cit.*) a qual afirma que o uso de determinados verbos-suporte pode sugerir gestos, movimentos, atitudes, intenções e, assim, configuram mais propriamente ações, processos, e estados verbalizados.

Deve-se salientar, ainda, em termos quantitativos, que o *input* geral dessa rodada foi de .36 e a freqüência foi de 35%. A significância foi de .021. Com relação à variável selecionada, a década, uma comparação entre os percentuais referentes às décadas de 70 e 90 mostra que não está ocorrendo a chamada proliferação de verbos

leves, pois os percentuais de ocorrência de perífrases na década de 90 são menores que os da década de 70 e os pesos relativos também exibem o mesmo comportamento.

Década	Ocorrências (perífrases)	%	Peso Relativo	Total de construções (plenas e perifrásticas)
70	136	44	.64	311
90	61	27	.31	227

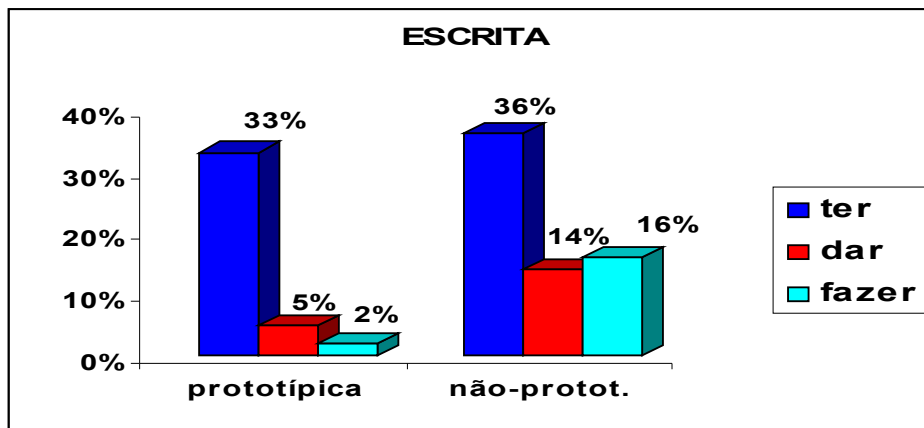
**Tabela 10: Resultados da variável *década* no corpus**

Martins (2005) comprovou uma queda no uso de perífrases com *ter* e *haver* da década de 70 (24%) para a década de 90 (20%).

Os resultados evidenciam que o índice de perífrases é bem menor que o de verbos plenos, independentemente do gênero/sexo, da idade, da variedade nacional, bem como de se tratar de fala ou escrita, não ocorrendo, de fato, a chamada proliferação de verbos leves, nem no PB, nem no PE. Esse resultado também não ratifica a assertiva de Aragão (1998) de que o uso das perífrases vem aumentando progressivamente.

Além disso, Portela (2004) constatou que o índice de ocorrência de verbos plenos é maior tanto entre falantes com mais escolaridade quanto entre informantes menos escolarizados, sendo que não há diferença significativa de uso de perífrases entre eles, resultado que se comprova com os dados do verbo *dar*, na pesquisa de Esteves (2008).

Ainda em busca de indícios que melhor elucidassem o fenômeno em estudo, optou-se por rodar separadamente as perífrases de configuração prototípica das de configuração não-prototípica, em razão da presença de nuances semânticas distintas nestas últimas, separando igualmente os dados de fala e de escrita. Os Gráficos 2 e 3 espelham os resultados alcançados.



**Gráfico 2:** Perífrases prototípicas e não-prototípicas na escrita jornalística

Observa-se que, de acordo com a rodada, a frequência geral de perífrases não-prototípicas foi de 21%, sendo maior que a de perífrases prototípicas, que obtiveram 12% na escrita, com comportamento diferenciado por verbo. Para as construções com *ter*, há apenas uma diferença entre elas de 3% de uso, enquanto para as estruturas com os verbos *dar* e *fazer* as discrepâncias são maiores: 9% para o verbo-suporte *dar* e 14% para o verbo-suporte *fazer*.

Na escrita, nos dados de anúncios e notícias, houve uma maior propensão à utilização de construções perifrásticas que veiculavam certas nuances semânticas que as formas plenas, *per se*, normalmente não codificam. Esse recurso parece ser bastante propício no discurso publicitário, para anunciar produtos ou serviços, valorizando-os (*A Qualcomn tem respostas para esta e outras perguntas*: anúncio, PB) ou para veicular informação ao grande público de forma menos contundente (*Washington já deu sinais positivos no sentido do processo negocial*: notícia, PB).

Note-se que os índices de frequência, na fala, de perífrases, prototípicas (17%) e não-prototípicas (29%), são mais altos que na escrita. As construções com o verbo-suporte *ter* novamente apresentaram um percentual mais equilibrado de ocorrência, com uma diferença de 8% para as não-prototípicas. Nas demais construções com *dar* e *fazer* a diferença é mais marcante: 12% para *dar* e 15% para *fazer*.

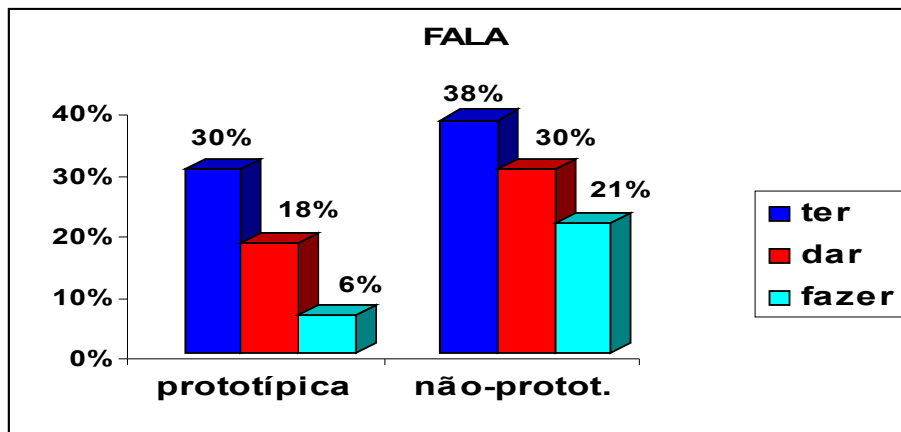


Gráfico 3: Perífrases prototípicas e não-prototípicas na fala

Comparando os dois gráficos, pode-se deduzir que, apesar de as perífrases apresentarem maior frequência na fala que na escrita, não há diferenças significativas entre fala e escrita, no que se refere à prototipicidade da perífrase.

Essa mesma distribuição também se mantém no que diz respeito à variedade do português (Gráfico 4), com pequenas diferenças percentuais: o maior índice de uso das perífrases verbo-nominais, não-prototípicas, no português europeu, ocorre na fala e, no português brasileiro, na escrita.

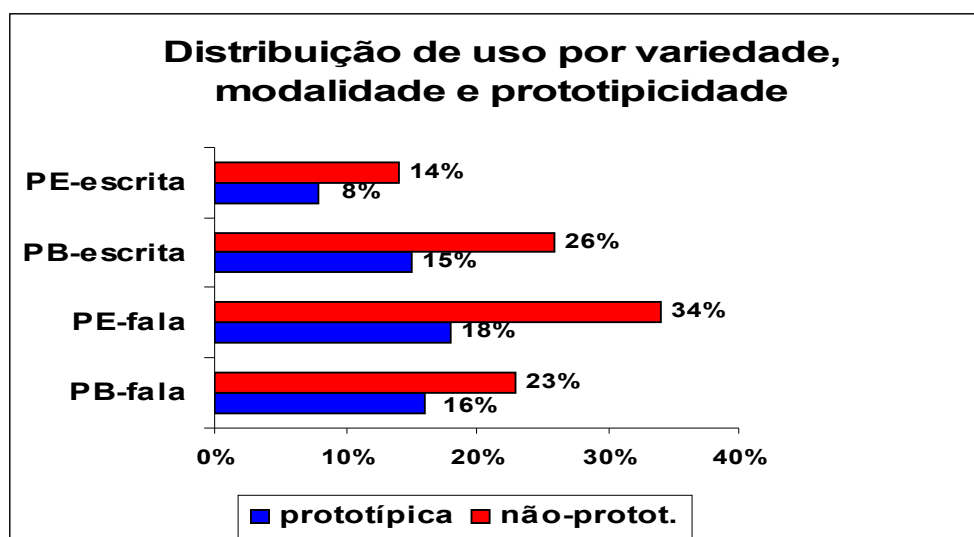


Gráfico 4: Distribuição de uso por variedade, modalidade e prototipicidade

Efetuuou-se um cruzamento entre as variáveis década e faixa etária e se pôde observar que, entre as perífrases prototípicas (Gráfico 5), houve uma redução no uso das construções perifrásticas de 70 para 90. Entre as faixas etárias, na década de 70, os resultados mostraram-se mais equilibrados, com 25% de ocorrência na faixa 1 e 24% na

faixa 2, havendo apenas uma pequena redução na faixa 3 para 19%. Em tempo aparente, haveria uma mudança em progresso. Em tempo real, porém, há uma redução de uso de perífrases, em todas as faixas e, de forma mais significativa, na faixa 2 (uma curva de variação estável).

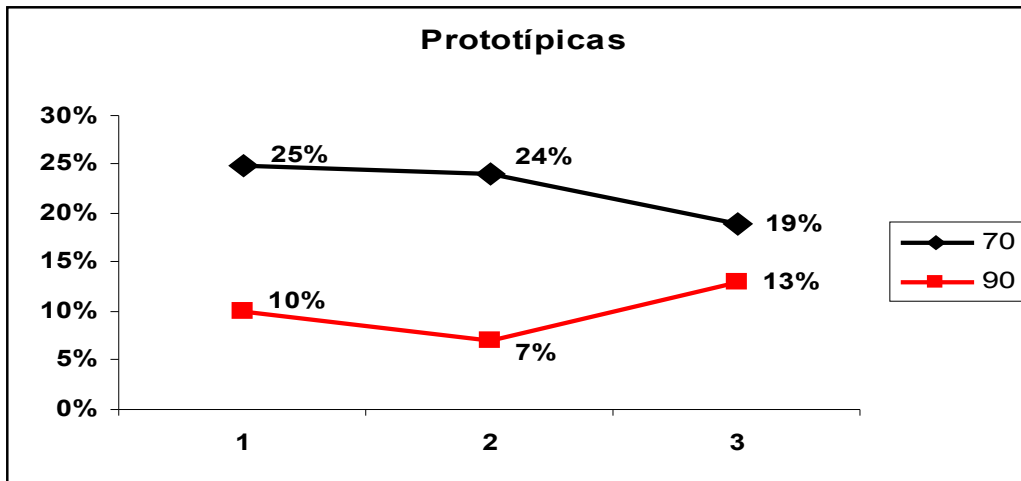


Gráfico 5: Década e faixa etária: prototípicas

As não-prototípicas (Gráfico 6), em tempo aparente, apresentam uma curva de variação estável, nas duas décadas. Na década de 90, houve um aumento significativo do uso de perífrases não-prototípicas (32%), na faixa 2, exatamente o inverso da década de 70, em que o percentual de uso na faixa 2 diminuiu. Este resultado parece contrariar a hipótese de que os falantes adultos, da faixa intermediária, que corresponde ao período de inserção e fixação no mercado de trabalho, usariam mais os verbos plenos, na busca de evitar repetições dos verbos *ter*, *dar* e *fazer* que compõem as perífrases.

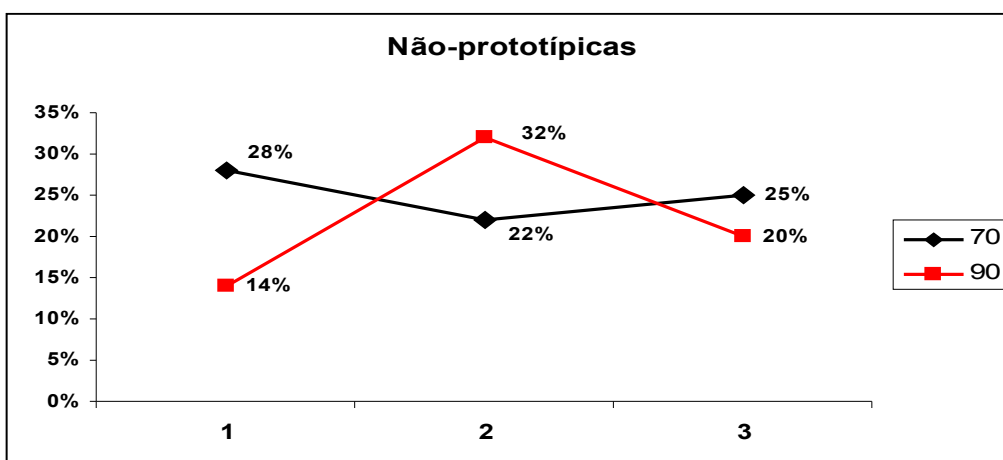


Gráfico 6: Década e faixa etária: não-prototípicas

Note-se, com relação aos resultados gerais dos dados do PB e do PE, que não foram consideradas atuantes para o fenômeno variáveis como gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, variedade nacional. Houve apenas uma diferença nos percentuais de fala (37%) e escrita (23%), embora a variável modalidade expressiva não tenha sido selecionada.

#### **4.2- Análise de monografias**

Além do *corpus* referente ao discurso jornalístico, foram analisadas **monografias** do curso de graduação em História da PUC/ RIO, por se tratar de escrita acadêmica, mais *próxima*, em princípio, das chamadas ‘elocuições formais’, analisadas por Portela (2004).

Nesta fase, algumas variáveis foram descartadas, tais como gênero/sexo, década, gênero textual, faixa etária. Apenas uma variável mostrou-se atuante: o modo de organização do discurso, que não foi selecionada para a fala e escrita jornalística, analisadas anteriormente. O *input* de uso da perífrase foi de .23 e a frequência geral de 22%, resultados semelhantes aos obtidos para a escrita jornalística. A significância foi de .001.



As construções perifrásticas com *ter* foram as mais recorrentes no *corpus*, conforme se pode constatar na tabela seguinte.

Item Lexical	Ocorrências (perífrases)	%
Dar	15	21
Ter	31	44
Fazer	25	35

Tabela 11: A distribuição e a frequência das perífrases na escrita acadêmica

Fornece-se, a seguir, uma lista com alguns dos verbos plenos comutáveis por verbos-suporte + nome. Os verbos plenos sublinhados apresentaram, no *corpus*, uma perífrase correspondente.

**Alguns verbos plenos comutáveis por *DAR* + nome:**

acreditar,	explicar,
ajudar,	garantir,
<u>apoiar</u> ,	legitimar,
auxiliar,	opinar,
avisar,	orientar,
beijar,	originar,
combater,	prosseguir,
contribuir,	proteger,
enfocar,	sugerir,
exemplificar,	telefonar.

**Alguns verbos plenos comutáveis por *TER* + nome:**

admirar,	importar,
<u>assemelhar-se</u> ,	influir,
aumentar,	<u>iniciar</u> ,

<u>interessar</u> ,	preocupar-se,
lucrar,	<u>repercutir</u> ,
necessitar,	respeitar,
odiar.	temer.
preferir,	

**Alguns verbos plenos comutáveis por *FAZER* + nome:**

<u>abordar</u> ,	intervir,
ajustar.	investigar,
aludir,	ler,
ampliar,	mencionar,
<u>analisar</u> ,	opor-se,
apostar,	prevenir,
comentar,	queixar-se,
<u>comerciar</u> ,	<u>referir-se</u> ,
comparar,	reivindicar,
confrontar,	relatar,
convocar,	selecionar,
corrigir,	separar,
<u>criticar</u> ,	substituir,
descrever,	supor,
distinguir,	tentar,
<u>dividir</u> ,	transferir,
ênfatizar,	transportar,
estudar,	usar,
inaugurar,	visitar.

Neves (2000) afirma que o uso de construções perifrásticas estaria relacionado a textos científicos ou técnicos, pelo fato de essas construções pertencerem ao jargão da área, citando como exemplo a perífrase “*fazia uma distinção*”. Essa construção foi registrada nas monografias, mas o verbo pleno correspondente (distinguir) também foi. O mesmo ocorre com os seguintes exemplos: analisar/ fazer análise; abordar/ fazer uma abordagem; criticar/ fazer críticas; dividir/ fazer a divisão; referir-se/ fazer referência;

comerciar/ fazer comércio. Note-se que muitas dessas perífrases, que pertenceriam, segundo Neves (*op. cit.*), a um jargão científico, também foram encontradas em dados de fala (entrevistas), tornando tal afirmação questionável.

Conforme feito anteriormente para os dados de fala e escrita jornalística, apresenta-se a seguir uma lista de nomes que se associam aos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer*, tendo sido sublinhados os que apareceram combinados a mais de um verbo leve.

**Nomes que se associam ao verbo-suporte *DAR*:**

alerta,	ênfase,
anistia,	exemplo,
apoio,	explicações,
aprovação,	opinião,
definição,	orientação,
detalhes,	<u>origem</u> .

**Nomes que se associam ao verbo-suporte *TER*:**

conhecimento,	objetivo,
coragem,	<u>origem</u> ,
fim,	relação,
início,	repercussão,
intenção.	resultado,
interesse,	semelhanças.

**Nomes que se associam ao verbo-suporte *FAZER*:**

abordagem,	críticas,
análise,	desvio,
busca,	distinção,
comentário	divisão,
comércio,	exposição,

interpretação,  
ligação,  
lista,  
menção,

planos,  
profecia,  
referência,  
união.

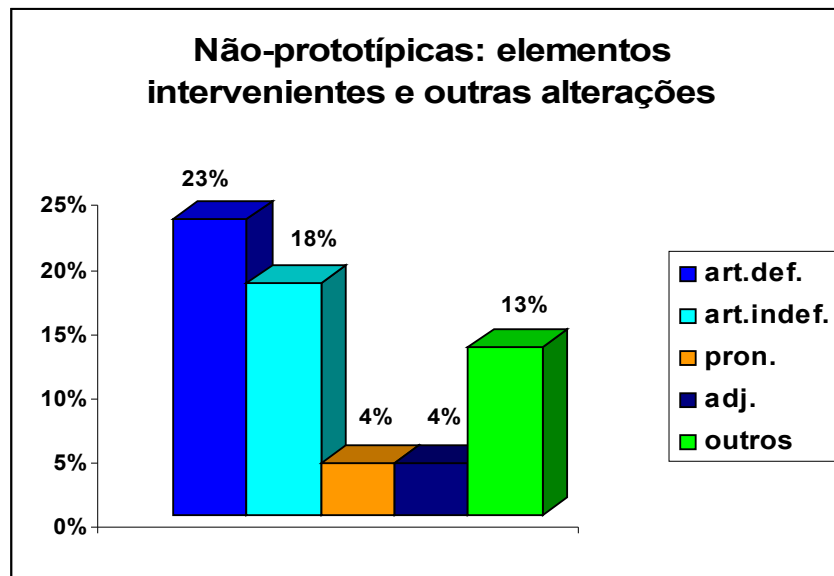
Note-se que, combinado com os verbos-suporte *dar* e *ter*, registrou-se, no *corpus*, apenas o nome “origem”, embora na língua, em geral, fosse possível ocorrerem outras combinações. Além disso, alguns nomes aparecem no plural, como em *dar* detalhes, explicações; *ter* semelhanças; *fazer* críticas, planos. Note-se que a construção *fazer planos* já havia ocorrido em uma entrevista do PB, em que o informante se mostra descrente em relação ao porvir: *Com noventa e três anos se fazer planos para o futuro...* Na monografia, o contexto em que ocorreu essa construção foi o seguinte: *O agricultor fazia planos para recuperar a sua produção.*

Em referência à presença de nuance especial nas perífrases, observou-se que, novamente, as não-prototípicas obtiveram um índice mais elevado de ocorrência, certamente por codificarem um matiz semântico que a forma plena, por si só, não veicula.

Prototipicidade	Ocorrências (perífrases)	%
Não-prototípica	44	62
Prototípica	27	38
Total	71	100

Tabela 12: A distribuição das prototípicas e não-prototípicas nas monografias

No Gráfico 7, a seguir, encontra-se a distribuição das perífrases de acordo com os elementos intervenientes que com elas ocorreram. Sob o rótulo de *outros*, encontram-se, além de outros elementos intervenientes, as perífrases com o nome pluralizado.



**Gráfico 7:** Perfil das perífrases não-prototípicas (monografias)

Registram-se, a seguir, exemplos dos dois tipos de perífrases, as prototípicas e as não-prototípicas, levando em conta a presença de elementos intervenientes e alterações no nome que compõe a perífrase, responsáveis pelos seus efeitos semânticos especiais.

### **Prototípicas** (27 ocorrências)

- (150) Ortega faz referência à península Ibérica.
- (151) Diferentes grupos procuram dar orientação concreta às suas tendências.
- (152) A análise tem início neste período.
- (153) Dando-lhes anistia por escrito.
- (154) O episódio da posse do desembargador teve fim com o incidente.
- (155) O presidente tinha intenção de acalmar as inquietações na província.
- (156) Uma vez fazendo parte da maçonaria, José Bonifácio seria obrigado a ceder seu lugar.
- (157) A noção de hegemonia em Lênin, noção esta que dará base a seus estudos.
- (158) O intelectual puro e desinteressado que não tem comprometimento com nenhuma classe social.
- (159) A primeira teve repercussão sobre a segunda.
- (160) A meta era dar apoio aos movimentos emancipacionistas do terceiro mundo.

Mais uma vez, os resultados não confirmam a assertiva de Neves (2000) de um substantivo sem determinante ser o complemento típico dos verbos-suporte, já que só foram registradas 27 ocorrências de perífrases sem elementos intervenientes (as prototípicas), de um total de 71.

### **Não-prototípicas**

#### **Com artigo definido** (16 ocorrências)

(161) O terceiro monarca ficou deslocado do programa da união, embora sem desistir do intento de fazer a união da Espanha.

(162) As mudanças institucionais têm o objetivo de assegurar a estrutura sócio-econômica vigente.

(163) Ele faz a divisão das sociedades em sociedades orientais e ocidentais.

(164) O terceiro estrato intermediário que faz a ligação entre ambos.

(165) Eles dão a direção à classe dominante em um papel de destaque.

(166) Impregnando o público com mensagens que davam o alerta para possíveis conseqüências de suas medidas.

(167) Fizemos a menção à idéia de modernidade para homens do século XIX.

(169) Após fazer a profecia, Frik encontra um velho comerciante.

As construções citadas, com artigos definidos, embora estabeleçam uma referência no discurso, apresentando um traço de [+ específico], não parecem apresentar uma nuance semântica especial.

#### **Com artigo indefinido** (13 ocorrências)

(170) Então a rivalidade já definitivamente resolvida pelo tratado de Tordesilhas tem uma prolongação incidental.

(171) O segundo item faz uma abordagem da estrutura sócio-econômica e da evolução política da província.

(172) Poderia fazer um exame em profundidade sem se deter na superfície das coisas.

(173) Guissepe faz uma análise do partido.

Observem-se as ocorrências em (171) e (173), em que parece haver uma espécie de modalização, no sentido de menor comprometimento do sujeito, no caso, com relação ao que ele se propõe realizar, pois não estaria se tratando de uma análise talvez mais minuciosa, mas de uma análise de caráter mais geral, em (173). A construção (172) não parece apresentar uma nuance semântica.

#### **Com adjetivo** (03 ocorrências)

(174) O incidente teve profundas repercussões no interior do governo.

(175) Ela fazia severas críticas à maçonaria.

Note-se que, tanto em (174) quanto em (175), há possibilidade de se obterem construções equivalentes do tipo *repercutiu profundamente e criticava severamente*.

#### **Com pronomes** (03 ocorrências)

(176) Os bispos prosseguem dando sua aprovação.

(177) O movimento oligárquico tem sua origem no momento da ampliação da representação popular.

(178) O método Slender é totalmente médico, não tendo qualquer relação com exercícios ou massagens.

Ressalte-se que, em (176), o uso da perífrase se deve à possibilidade de se reduzir a valência de um predicado, conforme aponta Neves (*op. cit.*). O verbo pleno ficaria, nesse caso, à espera de um complemento. Com o pronome, é possível enfatizar os autores da aprovação.

#### **Outros** (09 ocorrências)

(179) A propagação do liberalismo tinha como objetivo a eliminação do pacto colonial.

(180) O agricultor fazia planos para recuperar a sua produção.

(181) A análise de Viotti tem semelhanças com a de Otávio.

(182) Eles tinham como único objetivo desarticular e desunir o Brasil.

- (183) O pensamento político de José Bonifácio tinha como objetivo ratificar a autonomia que existia.
- (184) Tal falseada concepção teórica teve como resultado o esmorecimento da ação das ligas camponesas.
- (185) O MEB tinha como objetivo elevar o padrão educacional dos camponeses.
- (186) O presente trabalho tem por objetivo estudar a oligarquia mineira.
- (187) A primeira análise terá repercussões sobre a segunda.

Observe-se o uso recorrente da construção *ter como objetivo*, nas monografias, nas quais não se registrou nenhuma ocorrência do verbo pleno correspondente *objetivou*.

Com relação aos dados da análise quantitativa, os resultados da variável selecionada *modo de organização do discurso* (Tabela 13) não confirmam a hipótese de que as perífrases seriam mais utilizadas na argumentação, uma vez que estas são mais utilizadas na narração (31%). Pressupunha-se que, pelo fato de existir na argumentação uma preocupação em persuadir ou convencer o outro, haveria uma necessidade de apresentar um texto mais minucioso, talvez até com um maior índice de modalizações discursivas (*fazer uma análise/ analisar; ter uma conversa, conversar; dar uma assistência, assistir*). Além disso, na argumentação, também haveria a possibilidade de o falante lançar mão de efeitos especiais, como recurso persuasivo, a partir do uso de perífrases de configuração não-prototípica (*fazer uma perguntinha, perguntar; ter dúvidas, duvidar*).

Contudo, parece que, na narração, o falante talvez use mais as perífrases pelo fato de haver uma propensão, por parte do falante, a um maior envolvimento com o seu discurso, que fica menos monitorado, permitindo a utilização de verbos muito recorrentes, sobretudo na oralidade, como *ter, dar e fazer*, ainda que se esteja tratando de texto escrito, uma vez que esse fenômeno não possui caráter tão estigmatizante.

Sabe-se também que mesmo textos acadêmicos, como as monografias, podem apresentar certas marcas de oralidade, ainda que se trate de um texto planejado. A narração seria muito recorrente nas monografias pelo fato de estas apresentarem temas relacionados à História.

Modo de Org.	Ocorrências	%		Total de construções
--------------	-------------	---	--	----------------------



Discurso	(perífrases)		Peso relativo	(plenas e perifrásticas)
Narração	24	31	.66	78
Argumentação	54	19	.45	277

**Tabela 13: A atuação da variável modo de organização do discurso nas monografias**

Saliente-se, por fim, que os resultados das monografias revelam que as construções perifrásticas são apenas 1% menos utilizadas na escrita acadêmica (22%) que na escrita jornalística (23%). Esse índice é também semelhante ao obtido na análise de elocuições formais do NURC (21%), conforme elucidou Portela (2004). Esses percentuais não corroboram a hipótese de que os falantes cultos simplesmente não utilizam perífrases em situações formais de fala ou de escrita, como supõem alguns leigos.

## **5- Análise dos testes de atitudes**

A presente pesquisa conta com dados de percepção, além dos dados de uso anteriormente analisados, obtidos por meio da aplicação de testes de avaliação subjetiva. Acredita-se que os informantes podem e devem auxiliar nos trabalhos de pesquisa, com base nas suas reflexões sobre os usos e sobre as suas próprias escolhas lingüísticas. Muitos dados previstos na análise qualitativa prévia não foram registrados no *corpus* da presente pesquisa, mas puderam ser analisados haja vista o fato de os informantes terem reconhecido o seu uso como perfeitamente possível em seu próprio repertório lingüístico, abonando as construções que compuseram os testes.

### **5.1- Primeiro teste de atitudes: a possibilidade de alternância**

O objetivo desse primeiro teste de atitudes (cf. apêndice 1) era o de constatar se os falantes consideram que a troca da forma plena pela forma perifrástica acarreta alguma “alteração de sentido” no enunciado fornecido, sendo que essa nomenclatura serviria para abarcar qualquer modificação que o falante pudesse detectar, embora ela não implique a exclusão da idéia defendida nesta pesquisa de que as formas simples e complexas apresentam um mesmo significado básico. Essas “alterações” são, na verdade, as nuances semânticas que as perífrases não-prototípicas podem veicular.

O teste é composto de dados extraídos do NURC. Foram entrevistados 10 (dez) informantes, com formações diversas: administração (01), arquitetura (02), direito (02), línguas (02), matemática (01), jornalismo (01), engenharia (01).

Abaixo, reproduzem-se as questões do teste e analisam-se os resultados obtidos, confrontando-os com as hipóteses específicas.

1- Ela não ia **BEIJAR** a mão do filho porque o filho é que beija a mão da mãe. (EF 382)  
Ela não ia **DAR BEIJINHO** na mão do filho porque o filho é que beija a mão da mãe.

A hipótese para esses dados era a de que o falante detectaria uma alteração de sentido na permuta da forma plena pela perifrástica, pelo fato de a construção “dar beijinho” estabelecer uma maior afetividade que o verbo pleno, de ser uma forma mais carinhosa do que o verbo pleno, que seria mais neutro.

O resultado confirmou essa hipótese: 06 informantes consideraram que a substituição do verbo pleno pela perífrase acarretava distinção de sentido, enquanto 04 opinaram que havia manutenção de sentido.

As justificativas que os informantes usaram para defender a mudança de sentido fundamentaram-se na maior “afetividade” veiculada pela perífrase, que foi vista como uma forma mais “carinhosa”, justamente como previsto na hipótese.

Destaca-se também a afirmação de um informante de que a forma “beijar” é mais “formal” que “dar beijinho”, embora esse fato não diga respeito a uma alteração de sentido propriamente dita. Neves (2000) afirma que a construção ‘dar beijinho’ remete a um beijo sem compromisso e caracteriza uma situação informal.

2- Não deixei mais ele treinar, então ele veio se **QUEIXAR** aqui com a mãe dela. (Did 14)

- Não deixei mais ele treinar, então ele veio **FAZER QUEIXAS** aqui com a mãe dela.

A hipótese para esses dados era a de que o falante consideraria a existência de uma alteração de sentido na troca das estruturas em função de a perífrase sugerir que foram feitas várias queixas, e não apenas uma. Há, portanto, uma idéia de intensidade da queixa, sugerida pela perífrase.

Os resultados confirmaram a hipótese: 06 informantes consideraram que ocorria alteração de sentido e 04 acharam que não.

As justificativas basearam-se no argumento de que o uso da perífrase “fazer queixas” apontava para a ocorrência de “diversas queixas”, algo feito com mais “intensidade”, com um “alcance mais abrangente”.

3- É muito difícil de se **ACONSELHAR** alguém.

- **CONSELHO** é muito difícil de se **DAR** a alguém. (Did 35)

A hipótese era a de que o falante iria considerar que as formas apresentavam alteração de sentido em razão da topicalização do nome integrante da perífrase, que recebe uma certa ênfase, uma marcação especial.

Os resultados não confirmaram a hipótese inicial, visto que 06 informantes consideraram que houve manutenção de sentido e 04 opinaram que ocorreram alterações de sentido entre as formas.

Alguns informantes comentaram a ênfase acarretada pelo uso da construção perifrástica.

4- Você pode **DAR UMA OLHADA** na minha bolsa pra mim?

- Você pode **OLHAR** a minha bolsa pra mim?

A hipótese inicial era a de que o falante perceberia uma alteração de sentido entre as formas destacadas, já que a perífrase denota mais brevidade da ação.

Os resultados confirmam a hipótese integralmente: 10 informantes consideraram que houve alteração de sentido.

As justificativas fundaram-se predominantemente no argumento da durabilidade da ação: a perífrase está vinculada a “momento breve”, “menos demorado”.

Um informante considerou que embora “*se entenda o mesmo nas duas formas, ou seja, o falante está pedindo para vigiar a bolsa, as expressões parecem expressar distinção de sentido quanto à duração da ação, sendo menos demorado o ato de ‘dar uma olhada’ que de ‘olhar’*”. Pode-se concluir que esse informante percebeu a existência de um mesmo significado básico entre as formas, além de um efeito semântico distinto.

Um outro informante também apontou que a forma ‘dar uma olhada’ é “informal”.

5- E ela **ANIVERSARIOU** no domingo passado.

- E ela **FEZ ANIVERSÁRIO** no domingo passado. (Did 29)

A hipótese para esses dados era a de que os informantes não iriam considerar que as formas em destaque apresentavam alteração de sentido, pois se trata de uma perífrase prototípica, que não possui contaminações semânticas decorrentes da presença de elementos intervenientes ou alterações no nome que a integra.

Os resultados confirmaram essa hipótese, visto que 08 falantes consideraram que houve manutenção de sentido, enquanto 02 opinaram que ocorreu uma alteração semântica entre as formas.

Uma informante apontou a forma ‘aniversariou’ como mais formal que ‘fez aniversário’, em uma justificativa que não leva em conta propriamente as alterações de sentido.

6- A gente normalmente é chamado pra **OPINAR**.

- A gente normalmente é chamado pra **DAR A OPINIÃO**. (Did 135)

A hipótese para esses dados era a de que o falante iria detectar uma alteração de sentido referente a uma maior especificidade presente na perífrase em razão da presença do artigo definido como elemento interveniente.

Os resultados confirmaram a hipótese acima, visto que 07 informantes detectaram uma alteração de sentido com a substituição do verbo pleno pela perífrase, enquanto 03 opinaram que não.

As justificativas basearam-se na idéia de que a perífrase sugere uma “opinião específica”, que poderia, inclusive, exigir um “conhecimento técnico”.

7- Cheguei lá e estava preparado pra **PASSEAR** com o pessoal.

- Cheguei lá e estava preparado pra **DAR UM PASSEIO** com o pessoal. (D2 296)

A hipótese era a de que o falante consideraria que as formas em destaque apresentam alterações de sentido devido à presença do elemento interveniente, o artigo indefinido, que remete à idéia de se tratar de um passeio não especificado, além de haver também uma diferença de durabilidade do evento: a perífrase denota uma brevidade menor.

Os resultados confirmaram a hipótese inicial: 07 informantes consideraram que o uso da perífrase com o artigo acarreta alteração de sentido e 03 informantes opinaram que não.

As justificativas dos informantes que consideraram que haveria alterações de sentido calcaram-se nos argumentos de que se trata de um passeio “específico”, mais “relaxado” e que a perífrase sugere que o “tempo é curto”.

8- E quando a mulher gosta, ela **NECESSITA** se libertar e viver a vida.

- E quando a mulher gosta, ela **TEM ESSA NECESSIDADE** de se libertar e viver a vida.

A hipótese era a de que o falante consideraria a existência de uma alteração de sentido entre as formas destacadas em razão de a perífrase apresentar o elemento interveniente ‘essa’, que especifica e enfatiza a necessidade em questão.

Os resultados confirmaram essa hipótese: 07 informantes consideraram que há alteração de sentido com a substituição da forma plena pela perifrástica, enquanto 03 informantes opinaram que não.

As justificativas daqueles basearam-se predominantemente nos argumentos de que a perífrase “ressalta”, “enfatiza” e “especifica” a necessidade em questão, que parece “ficar mais forte”.

Um informante considerou a diferença muito sutil e afirmou que, sem a presença do pronome ‘essa’, as sentenças seriam idênticas. De fato, se assim fosse, a perífrase passaria à condição de prototípica, veiculando o mesmo significado básico que o verbo pleno correspondente, sem nenhuma nuance semântica especial.

9- Aí a torcida começa a gritar, **MOTIVANDO** os jogadores. (Did 05)

- Aí a torcida começa a gritar, **DANDO AQUELA MOTIVAÇÃO** aos jogadores.

A hipótese era a de que o falante consideraria a forma plena distinta da estrutura perifrástica em razão de esta última apresentar um elemento interveniente, ('aquela'), que intensifica e enfatiza o nome (motivação), veiculando um efeito semântico especial.

Os resultados confirmaram essa hipótese: os 10 informantes consideraram que ocorreu alteração de sentido na substituição da forma plena pela perifrástica.

As justificativas basearam-se no argumento de que a forma perifrástica, em razão da presença do pronome 'aquela', "ênfatiza", "reforça" ou "destaca" a motivação da torcida. Os informantes afirmaram também que passa a se tratar de uma motivação "especial", uma "super motivação", "uma motivação específica".

Cabe ressaltar que, ao final do teste, os informantes ainda tinham que responder às seguintes perguntas:

*Quais foram as suas impressões sobre este teste de atitudes? Houve alguma dificuldade? Você costuma usar as formas em destaque? Em que circunstâncias?*

A análise dos comentários sobre os testes de atitudes contou com muitas observações já mencionadas no decorrer desta pesquisa, no que se refere à alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes.

Duas informantes, uma mestra em Lingüística e uma professora de Matemática, consideraram que **todas** as substituições dos verbos plenos pelas perífrases acarretavam alterações de sentido. Os comentários foram, respectivamente, os seguintes:

*"Eu nunca vou considerar duas estruturas distintas com o mesmo significado, ou sentido."* (Mestra em Lingüística)

*"Eu não sei nada de português, mas o que posso dizer é que eu achei tudo diferente. Nunca se estava dizendo a mesma coisa, pois o sentido sempre mudava..."* (Professora de Matemática)

Essas avaliações lembram a postura de Lavandera segundo a qual acima do nível fonológico, sempre haverá distinção de significado entre as formas alternantes. A questão se resolve, porém, ao se considerar que as variantes devem compartilhar o mesmo domínio funcional.

No caso do presente estudo, considera-se, em relação ao significado, que as formas alternantes não significam *exatamente* a mesma coisa, mas compartilham de um significado básico comum, como afirmam vários linguistas e dicionaristas.

As construções perifrásticas prototípicas (como o dado ‘fez aniversário’ do teste de atitudes) apresentam o mesmo significado básico que a forma verbal plena correspondente (‘aniversariou’). Contudo, as não-prototípicas, além de apresentarem um mesmo significado básico, codificam efeitos semânticos especiais

Este estudo advoga que, à exceção da perífrase ‘fez aniversário’, todos os demais dados de perífrases do teste de atitudes apresentavam certas nuances semânticas não veiculadas pelas formas plenas. Essa é a mesma posição que assume uma outra informante, arquiteta, que também reconheceu essas diferenças.

*“As frases são parecidas, no entanto fazendo a releitura, é possível perceber maiores diferenças. Costumo usá-las. Mas não reparava tanto nas diferenças, não fazia de forma tão consciente. Eu uso para enfatizar algo no dia a dia.”*(Arquiteta)

Note-se o uso da perífrase ‘fazendo a releitura’ em sua justificativa.

Outros informantes não detectaram a diferença de sentido entre as formas, pelo contrário, consideraram-nas semelhantes:

*“O teste mostrou que há maneiras muito similares de dizer as coisas. Eu tive dificuldades em fazer o teste por causa da semelhança entre as formas e eu as uso freqüentemente sim.”*(Administrador)

*“Eu tive dificuldades, pois achei tudo muito parecido.”*(Advogado)

Uma outra informante explicitou o critério de que se utilizou para estabelecer diferenças entre as formas.

*“Eu achei o teste interessante, e até descobri uma linha de raciocínio para estabelecer diferenças entre as formas: as que tinham artigo, por exemplo, eram diferentes.”* (Jornalista)

Neste caso, a informante se valeu da presença de um elemento interveniente para determinar a distinção de sentido e essa é uma postura que está, ainda que relativamente, de acordo com a orientação do presente estudo.

A hipótese de que as perífrases são formas a serem evitadas em textos mais formais também foi cogitada por uma das informantes.

*“O teste é interessante, porque, à primeira vista, em todos os casos parece não haver distinção de sentidos. A impressão que se tem é a de que algumas formas*



*apenas são mais coloquiais, as formadas pelos verbos ter, dar e fazer, não utilizadas na escrita ou na forma culta, por não serem enxutas”. (Advogada)*

Note-se que a informante mencionou o critério da **concisão** em sua justificativa, que se constitui em um dos argumentos possíveis para não se prescrever o uso das perífrases.

Também não se poderia deixar de mencionar o fato de que três informantes consideraram a forma verbal plena mais *formal* que a forma perifrástica, o que sugere a elaboração de um teste de atitudes que melhor elucide essa questão.

Certamente, a análise dos resultados deste primeiro teste de atitudes permitiu que muitas dúvidas sobre o que pensam os falantes a respeito da alternância entre formas plenas e perifrásticas fossem equacionadas. Embora a amostra tenha sido constituída reunindo informantes de áreas distintas de conhecimento, houve muitas semelhanças em sua forma de interpretar o fenômeno.

## **5.2- Segundo teste de atitudes: os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos**

Nesta seção, pretende-se expor as hipóteses específicas, bem como os resultados desse segundo teste de atitudes (cf. apêndice 2), que visa a proceder a um levantamento acerca dos efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso de uma construção perifrástica em lugar do verbo pleno acarreta no enunciado e na enunciação.

Saliente-se que esse teste foi aplicado entre professores de Língua Portuguesa, que perfizeram um total de 10 (dez) informantes, sendo que ele foi organizado de modo a possibilitar a criação de várias situações nas quais são utilizadas perífrases que, inseridas em determinados contextos lingüísticos, codificam os mais variados efeitos especiais.

A análise do teste será feita da seguinte forma: transcrever-se-ão as suas partes com as respectivas hipóteses e, em seguida, apresentar-se-ão os resultados colhidos nos testes dos informantes. Houve um total de 15 (quinze) situações diferenciadas<sup>10</sup>.

**Situação 1:** *(Duas alunas conversam a respeito de um professor)*

ALUNA 1: Mas como é esse novo professor?

ALUNA 2: Ele é bom. Só que gosta muito de fazer cobranças.

---

<sup>10</sup> As situações baseiam-se em diálogos entre personagens, de acordo com a sua visão de mundo e valores.

ALUNA 1: Que tipo de cobranças?

ALUNA 2: Várias: pontualidade, assiduidade, além da confecção de resumos, resenhas, fichamentos...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *cobranças*, no plural, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de respostas:** *Os informantes podem observar que o plural sugere que o professor seja um profissional muito exigente. A aluna 2, do diálogo, define-o como um bom profissional, apesar das várias cobranças que faz, fato que não agrada a um determinado perfil de alunos, como fica subentendido. A expressão “fazer cobranças” também pode levar a uma interpretação de que esse professor é do tipo controlador, que polícia se os alunos estão ou não cumprindo suas atividades, característica meio incompatível com o ensino superior (fica subentendido que se trata de um professor universitário), o que o tornaria um professor um tanto inconveniente. Por meio da referida expressão, tem-se uma idéia do perfil de comportamento desse professor.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a expressão “fazer cobranças” caracteriza o comportamento do professor como exigente e rigoroso, veiculando uma idéia negativa acerca dessa atitude. Uma informante considerou que a perífrase apresenta uma maior força persuasiva e que, além disso, há uma certa ênfase na quantidade e diversidade das cobranças. Uma outra informante afirmou que a expressão, com o substantivo no plural, ajuda a se condenar essa idéia de um professor rigoroso. Percebe-se, como se afirma na hipótese, que o comportamento do professor é visto como inconveniente. Uma informante relatou que o uso do substantivo “cobranças” induz a que seja feita uma pergunta: que tipo de cobranças? Ela elucida que, com o uso do verbo “cobrar” essa pergunta não ocorreria, e ele não seria visto como rigoroso e exigente, mas como um professor normal, que exige o retorno dos alunos como qualquer outro. Essa informante assegurou que o diálogo poderia terminar logo após o uso desse verbo, pois ficaria subentendido que o professor gostava muito de “cobrar dos alunos”. Assim, o uso da perífrase possibilitou a retomada do termo ‘cobranças’ na terceira frase do diálogo e a sua explicação detalhada na quarta frase do mesmo.

2) Se substituirmos fazer cobranças por cobrar, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que se perde um pouco a ênfase veiculada pela expressão, e que seria como se ele cobrasse menos, ou que cobrasse apenas o empenho dos alunos, o que não o tornaria um professor rigoroso.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a idéia de freqüência das cobranças se perde, e o verbo “cobrar” fica à espera de um complemento. Alguns afirmaram que esse complemento poderia até ser “pressuposto” pela idéia que fazemos acerca do comportamento de um professor que normalmente espera que os alunos se “dediquem” nas aulas. Outros consideraram que o uso do verbo acarretaria uma conotação mais genérica, mais neutra, ou até mesmo mais positiva, pois o professor estaria se preocupando com o “retorno dos alunos”, mas sem rigores, como fica sugerido com o uso de “fazer cobranças” no plural. Um informante considerou que não haveria mudanças com o uso de uma estrutura no lugar da outra.

**Situação 2:** *(Dois moradores conversam a respeito de incursões de policiais na favela ou na comunidade)*

MORADOR 1: Todo mundo sabe que a polícia adora chegar atirando, né?

MORADOR 2: É. Eles gostam muito de chegar já dando tiros!

MORADOR 1: Eu acho isso totalmente errado!

MORADOR 2: Em vez de prender os bandidos, acabam acertando tiros nos moradores...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *tiros*, no plural, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que a expressão no plural denota quantidade e freqüência, e sugere que haja um grande despreparo da polícia, que põe em risco a vida de cidadãos inocentes. A polícia usa, portanto, “os tiros” para impor o respeito que deveria obter por meios mais condizentes com tal instituição social.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a perífrase possibilita exprimir a noção de quantidade que o verbo “atirar” não traz e que isso é importante no diálogo, pois os moradores criticam a atitude da polícia; assim, o substantivo no plural intensifica essa crítica e, segundo uma informante, dá a idéia de “tiroteio, correria, desespero dos moradores”. Um outro informante afirmou que o substantivo no plural enfatiza o fato de que várias pessoas podem ser atingidas. Três informantes consideraram que o uso da perífrase, do plural do substantivo “tiros”, significa que esses tiros são dados a esmo,

sem direção, de forma aleatória. O despreparo da polícia não foi mencionado, embora tenha ficado subentendido nas respostas.

2) Se substituirmos dar tiros por atirar, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem considerar que o verbo pleno atenua um pouco a intensidade da ação expressa pelo plural na locução, mas ainda assim a ação da polícia continua sendo considerada como um equívoco.*

**Resultados:** Os informantes apontaram a existência de uma “sutil diferença”, como se *atirar* se revestisse de um sentido de maior precisão nas ações realizadas ou, pelo menos, de maior consciência do que os policiais estão fazendo, pois os tiros teriam um alvo específico, talvez os bandidos. Essa idéia se repetiu nos testes: “o verbo *atirar* minimiza a atitude negativa da polícia”. Um informante afirmou que o mal “parece ser menor”. Como se vê, a imagem da polícia poderia até ser modificada com o uso de verbo *atirar*, segundo os informantes. Essa possibilidade não foi contemplada na hipótese de trabalho.

**Situação 3:** *(Duas mães conversam a respeito de seus filhos pequenos)*

MÃE 1: O seu filho também tem medo de dormir com a luz apagada?

MÃE 2: Sim. Mas é comum a criança ter medos nessa idade...

MÃE 1: Espero que meu filho supere logo essa fase.

MÃE 2: É. Isso passa com a idade.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *medos*, no plural, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem considerar que a expressão, no plural, pressupõe que existam outros medos para a criança, além do de dormir com a luz apagada. Há, portanto, um caráter mais genérico veiculado pelo plural em “ter medos”.*

**Resultados:** Os informantes consideraram que a expressão sugere a existência de vários tipos de medo, e que o uso do substantivo no plural também acarreta uma espécie de indefinição, algo “vago”, pois não se especificam os medos. Um informante estranhou o uso da perífrase afirmando: “não sei se as pessoas usariam *ter medos*”. Uma outra considerou “temer” como um uso não natural.

2) Se substituirmos ter medos por temer, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem perceber que o uso do verbo vai exigir a presença de um complemento, a fim de ficar claro qual seria o medo da criança. A*

*idéia de generalização, expressa pela locução, fica comprometida com o uso do verbo pleno.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a idéia ficaria incompleta, ou se faria referência a um tipo específico de medo. Um deles considerou que o uso de “temer” poderia ser “talvez até inadequado”. Outros três consideraram que o uso do verbo pleno significaria um medo mais acentuado, “quase pavor” da criança.

**Situação 4:** *(Professor corrigindo um erro de sua própria apostila)*

PROFESSOR: Eu queria chamar a atenção de vocês para o início do segundo parágrafo.

ALUNO: O que tem ele, professor?

PROFESSOR: Vamos fazer uma correçãozinha nessa parte aí, porque falta o acento nos verbos *ter* e *vir*, e eu também cometi alguns erros de digitação...

ALUNO: Só isso, professor?

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *correçãozinha*, no diminutivo, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que o uso do diminutivo atenuou os erros cometidos pelo professor, que poderiam colocá-lo numa situação talvez até vexatória, já que existe toda uma espécie de mito que coloca o professor numa situação de “detentor do saber”. Esse recurso utilizado pode sugerir que o professor está atento a essa exigência social. O uso da expressão mantém a imagem associada ao professor, até porque é ele mesmo quem está corrigindo os erros que cometeu.*

**Resultados:** Os informantes relataram que o uso da construção permite amenizar a idéia de que o professor cometeu um erro, o que não é esperado socialmente. Assim, a maioria considerou que o professor desejava “amenizar”, “minimizar” o erro cometido. Um informante considerou que o uso do diminutivo expressa afetividade. Segundo ele, “correçãozinha aparenta ser uma ação simples a ser solucionada”. Uma outra acredita que o professor estaria tentando se “redimir” de seu erro, que não seria bem aceito pelos alunos, tornando o ato de corrigir mais sutil.

2) Se substituirmos fazer uma correçãozinha por corrigir, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *O uso do verbo pleno inviabiliza a interpretação de que o professor estaria atenuando o seu erro, e ele poderia estar interpretando como natural o seu “deslize”, não demonstrando preocupação com o que possam pensar seus alunos a respeito de sua competência profissional.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a ação do professor se tornaria mais séria, que haveria uma subjetividade menor e que o professor estaria sendo “mais seco”. De acordo com uma informante, o verbo “corrigir” colocaria a situação como outra qualquer, ou seja, como se qualquer outra pessoa tivesse cometido o erro. Além disso, haveria a implicação de que a falha não teria sido tão pequena. Uma outra informante fez o seguinte apontamento: *“Acho que chamaria muito a atenção dos alunos. Parece que inverte a situação: quem costuma cometer erros são os alunos e quem tem o papel de corrigir é o professor. Porém, quando o professor diz que irá “corrigir” os próprios erros, parece que quem tem que aprender é ele...”* Essa afirmação reforça a imagem social que se construiu ao longo do tempo de o professor ser aquele que detém o saber e que, portanto, apenas uma “correçãozinha” seria aceita.

**Situação 5:** (*Membro da Banca argüindo mestrando*)

BANCA: Você poderia dar um exemplinho deste fenômeno?

MESTRANDO: Eu não mencionei nenhum exemplo do *corpus* nesta parte?

BANCA: Não. Não mencionou...

MESTRANDO: Seria “abobra” alternando com “abóbora”.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *exemplinho*, no diminutivo, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *O membro da banca poderia estar atenuando a crítica dirigida ao mestrando, abrindo mão, inclusive, de um verbo mais formal como o pleno correspondente “exemplificar”, numa espécie de concessão lingüística.*

**Resultados:** Os informantes consideraram que o uso da perífrase visa a amenizar a crítica que a banca está fazendo, tentando ser “simpática”, a fim de deixar o candidato mais calmo ou, até mesmo, complacente, segundo uma professora. Um informante afirmou que o objetivo da banca poderia ter sido *“não deixar o candidato nervoso, tentando uma aproximação com ele, ou subestimar o trabalho do mestrando, já que ele não apresentou nenhum exemplo”*. Essa segunda possibilidade não foi prevista na hipótese de trabalho, e é bem razoável, sobretudo acompanhada de uma entonação expressando desdém. Dois informantes relataram que o uso da perífrase sugere que se esteja solicitando um único exemplo do mestrando, e que “exemplinho” parece ser algo simples, sem muitas complicações.

2) Se substituirmos dar um exemplinho por exemplificar, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *O uso do verbo pleno confere um tom de polidez ao membro da Banca, mas revela que não há nenhuma preocupação com o ato de dirigir uma crítica ao trabalho, até porque tal procedimento já seria inclusive esperado na situação de argüição do mestrando.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a imagem passada pela banca sofreria alterações. Seria uma banca austera, séria ou formal.<sup>11</sup> O verbo passaria a idéia de uma crítica fria, e o exemplo pedido não seria mais apenas um detalhe. A banca estaria pedindo uma explicação mais demorada, e não apenas uma ilustração. A solicitação da Banca soaria como “uma quase ordem”. Os informantes concordam que tudo isso poderia deixar o mestrando mais nervoso. Dois informantes consideraram que o uso do verbo pleno sugere que se está pedindo mais de um exemplo.

**Situação 6:** *(Pai examinando boletim do filho)*

PAI: É. Nós precisamos ter uma conversinha...

FILHO: Ô paizão, eu queria mesmo ter uma conversinha com você.

PAI: Eu estou falando sério!

FILHO: Está bem, que estresse...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *conversinha*, no diminutivo (nos dois casos), acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *No primeiro caso, se trata de uma admoestação, de uma espécie de advertência, que revela o fato de que provavelmente o filho não obteve um bom desempenho escolar. No segundo caso, o filho inverte o sentido da advertência expresso pelo diminutivo, transformando-o em uma expressão afetiva, com fins até persuasivos, para lidar com o fato de não ter obtido boas notas.*

**Resultados:** Os informantes relataram que, no primeiro caso, estabelece-se um tom de ironia, como se o pai fosse fazer “um sermão” ou fosse “dar um puxão de orelha”, segundo apontaram dois informantes. Uma informante considerou que essa primeira ocorrência apresenta uma conotação negativa. Na segunda ocorrência, os informantes consideraram que o filho propõe uma conversa mais descontraída, pois não quer “levar uma bronca”. Além disso, outros informantes também apontaram que o filho poderia estar sugerindo uma conversa mais breve, mais rápida.

---

<sup>11</sup> Ponderou-se, nesta pesquisa, que a imagem da banca também poderia ser a de **neutralidade**.

2) Se substituirmos ter uma conversinha por conversar, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Ambos os efeitos de sentido se perdem com o a troca pelo verbo pleno. A imagem do pai poderia ser a de um pai mais compreensivo, talvez mais aberto a um diálogo com o filho, sem externar uma repreensão anterior a esse diálogo. No caso do filho, o tom de brincadeira feita se perde também e se torna algo mais sério.*

**Resultados:** Os informantes consideraram que o tom de ironia e de brincadeira se perde com a troca pelo verbo pleno. Segundo eles, em ambos os casos, a conversa ficaria, mais séria, mais imparcial, mais neutra ou mais ampla. No primeiro caso, o uso do verbo sugere que não haveria castigo, e não haveria mais a irreverência do filho no segundo caso. O verbo designaria a concepção de trocar idéias sobre um determinado assunto, simplesmente.

**Situação 7:** *(Professora de biologia retomando uma aula passada)*

PROFESSORA: Todos entenderam então como se processou a evolução?

ALUNO: Mas e hoje, professora? Também podemos fazer aquela comparação com os macacos?

PROFESSORA: Não, hoje a situação é diferente...

ALUNO: Mas por quê?

(A aula continua)

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *aquela* acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que o pronome sugere que se trata de uma comparação que a professora já havia feito anteriormente e que já era conhecida de todos. Também fica sugerida a idéia de que se trata de uma comparação “clássica” entre os humanos e os macacos.*

**Resultados:** Os informantes relataram que o uso da perífrase sugere que se esteja retomando uma comparação que a professora teria feito em aula anterior, e o fato de que “o aluno tem conhecimento do assunto tratado na última aula”. Alguns informantes também apontaram que a comparação se torna mais específica.

2) Se substituirmos fazer aquela comparação por comparar, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *A idéia de retomada de um assunto passado fica comprometida, bem como a idéia de que se trata de uma comparação clássica.*



**Resultados:** Os informantes consideraram que “comparar” não remete a nada que tenha sido dito anteriormente, e que o ato se torna mais comum, mais genérico, menos preciso. Passa a se tratar de uma comparação qualquer, não anunciada anteriormente. Uma informante teceu o seguinte comentário: *“Acho que a expressão é mais apropriada ao discurso científico, porque nominaliza, conferindo importância, os processos de intervenção do pensador: fazer comparações, ou fazer análises. Além disso, não permitiria a colocação do ‘aquela’ com tal naturalidade”*. Trata-se da mesma opinião de Neves (2000), embora normalmente se considere o uso dos verbos plenos como mais apropriados ao texto científico, pelo fato de as perífrases serem compostas por verbos muito recorrentes, favorecendo a repetição de termos, que não é bem vista em textos desse gênero. Esse assunto já foi inclusive tratado no decorrer da presente pesquisa (cf. item 4.2).

**Situação 8:** *(Amigas conversando sobre um pretendente)*

AMIGA 1: Ele ficou insistindo que queria me conhecer, que eu era linda...

AMIGA 2: E aí? Conta!

AMIGA 1: Aí eu acabei dando aquele beijo nele.

AMIGA 2: Que pena! Você não tem jeito mesmo...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *aquele* acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem perceber que se trata de um tipo de beijo específico, e o contexto revela que seria um beijo de recusa ou de consolação ou, ainda, de um beijo que não significa um envolvimento amoroso ou uma aceitação do pretendente. A expressão revela um pouco da personalidade da jovem, que a amiga conhece bem, que tem uma maneira singular de rejeitar os pretendentes, beijando-os. Poderia ser, por exemplo, um beijo no rosto.*

**Resultados:** Os informantes não interpretaram o beijo como sendo o de uma rejeição. Pelo contrário, consideraram como um “beijo intenso”, “um beijão”, “um beijo de verdade”. Não se trataria de um beijo qualquer, mas de um beijo especial, específico. Apenas um informante comentou a reação da amiga 2: *“Há a idéia de 1. “beijão”, aquele beijo maravilhoso. Ou, idéias subentendidas pelo que diz a amiga 2: 2. um beijo que a comprometa, como se ela tivesse um namorado e beijasse outro rapaz; 3. um beijo que ela não poderia dar pelo fato de estar brigada com o namorado e ter reatado”*.

2) Se substituirmos dar aquele beijo por beijar, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Não ficaria tão clara a idéia de que seria um beijo de rejeição, a não ser que todos os beijos da menina fossem de rejeição, o que seria pouco provável. A repreensão da amiga adquire novo sentido, que poderia ser o de alertá-la sobre o fato de que não se deve banalizar o ato de beijar, que ela deveria, talvez, ter esperado um pouco mais para partir para um beijo, por exemplo. A amiga poderia ser do tipo moralista.*

**Resultados:** Os informantes relataram que o uso do verbo tornaria o ato comum, habitual, banal, e que se perderia o caráter de intensidade do beijo. Um deles considerou que o ósculo “ficaria sem graça”. Nesse caso, a hipótese não foi confirmada.

**Situação 9:** *(Mãe e filha conversam sobre neto recém-nascido)*

AVÓ: Nossa! Mas o meu neto tem aquela semelhança com o pai...

MÃE: Ah, eu também o acho muito parecido com o Afonso!

AVÓ: Ele já foi amamentado hoje?

MÃE: Ainda não, porque não está na hora.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *aquela* acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que o pronome intensifica a semelhança da criança com o pai, juntamente com uma entonação adequada.*

**Resultados:** Os informantes consideraram que o uso do pronome “aquela” intensifica a semelhança, que parecer ser “notável”, “muito grande”. Há uma ênfase na semelhança, segundo eles. Uma informante considerou que a perífrase sugere que exista “uma semelhança apenas”, que já seria do conhecimento das personagens.

2) Se substituirmos ter aquela semelhança por assemelhar-se, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Não haveria mais a idéia de que o neto seria muito parecido com o pai, a não ser que fosse incluído o pronome de intensidade “muito”(assemelha-se muito).*

**Resultados:** Os informantes consideraram que o uso do verbo tornaria a semelhança comum, normal, pouco significativa. Seria o mesmo que “é parecido”, para um dos informantes. Um outro relatou que seria “como se o filho ‘lembrasse’ o pai, tivesse apenas traços do pai”.

**Situação 10:** (*Um ateu e um crente falando de religião*)

CRENTE: Quando você me contou que não acreditava em Deus me deu um susto!

ATEU: Eu sempre digo: sou ateu graças a Deus...

CRENTE: Você ao menos respeita as religiões?

ATEU: Oh, sim, claro! Eu tenho um respeito!...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso da entonação acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de reposta:** *Os informantes podem relatar que a entonação, sugerida pela pontuação, no primeiro caso, intensifica a idéia do susto do crente, que não esperava que aquele indivíduo não acreditasse em Deus. Isso pode ter ocorrido por muitas razões. O crente, por exemplo, pode considerar tão certa a existência de Deus que não consegue entender como uma pessoa pode não acreditar ou, talvez, poderia se tratar de um indivíduo (o ateu) muito bondoso e o crente não estaria acreditando na negativa por esse motivo. No segundo caso, há a possibilidade de uma interpretação dúbia: o ateu pode estar sendo irônico ou pode apenas estar afirmando que, apesar de não crer na existência do Criador, ela tem um “certo” respeito pelas religiões. Outros elementos, além da entonação, poderiam desfazer a ambigüidade, como a expressão fisionômica e os gestos do ateu.*

**Resultados:** A maioria dos informantes relatou que a entonação, no primeiro caso, intensifica o “susto” e enfatiza “a ironia e o sarcasmo”, no segundo caso. Contudo, alguns consideraram que a ênfase ocorre em ambas as situações, apenas intensificando tanto o susto quanto o respeito, ou seja, não haveria ironia do ateu. Um outro informante teceu o seguinte comentário: “Qual entonação? Impossível responder se você não me aponta qual é a entonação atribuída. Para o segundo caso (“tenho um respeito”), fico com a impressão que a sentença precisa ser realizada com a entonação típica de ironia.” Uma outra informante considerou que a entonação poderia marcar uma situação de conflito, e serviria para “evitar uma briga”.

2) Se substituirmos deu um susto por assustou-me e tenho um respeito por respeito, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem considerar que, na primeira troca, a idéia de intensidade do susto ficaria comprometida, e isso indicaria que o crente estaria encarando com um pouco mais de naturalidade o fato de alguém não*

*compartilhar com ele a crença na existência de Deus. No segundo caso, a troca também desfavoreceria a intensidade do “respeito”, até porque também seria omitido o elemento interveniente “um”, que também serve para intensificar essa idéia.*

**Resultados:** Os informantes relataram que, no primeiro caso, a idéia de intensidade e ênfase fica comprometida com a troca. Um deles afirmou que “*assustou* fica sem emoção”. Uma outra informante considerou que o enunciado ficaria “mais formal”. Com relação ao segundo caso, os informantes relataram que, com a troca, transmite-se uma idéia de algo mais verdadeiro, sincero. Um informante, contudo, considerou que, em ambos os casos, não haveria diferença alguma.

**Situação 11:** *(Moradores falando de brigas entre jovens no prédio)*

MORADOR 1: Mas vem cá... o síndico deu algum detalhe da briga?

MORADOR 2: Ele só falou que foi por causa de futebol.

MORADOR 1: Mas *como* foi a briga?

MORADOR 2: Ah, isso ele não deu um detalhe...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso dos elementos intervenientes *algum* e *um* acarretaram no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que o emprego do pronome “algum” pode revelar que o morador esteja tentando disfarçar um pouco a sua curiosidade, simulando que se “contentaria” com qualquer tipo de informação envolvendo a briga. Já no caso de “um”, fica subentendido que se trata de “um” detalhe específico, o de como teria sido a briga, o que equivaleria a dizer “sobre isso ele não deu nenhum detalhe.”*

**Resultados:** Os informantes relataram que os elementos intervenientes especificam e enfatizam os substantivos, como afirmou um deles: “*São elementos que enfatizam a idéia de curiosidade na conversa: algum, qualquer que seja, e um, nenhum detalhe*”. Uma outra informante afirmou, acerca do uso de “algum”: “*Na verdade em ‘algum detalhe’ o morador quer saber tudo: como foi a briga, o motivo, como desenrolou e como terminou*”.

2) Se substituirmos deu algum detalhe e deu um detalhe por detalhou, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que, no primeiro caso, o sentido poderia descambar para uma possível suposição de que o síndico poderia ser capaz de ter “divulgado” minuciosamente um acontecimento desagradável no prédio. Também há a questão da diferença de registro, já que “detalhou” parece ser mais formal que “deu algum detalhe”.*

**Resultados:** Os informantes relataram que “detalhou” é mais formal: “Acho que aqui é uma questão de registro, porque ‘detalhar’ não parece ser usado em situações coloquiais e, além disso, a idéia de curiosidade se perde com seu uso”. Mais de um informante considerou que ‘detalhar’ implica maior minúcia, mas nenhum teceu comentários sobre como ficaria a imagem do síndico.

**Situação 12:** *(Professores analisando livro didático)*

PROFESSOR 1: Você gostou desta coleção?

PROFESSOR 2: Eu demorei em fazer minha análise dos livros, mas gostei sim.

PROFESSOR 1: É. Eu uso livro didático, mas sempre gosto de dar minha contribuição nas aulas...

PROFESSOR 2: Ah, é! O livro é só um suporte para o professor.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *minha* (nos dois casos) acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem observar que o elemento interveniente, no primeiro caso, pode funcionar apenas como um elemento enfático ou, ainda, como uma espécie de indicativo de que esse professor considera importante que uma pessoa tenha a sua própria opinião a respeito dos livros didáticos, ainda que eles sejam considerados bons, havendo um efeito de subjetividade. Já no segundo caso, ele se presta a enfatizar o fato de que o professor deve apresentar algo de diferente para os alunos, não ficando restrito ao que está contido nos livros didáticos. Tais estruturas podem, na verdade, revelar algo sobre a personalidade dos professores, fornecendo indícios acerca de suas ideologias e de seu modo ver a educação.*

**Resultados:** Os informantes relataram que o uso dos elementos intervenientes implica uma maior subjetividade do enunciador, além de um efeito de “posse”. Uma informante apontou para o efeito de que, no primeiro caso, o professor deseja fazer algo diferente do que estava contido no livro didático, refletindo ações pessoais ou critérios pessoais de trabalho. Um informante afirmou: “O efeito de algo muito pessoal, como se o falante tivesse noção de que sua análise e contribuição não são as únicas.” Um único

informante apontou que não detectou nenhuma diferença de sentido decorrente da substituição de uma forma verbal por uma perífrase.

2) Se substituirmos fazer minha análise por analisar e dar minha contribuição por contribuir, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que, no primeiro caso, ficam comprometidos os sentidos de ênfase e a informação de que esse professor considera importante ter a sua própria opinião a respeito dos livros didáticos, ocorrendo o mesmo fenômeno no segundo caso. A subjetividade se perde com o uso dos verbos plenos.*

**Resultados:** De acordo com os informantes, os verbos plenos “não acentuam tanto o trabalho pessoal” e “o enunciado perde seu caráter particular”. As ações dos professores tornam-se mais gerais, e menos específicas, e o enunciador “se torna distante”. Um informante considerou que não haveria mudança de significado.

**Situação 13:** *(Duas amigas em uma festa de aniversário)*

AMIGA 1: Eu vou lá dar parabéns pro Henrique. Você não vem comigo?

AMIGA 2: Não, eu já o parabenizei.

AMIGA 2: Então venha só pra me fazer companhia...

AMIGA 2: Está bem. Eu vou acompanhá-la.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que a ausência de elemento interveniente acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes poderão comentar a diferença de registro entre perífrases e as formas verbais plenas, que são mais formais. A diferença de uso das estruturas poderia sugerir que a amiga 1 apresenta uma fala mais espontânea, mais informal talvez. Já a amiga 2 apresentaria um certo tom de polidez na sua fala. Todavia, não parece haver distinção de sentido entre “parabenizar” e “dar os parabéns” e entre “acompanhar” e “fazer companhia”.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a ausência do elemento interveniente não produz qualquer efeito de sentido, mas as “expressões” são menos formais que os verbos plenos.

2) Se substituirmos dar parabéns por parabenizar e fazer companhia por acompanhar, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem considerar que haveria uma diferença quanto ao grau de formalidade.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a implicação seria que o enunciado ficaria mais formal, e haveria um certo distanciamento. Um informante afirmou: “*O verbo ‘parabenizar’ soa ainda mais formal e menos emocional que ‘dar parabéns’.* ‘*Acompanhar’ parece não ser tão persuasivo quanto ‘fazer companhia’.*” Um outro informante observou uma diferença com relação ao segundo caso: “*o verbo ‘acompanhar’ é mais íntimo e significa que basta estar ao lado da pessoa, já ‘fazer companhia’ implica dialogar também.*” Com relação ao verbo ‘parabenizar”, também houve o seguinte comentário: “*O verbo ‘parabenizar’ não me soa natural em situação de fala espontânea*”.

**Situação 14:** *(Padre e devota no confessorário)*

DEVOTA: Padre, eu queria que o senhor me desse um conselho.

PADRE: Ô, minha filha, conselho é tão difícil de se dar...

DEVOTA: Mas eu preciso de uma orientação!

PADRE: Então fale, minha filha, que o Senhor há de nos intuir.

(O diálogo continua)

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *um* e a topicalização de *conselho* acarretaram no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que o uso do elemento interveniente “um” provoca um sentido de indeterminação no que se refere ao conselho solicitado. No caso da topicalização do nome, ela funciona como um recurso de ênfase, dando a entender que o padre considera difícil ajudá-la dessa forma. Contudo, ele acaba cedendo à solicitação da devota, pedindo auxílio ao Senhor, segundo suas convicções.*

**Resultados:** Os informantes relataram que a topicalização expõe inicialmente o tópico da conversa e acentua a dificuldade de se dar conselho. O elemento interveniente “um” estaria apresentando uma referência imprecisa, ou se refere a apenas um conselho. Apenas uma informante considerou o contrário: esse elemento possui uma referência bastante definida.

2) Se substituirmos desse um conselho e conselho... dar por aconselhar, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *A ênfase recairia sobre a ação de “aconselhar” e não sobre o “conselho” em si, no primeiro caso. Já no segundo caso, a ênfase também deixaria de incidir sobre o nome “conselho”.*

**Resultados:** Os informantes relataram que não haveria mais ênfase no substantivo “conselho”, mas na ação de “aconselhar” e que o enunciado se tornaria mais “genérico e mais “formal”. Dois consideraram que não haveria implicação alguma.

**Situação 15:** *(Dois corredores no calçadão da praia, acabando de se conhecer)*

CORREDOR 1: Bom dia, amigo! Você mora por aqui?

CORREDOR 2: Ah, eu já moro aqui há vinte anos...

CORREDOR 1: E tem o costume de correr todos os dias?

CORREDOR 2: Não. Só de vez em quando.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento “o” acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem entender que a presença do elemento interveniente “o” confere um sentido de “determinação” ou de especificidade do hábito em questão.*

**Resultados:** A maioria dos informantes relatou que há um efeito de “especificidade”, pois se trata de um costume especial e regular, como apontou um deles: “*A construção ‘ter o costume’ me parece expressar mais regularidade que ‘costumar’. Ou seja, ‘costumar’ indica algo que é feito com frequência, mas ‘ter o costume’, além da frequência, é algo regular (sempre no mesmo horário, na mesma época, diante das mesmas circunstâncias etc).*”

2) Se substituirmos tem o costume por “costuma”, quais as implicações?

**Hipótese de resposta:** *Os informantes podem relatar que não haveria uma distinção muito expressiva, mas que a noção de determinação ficaria comprometida e a ênfase não recairia mais sobre o nome.*

**Resultados:** Os informantes relataram que o efeito de especificidade fica comprometido, mas o significado ainda permanece bem parecido. Três deles consideraram que não haveria mudança de sentido. Um considerou que ficaria formal e inadequado para o contexto.

De um modo geral, pode-se perceber que as hipóteses foram quase todas confirmadas. Contudo, os informantes relataram efeitos de sentido não previstos nem



mesmo nas hipóteses de trabalho, mas que são perfeitamente aceitáveis de acordo com as justificativas apresentadas.

### 5.3- Terceiro teste de atitudes: contexto e intenção comunicativa

O terceiro teste de atitudes (cf. apêndice 3) teve como objetivo atestar se o contexto comunicativo e a intenção do falante interferem na opção por uma perífrase que se mostre mais adequada de acordo com esses dois critérios.

Esse teste encontra-se estruturado em forma de múltipla escolha, com a apresentação de diversas situações<sup>12</sup>, tendo sido aplicado em uma turma de Português VII, na Faculdade de Letras da UFRJ, no primeiro semestre de 2008. Os informantes, que totalizaram 39 alunos, pertenciam ao curso de Português-Inglês. Nem sempre as questões apresentaram 39 marcações, uma vez que alguns poucos informantes deixaram em branco algumas (embora poucas) alternativas.

A seguir, segue-se a transcrição do teste, bem como suas hipóteses específicas e resultados obtidos.

- 1- (Situação: Uma professora está carregando muitos pacotes de provas e deixa cair um deles. O inspetor presencia tudo.)

Professora: *Inspetor, será que você poderia .....*?

- (a) Me ajudar
- (b) Me dar uma ajudinha**
- (c) Me dar uma ajuda
- (d) Me dar uma certa ajuda

**Hipótese de trabalho:** *A perífrase, com o nome no diminutivo, parece ser a mais adequada para a situação, por ser mais persuasiva que as outras opções, por atenuar o pedido de ajuda feito pela professora, já que o inspetor não se prontificou a ajudá-la, mesmo tendo presenciado a queda dos pacotes. Essa opção também pode estabelecer uma maior proximidade entre falante e ouvinte, por apresentar um caráter mais informal, o que favoreceria a circunstância de ter que pedir um favor a alguém.*

---

<sup>12</sup> As situações baseiam-se na descrição de cenas e diálogo entre personagens.

Os informantes elegeram duas opções como sendo mais adequadas: a opção A (me ajudar), com 17 (dezesete) marcações, e a opção B (me dar uma ajudinha), com 15 (quinze) marcações. Uma minoria marcou a opção C (me dar uma ajuda), que obteve 6 (seis) votos, e nenhum informante marcou a opção D (me dar uma certa ajuda).

Esse resultado mostra-se favorável à hipótese de trabalho, sobretudo se forem analisadas as justificativas apresentadas para as opções marcadas. A grande questão, que parece ter norteado as escolhas, refere-se ao tipo de relacionamento que haveria entre a professora e o inspetor e, como consequência, o grau de formalidade que exigiria a situação, conforme salientou um dos informantes: *“Acho que dependeria da relação que essa professora tem com o inspetor. Se fosse uma relação estritamente profissional, então caberia a resposta A (me ajudar)”*.

Essa relação entre inspetor e professora poderia também ser pressuposta pelo próprio enunciado, conforme apontou um outro informante: *“Como ela tratou pelo nome da função que ele exerce (inspetor), talvez não haja informalidade.”* Esse informante também marcou a opção A (me ajudar).

Os informantes que marcaram a opção A (me ajudar) justificaram com base nos seguintes argumentos: forma mais adequada por ser mais formal e mais condizente com uma professora, mais breve, direto e objetivo, forma mais usual, mais recorrente, certa polidez e distanciamento entre os falantes.

Como se vê, as marcações foram muito coerentes com as justificativas. Essa questão do tipo de relação entre a professora e a inspetora enriquece muito as discussões, pois pode se constituir em um dos elementos que favorecem ou não o uso de uma construção perifrástica. Observe-se que entram em xeque também o imaginário que temos em relação à figura do professor, a sua maneira de se relacionar com os outros no ambiente de trabalho, o seu modo de falar e de agir. Também por isso as respostas variaram.

Os informantes que marcaram a opção B (dar uma ajudinha) justificaram com base nas seguintes questões: informalidade devido ao conhecimento entre ambos, linguagem apelativa, constrangimento da professora perante a situação, delicadeza e gentileza ao falar, forma simpática e não autoritária de falar, intimidade, carinho e educação.

Observe-se que essa forma foi realmente considerada por esses informantes como a mais persuasiva, por não soar como autoritária e por transmitir uma gama de impressões positivas acerca da professora. A questão é que essa opção realmente iria conferir um maior grau de proximidade entre falante e ouvinte e muitos informantes levaram esse fato em conta na hora de opinar.

Os informantes que marcaram a opção C (*me dar uma ajuda*) justificaram basicamente com o seguinte argumento: “*É mais comum se falar ‘dar uma ajuda’ do que usar o verbo ‘ajudar’.* Além disso, a forma ‘ajudinha’ é muito íntima para uma professora falar com o inspetor. Observe-se que a palavra “intimidade”, referindo-se ao uso da perífrase “*dar uma ajudinha*”, apareceu mais de uma vez: “*Rolou (sic) uma intimidade*”.

2- (Situação: Mãe defendendo os filhos de reclamações constantes de vizinhos.)

*Mãe: Eles adoram ..... dos meus filhos sem motivo.*

- (a) Se queixar
- (b) Fazer queixa
- (c) Fazer queixas**
- (d) Fazer suas queixas

**Hipótese de trabalho:** *A perífrase, com o nome no plural, reforça o fato de serem muitas e constantes as reclamações dos vizinhos.*

Os informantes consideraram duas opções como mais adequadas: a alternativa B (*fazer queixa*), com 16 (dezesesseis) marcações e a alternativa A (*se queixar*), com 14 (catorze) marcações. Um total de 5 (cinco) informantes optou pela alternativa C (*fazer queixas*) e apenas 1 (um) marcou a opção D (*fazer suas queixas*). Além disso, 1 (um) aluno marcou duas opções: A (*se queixar*) e B (*fazer queixa*).

Saliente-se que muitos informantes consideraram mais a questão do **uso** do que propriamente a questão da forma *mais adequada* ao contexto e à situação explicitadas no teste, conforme eles próprios apontam em suas considerações finais, de acordo com o que será visto mais adiante.

Deste modo, a construção perifrástica com o nome no plural, *fazer queixas*, provavelmente recebeu poucas marcações por não ser muito comum ou usual.

Apesar disso, 5 (cinco) informantes optaram por essa estrutura, com base no seguinte argumento: “*Vários filhos, várias reclamações.*”

Os demais informantes usaram basicamente as mesmas justificativas para marcar a opção B (*fazer queixa*) e a alternativa A (*se queixar*): forma mais usual, mais comum, mais usada ou mais freqüente, mais informal ou mais coloquial. Esse resultado parece apontar para o fato de que os falantes normalmente não estigmatizam tanto a construção perifrástica e a consideram também usual.

3- (Situação: Uma mãe falando para a outra sobre a educação sexual de seus filhos).

Mãe: *Ah, um papo sobre sexo? Eu estou pretendendo ..... com meus filhos ainda essa semana.*

(a) ***Ter essa conversa***

(b) Conversar

(c) Ter uma conversa

(d) Ter uma conversinha

**Hipótese de trabalho:** *A perífrase, com o elemento interveniente “essa” é a mais adequada por retomar de forma explícita o que foi exposto anteriormente pela locutora a respeito do “papo sobre sexo”, e esse efeito especial não pode ser obtido com as demais opções.*

Os resultados mostraram-se bastante equilibrados nesta opção. Um total de 12 (doze) informantes optou pela alternativa B (*conversar*), 9 (nove) escolheram a opção A (*ter essa conversa*), 9 (nove) optaram por D (*ter uma conversinha*) e 8 (oito) marcaram a opção C (*ter uma conversa*).

Os informantes que elegeram a opção A (*ter essa conversa*) justificaram com base na seguinte consideração: “*Por estar retomando algo que já foi dito, parece mais natural o uso do demonstrativo*”. Eles apontaram que se tratava de uma conversa específica, determinada. Saliente-se que, nesse caso, como em todos os outros, a estrutura não é prototípica. Assim, muitos informantes podem não a ter considerado usual e, por isso, optado por outra construção.

Os informantes que optaram pela alternativa D (*ter uma conversinha*) apresentaram justificativas coerentes, como: “*Essa forma traz a idéia de que a mãe não só passará informações sobre sexo para os filhos, mas também colocará limites*

quanto ao sexo” ou “Relação de amenização com assunto delicado” ou, ainda, “Intimidade da mãe com os filhos”. Outros informantes justificaram que também iria depender da relação entre as mães, que se fosse uma relação íntima, caberia o uso de “ter uma conversinha”. Um outro informante, contudo, afirmou que “*ter uma conversinha*” soaria como mais “ameaçador e mais arrogante”. Observe-se que são situações perfeitamente possíveis de acordo com as justificativas.

Os informantes que marcaram a opção B (*conversar*) justificaram com base nas seguintes idéias: informalidade, adequação, seriedade, normalidade. Já os informantes que optaram por C (*ter uma conversa*) justificaram com a questão da naturalidade, e do que é mais usual.

Mais uma vez o resultado surpreendeu em virtude de os informantes terem considerado questões que não foram contempladas na hipótese de trabalho. Na verdade, os dados parecem revelar que a escolha de uma ou outra opção vai depender do efeito que se deseje alcançar. Na elaboração do teste, não foram previstas as conseqüências discursivas e pragmáticas da marcação de outras opções. O que parece é que, dependendo da finalidade, outras marcações podem ser igualmente adequadas.

4- (Situação: Neto sentindo muitas saudades do avô.)

Neto: *Vô, vem cá pra que eu possa .....*!

(a) Te dar um abraço

(b) Te abraçar

**(c) Te dar um abração**

(d) Te dar meu abraço

**Hipótese de trabalho:** *A perífrase, com o nome no aumentativo, reforça e intensifica a questão das “muitas saudades do avô”.*

Os resultados mostraram-se, no geral, favoráveis à hipótese de trabalho: 15 (quinze) informantes optaram pela alternativa C (*dar um abração*), 17 (dezessete) marcaram a opção A (*te dar um abraço*), 9 (nove) escolheram a opção B (*te abraçar*) e apenas 1 (um) optou pela alternativa D (*te dar meu abraço*).

Os informantes que elegeram a alternativa C (*dar um abração*) apoiaram-se em argumentos como *intensidade* da saudade e *idade* do neto: “*Abração do tamanho da saudade*”, “*Se o neto for criança, escolherá a oração mais enfática*” ou, ainda, “*Há*

*dois fatores para o uso dessa forma: a intimidade e a idade do neto, que possibilita o uso de uma linguagem mais juvenil”.*

Contudo, o fator “não usual” parecer ter pesado nas escolhas ainda uma vez, haja vista o fato de um informante ter apontado esse fator de forma explícita, ao justificar a sua opção pela alternativa A (*te dar um abraço*): “*Parece mais carinhoso e menos **forçado que abraço***”. (grifo nosso). A justificativa de um outro informante aponta o mesmo fator: “*Apesar da saudade ser muita, normalmente usa-se o verbo ‘abraçar’, ao invés do substantivo no aumentativo.*”

Os informantes que optaram pela alternativa A (*te dar um abraço*) justificaram da seguinte forma: mais usual, mais comum, mais direto. Já os informantes que escolheram a opção B (*te abraçar*) consideraram-na, no geral, a opção mais usual.

Apenas um informante optou pela alternativa D (*te dar meu abraço*), justificando nos seguintes termos: “*Acho que é a forma com maior carga emotiva e que expressa mais emoção*”.

5- (Situação: Professores em um conselho de classe avaliando o comportamento de uma turma específica, tida como indisciplinada. O professor de matemática, muito convicto, discorda de alguns colegas.)

Professor de matemática: *Com relação a essa turma, eu já ..... e acho que eles são é muito interessados e esforçados.*

- (a) Fiz uma análise
- (b) Analisei
- (c) Fiz uma pequena análise
- (d) Fiz minha análise**

**Hipótese de trabalho:** *A perífrase, com o elemento interveniente “minha”, é a mais adequada para o contexto situacional pelo fato de o professor querer deixar clara a sua posição discordante em relação à dos colegas. Há uma ênfase na opinião do professor, acarretando um efeito de subjetividade, que não é alcançado por nenhuma outra opção.*

Novamente, os resultados mostraram-se relativamente favoráveis à hipótese de trabalho: 14 (catorze) informantes optaram pela alternativa D (*fiz minha análise*), 13 (treze) pela opção A (*fiz uma análise*), 9 (nove) pela alternativa B (*analisei*) e 3 (três) escolheram a opção C (*fiz uma pequena análise*).

Os informantes que optaram pela alternativa D (*fiz minha análise*) fundamentaram suas escolhas nos seguintes argumentos: análise específica do professor, ênfase na análise do professor, posição ou opinião pessoal do professor. Em outros termos, expressa-se um informante: “*O professor já fez a sua própria análise, a sua parte, e não concorda com os outros.*”

Nas justificativas para outras marcações, os informantes relatam que não assinalaram a alternativa D (*fiz minha análise*) pelo fato de ela passar uma impressão de subjetividade e até mesmo de “presunção” por parte do professor.

Deste modo, entre os informantes que marcaram a opção A (*fiz uma análise*), destacam-se as seguintes justificativas: “*Se o professor optasse por usar o pronome possessivo, passaria uma idéia de subjetividade*”, “*Mais formal e imparcial*” ou, ainda, “*Não é algo particular, um só ponto de vista*”. Por fim, um informante afirma que “*para convencer os outros*”, a melhor opção seria a alternativa A (*fiz uma análise*).

Dentre os informantes que marcaram a alternativa B (*analisei*), as justificativas foram feitas com base nas seguintes questões: mais usual, mais adequado, mais formal. Além disso, eles relataram que essa forma expressa mais convicção ou certeza.

Finalmente, ainda houve quem marcasse a alternativa C (*fiz uma pequena análise*): “*Esse seria uma maneira de o professor expressar a opinião dele, sem ser grosseiro com os colegas (ao enfatizar ‘pequena análise’).*” Um outro informante afirma que essa opção demonstra “*mais cautela*” por parte do professor.

Essas observações demonstram, uma vez mais, que as marcações dependerão sempre da intenção que se tenha ao se usar uma ou outra estrutura. Cada uma delas vai causar uma impressão diferente a depender do contexto.

6- (Situação: Duas vendedoras falando sobre o intenso despeito de uma vendedora jovem com relação ao carisma e à simpatia da gerente da loja, que era muito amiga dessa mesma vendedora jovem.)

Vendedora: *Ah, mas ela sempre ..... (d)a amiga, não é verdade? Afinal, ela é a gerente!*

**(a) Teve aquela inveja**

(b) Teve uma inveja

(c) Invejou

(d) Teve inveja

**Hipótese de trabalho:** *A perífrase, com o elemento interveniente “aquela”, é mais apropriada para o contexto, já que explicita melhor o “intenso despeito” da vendedora jovem; ela intensifica o sentimento de inveja.*

Pela primeira vez, uma opção foi marcada com uma ampla vantagem sobre as outras: 30 (trinta) informantes optaram pela alternativa D (*teve inveja*), 5 (cinco) marcaram a opção A (*teve aquela inveja*), 2 (dois) optaram por B (*teve uma inveja*) e 1 (um) marcou a C (*invejou*).

Novamente, o fato de a perífrase, contemplada na hipótese, não ser prototípica parece ter influenciado os resultados, a ponto de um informante afirmar o seguinte: “*Não me parece natural a inclusão de outro elemento*” (em *teve inveja*). Um outro informante, que também marcou a opção D (*teve inveja*) foi ainda mais longe: “*As demais alternativas me parecem impossíveis.*”

Um outro fato que confirma esta suposição é o de que a grande maioria dos informantes que marcaram a opção D (*teve inveja*) se justificou com base nos seguintes termos: mais comum, mais habitual, mais usual, mais freqüente, mais natural.

Apesar disso, 5 (cinco) informantes elegeram a opção A (*teve aquela inveja*), justificando que o elemento interveniente especifica e enfatiza a inveja sentida e que “é conhecida de todos”.

Um informante que marcou a opção B (*teve uma inveja*) fundamentou-se no argumento de que iria se conferir um tom “meio sarcástico” à fala.

O informante que optou pela alternativa C (*invejou*) justificou-se afirmando que “*é o discurso que melhor se encaixa.*”

7- (Situação: Namorado foi flagrado com outra e desabafa com um amigo.)

Namorado: *Mas eu tenho que ..... para a minha namorada, você não acha?*

(a) Me explicar

(b) Dar explicações

(c) ***Dar alguma explicação***

(d) Dar uma explicação



**Hipótese de trabalho:** *A perífrase, com o elemento interveniente “alguma”, é a mais adequada para a situação comunicativa pelo fato de o namorado querer tentar explicar um flagrante, e o pronome indefinido sugere a idéia de que ele deve inventar algo.*

Os resultados, mais uma vez, mostraram-se razoavelmente favoráveis à hipótese de trabalho. Um total de 12 (doze) informantes optou pela construção proposta em C (*dar alguma explicação*), 14 (catorze) optaram por A (*me explicar*), 9 (nove) marcaram a opção D (*dar uma explicação*) e 3 (três) assinalaram B (*dar explicações*).

Os informantes que assinalaram a opção C (*dar alguma explicação*) justificaram, basicamente, da seguinte forma: “*Provavelmente, o namorado não tem explicação e precisa encontrar alguma para dar à namorada*” ou “*‘Dar alguma explicação’, neste caso, me pareceria algo como inventar uma desculpa*”.

Os informantes que marcaram a opção D (*dar uma explicação*) apresentaram justificativas parecidas à anterior: “*O artigo indetermina a explicação a ser dada e, nesse caso, parece que o menino realmente não tem uma explicação*”. Também foi usado o argumento de que tal estrutura é mais “natural”, ou mais “comum”.

Os resultados referentes à marcação mais recorrente (14 pessoas optaram por A: *me explicar*), espelham a tendência de se considerar tal estrutura como a mais comum, ou como mais recorrente do que, por exemplo, “dar alguma explicação”.

8- (Situação: Dois rapazes disputando uma bela jovem. Um amigo insiste numa aposta, e o outro quer deixar claro que é contra tal procedimento, e prefere outros meios.)

Jovem 1: *Você quer apostar quanto que eu consigo conquistá-la?*

Jovem 2: *Ah, mas é que .....* !

(a) eu não gosto de fazer essas apostas

(b) eu não gosto de apostar

**(c) aposta eu não gosto de fazer**

(d) eu não gosto de fazer certas apostas

**Hipótese de trabalho:** *A opção que contém a perífrase com o nome topicalizado é a mais adequada ao contexto situacional, porque enfatiza aquilo que o amigo não gosta de fazer, isto é, aposta. Fica subentendido, inclusive, que ele até toparia outros meios, mas não uma aposta especificamente.*

Os resultados deste item dependeram da interpretação do enunciado: muitos informantes consideraram que um dos amigos era contra as apostas em geral (“*Ele não gosta de fazer nenhum tipo de aposta*”), enquanto outros informantes acharam que ele não gostava apenas *daquele tipo* de aposta (“*Está especificando a situação, aquela aposta, não quer dizer que ele não aposte*”). Essa questão foi decisiva na marcação das respostas.

Um total de 21 (vinte e um) informantes considerou mais adequada a opção A (*fazer essas apostas*), 9 (nove) optaram pela B (*eu não gosto de apostar*), 4 (quatro) assinalaram a letra C (*aposta eu não gosto de fazer*) e 4 (quatro) marcaram a opção D (*fazer certas apostas*).

Os que marcaram a opção C (*aposta eu não gosto de fazer*), consoante a hipótese de trabalho, apresentaram a justificativa de que há “*um destaque na palavra aposta, pelo tópico*” ou “*ênfase na aposta*”.

Outros informantes marcaram uma opção semelhante, com a diferença de que o substantivo *aposta* não se encontra topicalizado, ou seja, marcaram a opção B (*eu não gosto de apostar*), e justificaram com base nos seguintes argumentos: “*A intenção dele era transmitir a mensagem de que não gosta de apostar e, por isso, foi claro em dizer ‘eu não gosto de apostar’*”.

A grande maioria, contudo, marcou a opção A (*fazer essas apostas*), com base no argumento de que fica explicitado o tipo de aposta que o rapaz não gosta de fazer.

9- (Situação: Dois amigos falando sobre política. O segundo deles costuma ser muito irônico e sarcástico.)

Amigo 1: *Mas você acha que os políticos merecem respeito?*

Amigo 2: *Ah, sim, claro! Eu, por exemplo, ..... (por eles)!...*

(a) tenho um certo respeito

**(b) tenho um respeito**

(c) respeito

(d) tenho algum respeito

**Hipótese de trabalho:** *Pelo fato de se tratar de uma pessoa irônica, depreende-se que ele se mostra, na verdade, contrário ao que ele mesmo diz. Então, esse respeito pelos políticos não é verdadeiro. A opção que melhor codifica esse sentido irônico é “tenho um respeito”, em que existe até mesmo uma intensidade desse respeito (com uma entonação adequada), que não é verdadeiro, nem autêntico.*

Os resultados mostraram-se bastante equilibrados: 12 (doze) informantes consideraram a opção A (*tenho um certo respeito*) como a mais adequada, 11 (onze) optaram pela letra B (*tenho um respeito*), 8 (oito) elegeram a opção D (*tenho algum respeito*) e 6 (seis) optaram pela letra C (*respeito*).

As justificativas foram, preponderantemente, as mesmas para todas as marcações: ironia, sarcasmo, deboche e irreverência. De fato, caso se reflita um pouco mais, uma entonação adequada poderia transformar qualquer opção em uma forma irônica, talvez sendo um pouco forçado na opção D (*tenho algum respeito*).

Por fim, nos apontamentos finais dos testes, os informantes tinham que responder à seguinte indagação:

*Quais foram as suas impressões acerca deste teste de atitudes? Como você acha que a situação e a intenção comunicativa do falante interferiram na sua escolha?*

As respostas revelaram muito a respeito das impressões que os falantes tiveram acerca do fenômeno em estudo. A questão da equivalência semântica entre os verbos plenos e as construções perifrásticas formadas por *ter*, *dar* e *fazer* foi um dos pontos levantados por dois informantes.

*“Tudo depende do tom que o falante desejar passar, uma vez que todas as respostas são semanticamente iguais.”*

Esse “tom” refere-se à obtenção de efeitos especiais que as formas perifrásticas não-prototípicas conferem ao enunciado, conforme exemplifica um outro informante.

*“Dependendo da intenção dos falantes, acredito que se pode dizer a mesma coisa e causar efeitos diferentes no ouvinte. Ex.: ‘Quero conversar com você’ e ‘Quero ter uma conversinha com você’. O segundo soa muito mais ameaçador e arrogante que o primeiro.”*

A questão já apontada, anteriormente, de que muitos informantes não levaram tanto em consideração a forma mais adequada para as diversas situações, mas, sim, a

forma que eles consideravam mais **usual**, também foi um dos pontos que mereceram um destaque especial nas reflexões finais do teste.

*“Na verdade, levei mais em conta o que me pareceu mais usual, principalmente no que diz respeito às formas fixas consagradas no cotidiano. Nos casos em que há uma intenção argumentativa mais clara, creio que haveria construções mais complexas.”*

É muito provável que essas “construções mais complexas” sejam uma referência à presença de elementos intervenientes que, em muitos casos, não foi percebida como “natural”.

Uma outra justificativa para as escolhas, que também minimizou a questão do contexto e da intenção comunicativa explicitadas no teste, foi a de que as opções foram baseadas na vivência do informante e na forma como ele julga que falaria, ou mesmo na forma como ele supõe ouvir as pessoas falarem.

*“É difícil justificar minhas escolhas. Acho que elas foram influenciadas pela forma como eu falaria, e não pela intenção/ situação do falante.”*

*“A situação e a intenção comunicativa do falante não interferiram na minha escolha. Pelo contrário, eu fiz as escolhas pela minha vivência de mundo e observação de outras pessoas.”* (Registre-se o uso da perífrase ‘fiz as escolhas’ na justificativa do informante)

Como já foi dito, essa postura, que não foi isolada, também interferiu nos resultados obtidos.

Um outro informante considerou que o fenômeno estaria abaixo do nível de consciência do falante e comenta sobre o impacto das intenções do falante no ouvinte.

*“Este teste foi muito interessante porque nos levou a refletir sobre algo que fazemos o tempo todo, mas de forma inconsciente. Somente a situação e nossas intenções (provocar risos, ser irônico, evitar ofender alguém, etc) podem decidir que efeito as palavras proferidas exercerão sobre o outro.”*

Alguns estudiosos afirmam que os falantes possuem um repertório lingüístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem falam. Essa questão também foi apontada nos comentários de alguns informantes.

*“A intenção interfere porque para soar mais carinhoso, por exemplo, normalmente se usa o diminutivo, ou seja, em muitos momentos escolhemos as palavras de acordo com as impressões que queremos passar para os outros.”*

*“Acho que até mesmo o tipo de conversa influencia, se é um desabafo, uma ironia, etc.”*

A questão do grau de formalidade também foi apontada como um elemento atuante nas escolhas.

*“O teste depende, de forma considerável, do grau de formalidade da situação. O fato de ser ‘mais íntimo’ ou ‘menos íntimo’ teve papel preponderante, pois a aceitabilidade da resposta tem relação direta com o conhecimento ou não da pessoa com quem se fala.”* (Observe-se o uso da perífrase ‘tem relação’ no depoimento do informante)

De fato, alguns estudos comprovam o fato de que o sistema de uso de pronomes de tratamento, por exemplo (*você* e *senhor*), é regido pelo grau de frequência da interação (grau de intimidade), além da variável idade.

Muitos informantes consideraram também que as construções perifrásticas são mais utilizadas que os verbos plenos correspondentes, percepção que está em desacordo com os estudos já realizados sobre os verbos-suporte:

*“Os verbos + complementos estão sendo usados com muito mais frequência. Por exemplo: ‘dar uma ajuda’ ao invés de ‘ajudar’.”*

A presença de elementos intervenientes também foi um dos aspectos que mereceram comentários.

*“Tive a impressão de que os elementos à esquerda do nome em geral influenciam a ênfase/ determinação que o falante dá à sentença.”*

De uma forma geral, o teste foi avaliado como muito “interessante” pelos informantes, mas ele não escapou de críticas, como a transcrita abaixo.

*“O teste é interessante para uma reflexão acerca das situações comunicativas e suas relações com o uso, com a escolha do falante. Porém, os exemplos dados são repetitivos, o que não possibilitou uma variedade de respostas, a qual permitiria uma análise mais eficaz das várias situações lingüísticas que marcam o uso da língua.”*

Os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos mostraram-se, em muitos casos, determinantes para as escolhas, muito embora tenha havido uma interferência do critério “forma mais usual”, conforme o relato dos próprios informantes.

Ainda assim, parece que a situação comunicativa e a intenção do falante influem decisivamente na seleção de uma forma, que se mostra mais favorecida pelo contexto. Neste sentido, Machado Vieira (2003) afirma:

A alternância entre predicador complexo e predicador simples com significado equivalente observada em certos contextos, que permite ao usuário da língua variar sua expressão textual torna-se praticamente inoperante em virtude de certas finalidades discursivas, que implicarão, mais apropriadamente ou (quase) inevitavelmente, uma das alternativas, como a obtenção de um determinado efeito de sentido (não ou menos explicitado mediante outro mecanismo) e obtenção de maior adequação comunicativa de registro/ linguagem formal ou informal, técnica ou não técnica.

Observe-se somente que não se quer dizer que apenas as formas perifrásticas codificam efeitos semânticos especiais, mas que alguns deles são obtidos mais facilmente por meio das perífrases. Assim, deve-se ressaltar que “fazer muitas correções no texto”, por exemplo, poderia equivaler a “corrigir muito o texto” ou “você não deveria ter essa preocupação” corresponderia a “você não deveria se preocupar com isso”. Contudo, nem sempre os efeitos de sentido das perífrases podem ser recuperados ao se comutá-las no enunciado pelo verbo pleno correspondente.

#### **5.4- Quarto teste de atitudes: o gênero textual e a situação de comunicação**

A questão da opção pelo uso de um verbo pleno em lugar de uma forma perifrástica pode ser justificada pelo gênero textual ou pela intenção comunicativa. Deste modo, optou-se por elaborar uma pesquisa de opinião (cf. apêndice 4) em que esses dois fatores pudessem ser analisados de acordo com o viés dos informantes.

Inicialmente, foram apresentadas, neste teste, duas opções (A e B), sendo uma forma plena e outra perifrástica, a fim de que os informantes pudessem assinalar qual delas corresponderia à forma como eles falariam. (Note-se que alguns verbos como *aniversariar*, *exemplificar* e *conferenciar* apresentam um certo teor de formalidade)<sup>13</sup>. Em seguida, eles deviam responder a questões acerca do gênero textual e das situações de comunicação em que usariam ou não as formas perifrásticas.

Essa pesquisa de opinião foi feita com alunos de uma turma do sétimo período da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (9 informantes) e de uma turma do quinto período da Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense/UFF (7 informantes), no primeiro semestre de 2008. Contou-se, assim, com um total de 16 informantes.

A seguir transcrevem-se as questões da pesquisa de opinião e suas respectivas hipóteses:

---

<sup>13</sup> Havia uma intenção inicial de se controlar o grau de formalidade, neste teste, porém, houve dificuldade em estabelecer critérios bem definidos para determinar que verbos seriam ou não formais.

1- *Como você diria:*

(A) *Eu temo ladrões.*

(B) *Eu tenho medo de ladrões.*

(A) *Eu preciso parabenizá-lo.*

(B) *Eu preciso dar parabéns a ele.*

(A) *Quando você vai aniversariar?*

(B) *Quando você vai fazer aniversário?*

(A) *Eu necessito estudar inglês.*

(B) *Eu tenho necessidade de estudar inglês.*

(A) *Quero estagiar naquela empresa.*

(B) *Quero fazer estágio naquela empresa.*

(A) *Eu estimo aquele rapaz.*

(B) *Eu tenho estima por aquele rapaz.*

(A) *Nem sempre é bom opinar durante a reunião.*

(B) *Nem sempre é bom dar opinião durante a reunião.*

(A) *É muito importante exemplificar.*

(B) *É muito importante dar exemplo.*

(A) *Os professores precisam contactar a escola.*

(B) *Os professores precisam fazer contacto com a escola.*

(A) *Aquele palestrante gosta de conferenciar.*

(B) *Aquele palestrante gosta de fazer conferência.*

Segundo a hipótese de trabalho, os informantes iriam optar pelo uso de construções perifrásticas pelo fato de alguns verbos do teste carregarem uma noção de formalidade ou não serem muito recorrentes.

Seguem-se os resultados do teste.

Construções	Marcações
Temo	1
Tenho medo	15
Parabenizá-lo	4
Dar parabéns a ele	12
Aniversariar	1
Fazer aniversário	14
Necessito	8
Tenho necessidade	8
Estagiar	5
Fazer estágio	11
Estimo	8
Tenho estima	7
Opinar	6
Dar opinião	10
Exemplificar	6
Dar exemplo	10
Contactar	12
Fazer contacto	4
Conferenciar	2
Fazer conferência	14

Tabela 14: Perífrases e verbos plenos em teste de atitude

Os resultados validaram a hipótese, visto que houve, no geral, uma maior propensão às marcações de perífrases, salvo alguns casos como *contactar*, *estimar* e *necessitar*, este último apresentando o mesmo número de marcações para verbo pleno e perífrase. Note-se que também houve marcações, embora em menor número, de verbos plenos, como *parabenizar* (4 marcações), *estagiar* (5 marcações), *opinar* (6 marcações), *exemplificar* (6 marcações). Dois verbos plenos (*temo*, *aniversariar*) apresentaram apenas uma marcação e um (*conferenciar*) contou com duas marcações.

Os informantes deviam apresentar uma justificativa para as opções, que foi solicitada nestes termos:

“Observe seu teste e analise: você marcou, na maioria das repostas, a letra A ou B? Você deve apresentar uma justificativa no espaço abaixo.”



Neste espaço, os informantes normalmente justificaram com base no grau de formalidade:

*“Acredito que eu tenha optado, na maioria dos casos, pela opção B, por soarem menos formais do que a opção A. Faria uso das opções A em situações nas quais seria adequado fazer uso de uma maior formalidade ou na escrita.”*

Nesse relato, o informante se utiliza da perífrase “fazer uso” duas vezes em seu discurso, embora considere que se deva evitar a sua utilização na escrita. LABOV (1972) afirma, com relação a informantes de testes, que “quando questionados se algumas formas pertencem a sua própria fala, suas respostas refletem a forma que acreditam ter prestígio ou é “correta”, e não a forma que realmente usam.”.

Outros informantes também consideraram as construções perifrásticas mais adequadas à fala:

*“Maioria B. Acredito que são mais coloquiais e se aplicam à fala.”*

*“Pareceu-me que as respostas B soam mais naturais e seriam características na produção oral. Porém, apesar de parecerem um pouco artificiais e forçadas, as respostas A são utilizadas comumente na produção escrita e/ ou em contextos mais formais, ou quando se quer enfatizar determinada idéia ou elemento do discurso.”*

*“Alternativa B. Elas me pareceram mais naturais e adequadas à oralidade.”*

*“A maioria das opções marcadas foi letra B. Involuntariamente falo desta forma, na intenção de ser bem clara para que o receptor da minha mensagem a compreenda perfeitamente, sem linguagem muito culta, atingindo a todos os níveis culturais.”*

O último comentário reflete a postura da informante com relação ao uso de uma linguagem culta, que poderia excluir algumas pessoas, que não compreenderiam a mensagem com clareza. A informante, contudo, não menciona os casos em que socialmente é esperada a utilização de uma linguagem culta.

Houve dois informantes que optaram, na maioria de suas respostas, pela construção com verbo pleno, ou seja, pela opção A, por considerarem mais adequado o uso de uma linguagem formal:

*“Na grande parte das opções eu assinalei a alternativa A, porque considero formas ‘cultas’ de se expressar. Sou da área jurídica, e tenho que tentar não falar de forma coloquial.”*

*“A maioria de minhas respostas foi A. As construções em B possuem um tom mais informal. Como grande parte das situações de interação devem ser estabelecidas em um nível mais formal, optei pelas construções em A.”*

Observem-se as posturas diferentes quanto à linguagem oral, que é vista ora como o espaço do coloquial, ora como o da formalidade, mesmo porque, no teste, não se forneceu a situação comunicativa.

Um outro questionamento foi feito aos informantes:

*“O que você acha das alternativas com **dar /ter /fazer** na pesquisa de opinião?*

*Você costuma usá-las com que frequência e em que contextos?”*

Os apontamentos, no geral, foram semelhantes:

*“Uso com muita frequência e em quase todos os contextos e acho que os verbos plenos às vezes soam estranho (apesar de saber que são corretos).”*

*“Diria que utilizo essas formas na produção oral e em contextos mais informais, com bastante frequência.”*

*“Uso em contextos informais.”*

*“Os verbos **ter**, **dar** e **fazer** têm sido muito utilizados hoje em dia para expressar o que não expressavam originalmente.”*

*“Essas alternativas são utilizadas numa linguagem mais informal. A economia lingüística tende a favorecer construções menores.”*

Os dois últimos relatos mencionam a questão do uso de *ter*, *dar* e *fazer* como **verbos genéricos**, com sentidos pouco específicos, além do critério da **concisão**, que tende a favorecer o uso de verbos plenos.

Também foi solicitado aos informantes que eles exemplificassem com situações e gêneros textuais em que eles usariam as construções perifrásticas.

*“Dê exemplos de situações de comunicação e tipos de texto<sup>14</sup> em que você as empregaria.”*

Os informantes relataram que usariam as perífrases em conversas informais, eventos sociais informais, bate-papo com familiares, situações coloquiais. Eles forneceram exemplos de construções perifrásticas diferentes das fornecidas pelo teste, provando que compreenderam o fenômeno. Algumas construções citadas não eram substituíveis por um verbo pleno.

---

<sup>14</sup> Optou-se pela designação tipo de texto, em vez de gênero textual, por ser mais acessível aos informantes.

Uma informante mencionou o exemplo “Vou dar uma saidinha até a padaria”, afirmando que a usaria para comunicar que iria se ausentar momentaneamente. Outro exemplificou com duas construções: “Tenho vontade de ouvir música”; “É melhor dar uma sugestão plausível”. Também foi citada como exemplo a seguinte construção: “Irei dar um telefonema (coloquial)”, além de uma situação de velório, em que a informante relata que usaria a construção em destaque: “Gostaria de dar as minhas condolências pela sua perda! e duas situações relativas à escola e à faculdade : “Tenho que fazer o exercício hoje e “Vou dar uma volta na faculdade”.

Três informantes consideraram que usariam as formas perifrásticas em qualquer situação de comunicação.

Com relação ao gênero textual, os informantes relataram que usariam as construções com *ter*, *dar* e *fazer* em *chats*, crônicas, diálogos escritos, cartas, recados, bilhetes. Eles consideraram adequado o uso dessas estruturas em textos informais, que fossem destinados a “pessoas íntimas”.

Uma outra pergunta foi feita aos informantes:

*“Em que situações ou tipos de texto você **não** as empregaria em hipótese alguma?”*

Os informantes relataram que não optariam em nenhuma hipótese por usar as construções perifrásticas nos seguintes gêneros textuais: resumos, resenhas, redação de vestibular, memorando, ensaio, carta de recomendação, artigo científico, dissertação de mestrado, tese de doutorado, texto literário.

O uso de perífrases em monografias, porém, atingiu um percentual de 22% de ocorrência, o que contraria a idéia de que os falantes simplesmente **não** usariam as perífrases em gêneros mais formais. Contudo, sabe-se que as perífrases são menos usadas nestes casos do que na fala informal, pois as entrevistas atingiram um percentual de 37%.

É possível questionar até que ponto a afirmação de que os informantes não vão usar perífrases em textos formais é realmente cumprida no momento em que eles se propõem a falar ou a escrever. Um exemplo simples ocorreu com a expressão “fazer uso”, anteriormente citada, utilizada por um informante ao assegurar que não usaria perífrases em situações formais ou na escrita.

Este teste de atitudes, aliás, contempla alguns casos em que parece haver um grau de formalidade referente aos verbos plenos. Como a maioria entende o espaço da oralidade como o da coloquialidade, eles optaram pelo uso de perífrases. Alguns

informantes afirmam, inclusive, que os verbos plenos do teste “soam estranho”, são “artificiais” e “forçados”. Contudo, nos casos em que não parece existir esse teor de maior formalidade, como (*ter respeito/respeitar, dar beijo/beijar*), citados ao final dessa pesquisa de opinião, parece que os informantes preferem a opção pelo uso de verbos plenos, que seriam, segundo eles, mais adequados às situações formais e à escrita.

Esteves (2008), analisando os resultados de um teste de atitudes com perífrases com *dar* e verbos plenos correspondentes, afirma que os informantes consideraram “estruturas que não apresentavam qualquer grau de formalidade (como, por exemplo, *dar preocupação e dar (muita) tristeza*) inadequadas ao contexto formal”, no qual se deveriam usar os verbos plenos. Segundo a mesma autora, essas atitudes indicam que, em geral, não há uma avaliação positiva por parte dos falantes sobre o emprego de predicadores complexos com *dar*.

A restrição quanto ao uso de perífrases se relaciona com a questão da **repetição de termos**, com a **falta de concisão** e com o uso de um **vocabulário menos específico**. Por isso, existe essa visão negativa dos usuários que os leva a rechaçar o uso dessas construções em situações formais e em textos escritos, embora os dados de uso indiquem que há utilização de perífrases nesses casos também.

Uma outra informante do teste baseou-se no seguinte argumento: “*não diria que não utilizaria estas formas em hipótese alguma, mas que as evitaria em contextos formais.*”

Outros dois informantes esclareceram que usariam as duas formas em qualquer gênero textual, sem nenhuma restrição.

Com relação à situação comunicativa, os informantes relataram que evitariam o uso de construções perifrásticas em situações mais formais, como apresentação de trabalhos no meio acadêmico, reuniões profissionais e, sobretudo, em situações onde não exista intimidade entre os interlocutores.

Mais uma indagação foi feita nesta pesquisa de opinião aos informantes:

“*O que você achou desta pesquisa de opinião? Houve muitas dúvidas na hora de optar por uma ou outra forma?*”

Os informantes teceram os seguintes comentários:

“*Esta pesquisa foi muito interessante, pois me fez atentar para uma forma de falar de que eu me utilizava involuntariamente.*”

“*Não vejo problemas na utilização de nenhuma das formas apresentadas nas opções A e B. Os usos são relativos.*”

*“Boa maneira de refletir sobre os usos da língua.”*

*“Interessante, porque me fez pensar sobre o uso de construções mais formais e menos formais e em que situações usá-las.”*

*“Importante, pois devemos ter a noção de que existem várias formas de se passar uma mensagem, e estas formas não são consideradas incorretas.”*

A propósito do último comentário, pode-se mencionar um texto intitulado “A arte de negociar”, de Laila Vanetti, em que são expostas algumas orientações para quem deseja vencer no mundo dos negócios. Uma das suas observações diz respeito à linguagem:

*Por outro lado, o artista do mundo dos negócios domina a palavra. Consegue, através dela, seduzir o cliente. Pode até parecer bobagem, porém, uma linguagem adequada, uma boa capacidade de comunicação, saber o que dizer, na hora em que o dizer é um diferencial, contam pontos a favor. E se engana quem estiver pensando que os clientes não prestam atenção a esses detalhes. Imagine se o gerente de marketing diz: “Nossa companhia é uma das melhores a nível de mundo”. Continua achando bobagem? Pois continuemos: “Eu, enquanto representante de vendas, garanto que o senhor só tem a ganhar.” Ou “A gente fizemos uma minuta de contrato e gostaríamos que o senhor desse **uma examinada**. (grifo nosso)*

Observe-se que o uso de “dar uma examinada” foi posto no mesmo nível que o uso de “a gente fizemos”, que uma é forma bastante estigmatizada. Esse texto é mais um indicador da visão negativa referente ao uso de construções perifrásticas.

A última pergunta feita também apresentava um caráter de resposta pessoal:

*“Você acha importante estudar a **alternância**, na Língua Portuguesa, entre verbos plenos (respeitar, beijar, aniversariar) e construções perifrásticas (ter respeito, dar beijo, fazer aniversário)? Por quê?”*

Transcrevem-se, a seguir, algumas respostas dos informantes:

*“Muito importante. Saber que há maneiras diferentes de dizer a mesma coisa e saber distinguir quando usar essas variantes.”*

*“Acredito que há diferença semântica considerável entre verbos plenos e construções perifrásticas e, portanto, é importante estudar o assunto.”*

*Acho relevantes os estudos em língua portuguesa, pelo fato de a maioria da população falar uma língua que teima em dizer que desconhece.”*

*“O estudo é bom porque as formas são legítimas e fazem parte da norma culta da língua portuguesa, cabendo ao usuário utilizá-las de forma a deixar claro o que ele quer dizer.”*

*“Sim. Ainda que uma forma seja mais usada que a outra é importante saber que ambas são válidas.”*

As reflexões acima tocam em alguns pontos, como o fato de ambas as formas serem “legítimas”/válidas e a questão de uma das opções ser mais utilizada do que a outra a depender do contexto.

Além disso, houve posturas distintas no que se refere ao significado das formas simples e perifrásticas: *“formas diferentes de dizer a mesma coisa”* contrapondo-se com *“diferença semântica considerável entre as formas”*.

Saliente-se, por fim, que esta pesquisa de opinião não explorou essa questão das nuances semânticas distintas entre as formas, mas alguns informantes forneceram exemplos em que essa diferença se tornava evidente: *“dar uma sugestão plausível”* e *“dar uma saidinha”*.

Embora alguns poucos informantes tenham relatado que usariam as perífrases em qualquer gênero textual ou situação de comunicação, no presente teste, a maioria relatou que não as utilizaria na escrita e em situações formais, manifestando restrições quanto a seu uso.

Esses testes de atitudes permitem que os usuários opinem quanto ao uso de construções perifrásticas ou verbos plenos correspondentes, contribuindo para a ampliação das discussões em torno dos fatores que favorecem a ocorrência de uma ou outra forma, dentre eles o gênero textual e a situação de comunicação. Contudo, deve-se ter o cuidado de relacionar **percepção** e **uso**, conforme orienta Labov (1972), sendo esta a proposta da presente pesquisa.

### **5.5- Quinto teste de atitudes: o grau de afastamento de sentido**

O objetivo deste quinto teste de atitudes (cf. apêndice 5) consistiu em reunir subsídios para a proposição de uma escala de proximidade/afastamento de sentido entre os verbos plenos e as construções perifrásticas correspondentes. Além disso, busca-se testar se algumas perífrases de configuração prototípica são consideradas pelos informantes como portadoras de um sentido diferente ou completamente diferente dos

verbos plenos respectivos, a fim de se refletir sobre a possibilidade de considerar tais formas como “relativamente alternantes”, muito embora também essas estruturas compartilhem um mesmo domínio funcional, como se assume nesta pesquisa. Saliente-se que, embora se use a nomenclatura “afastamento de sentido”, a fim de haver um bom entendimento por parte dos informantes, esta pesquisa assume que em todas as formas ocorre a manutenção de um mesmo significado básico.

A estrutura deste teste baseia-se na apresentação de uma frase-piloto contendo um verbo pleno seguida de outras frases, em que se trocavam as formas plenas pelas construções perifrásticas “correspondentes”. Os informantes foram orientados a atribuir um peso de 0 a 5 às sentenças, de acordo com as semelhanças ou diferenças de sentido entre as formas analisadas, sendo que não havia um contexto no qual o falante pudesse se basear, a fim de se focar a sua atenção apenas nos aspectos semânticos propriamente ditos.

Esse teste foi aplicado entre alunos de uma turma do sétimo período da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ (12 informantes) e de uma turma do sétimo período da Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense/UFF (7 informantes), no primeiro semestre de 2008. Os informantes totalizaram 19 alunos, que também responderam a três questões discursivas sobre o teste, ao final do mesmo.

A seguir, segue a transcrição do teste e as hipóteses de trabalho.

*Você vai opinar sobre o grau de afastamento de sentido entre a forma verbal sublinhada na frase-piloto e as alternativas entre parênteses com **ter**, **dar** e **fazer**.*

*Utilize o quadro abaixo:*

- 0- significado idêntico*
- 1- significado muito semelhante*
- 2- significado semelhante*
- 3- significado um pouco diferente*
- 4- significado diferente*
- 5- significado completamente diferente*

**Hipótese de trabalho:** Pressupõe-se que os informantes irão atribuir de 0 a 2 para as construções sem elementos intervenientes ou com artigos<sup>15</sup> e atribuir 3 para as estruturas

---

<sup>15</sup> As construções com artigos podem veicular nuances semânticas em alguns casos e em outros não.

com outros elementos intervenientes (adjetivos, pronomes), além das construções com alterações no nome, com terminação –inho, –ada e –s (plural). Considera-se que as marcações 4 e 5 não serão expressivas na pesquisa de opinião, até porque, neste estudo, considera-se que todas essas formas apresentam, talvez não exatamente um mesmo significado, mas certamente um mesmo significado **básico**, podendo haver apenas diferentes efeitos semânticos veiculados sobretudo por perífrases de configuração não-prototípica.

Seguem-se os resultados coletados nesta pesquisa de opinião, que se baseou no maior número de marcações (de 0 a 5) para cada construção. **Saliente-se que só serão comentados os casos que contrariaram a hipótese de trabalho. Além disso, os casos de marcações de 4 e 5 serão todos avaliados como casos em que a possibilidade de alternância mereceria reflexões mais aprofundadas, pelo fato de alguns pesquisadores a considerarem, nesse caso, como uma “alternância relativa”.**

**FRASE-PILOTO:** Eu tenho que PASSAR na biblioteca depois do almoço.

( ) Eu tenho que DAR UMA PASSADA na biblioteca depois do almoço.

Entre 1 (muito semelhante) e 2 (semelhante). Esse resultado contraria a hipótese e reflete o fato de que alguns informantes não consideraram tão relevante a nuance semântica veiculada pela construção perifrástica, que sugere uma maior “rapidez” da ação expressa. Houve, inclusive, um voto para o 0 (idêntico). Saliente-se, porém, que, de acordo com resultados do primeiro teste de atitudes, uma construção semelhante (*dar uma olhada*) foi interpretada como diferente pelos 10 (dez) informantes com unanimidade.

( ) Eu tenho que DAR AQUELA PASSADA na biblioteca depois do almoço.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Eu tenho que DAR MINHA PASSADA na biblioteca depois do almoço.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.



( ) Eu tenho que DAR UMA PASSADINHA na biblioteca depois do almoço.

Entre 2 (semelhante) e 3 (um pouco diferente), mas com 03 votos no 1 (significado muito semelhante). Esse resultado contraria a hipótese e revela, à semelhança do resultado para a construção “dar uma passada”, que alguns informantes não consideraram tão relevante para o estabelecimento da distinção de sentido essa diferença na “rapidez” da ação expressa.

( ) Eu tenho que DAR A PASSADA na biblioteca depois do almoço.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado é bastante coerente, visto que, neste caso, o artigo realmente estabelece claramente uma referência no discurso, sugerindo que se trata de um ato já conhecido de todos, ou já mencionado anteriormente. Esse é um caso que contraria a hipótese geral, mas que se configura numa exceção.

( ) Eu tenho que DAR UMA PASSADA RÁPIDA na biblioteca depois do almoço.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

**FRASE-PILOTO:** Eu só vou PERGUNTAR ao final da reunião.

( ) Eu só vou FAZER UMA PERGUNTA ao final da reunião.

Essa construção recebeu marcações muito variadas, abrangendo do 0 (idêntico) ao 5 (completamente diferente). Talvez esse fato se deva à interpretação do elemento interveniente “uma”. Seria apenas uma pergunta a ser feita ou uma pergunta qualquer? Esse também é um caso que não segue a regra geral.

( ) Eu só vou FAZER PERGUNTAS ao final da reunião.

Entre 0 (idêntico) e 1 (muito semelhante). Esse resultado também contraria a hipótese, visto que se considera que, em “fazer perguntas”, se tem a noção de várias perguntas, idéia que não é veiculada necessariamente pela construção “perguntar”. Contudo, essa estrutura recebeu três votos no 3 (um pouco diferente) e um voto no 4 (diferente).

( ) Eu só vou FAZER AQUELA PERGUNTA ao final da reunião.

Entre 3 (um pouco diferente) e 4 (diferente).

( ) Eu só vou FAZER UMA PERGUNTINHA ao final da reunião.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Eu só vou FAZER PERGUNTA ao final da reunião.

Predomínio das marcações no 1 (muito semelhante).

( ) Eu só vou FAZER ESSA PERGUNTA ao final da reunião.

Entre 3 (um pouco diferente) e 4 (diferente).

( ) Eu só vou FAZER UMA PERGUNTA RÁPIDA ao final da reunião.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Eu só vou FAZER A PERGUNTA ao final da reunião.

Entre 2 (semelhante) e 3 (um pouco diferente). Neste caso, o uso do artigo também sugere que se trata de uma pergunta específica, por isso a marcação 3 é perfeitamente coerente, embora a hipótese de trabalho não a contemple.

( ) Eu só vou FAZER MINHA PERGUNTA ao final da reunião.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Eu só vou FAZER ALGUMA PERGUNTA ao final da reunião.

Predomínio das marcações no 4 (diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

**FRASE-PILOTO:** Ele NECESSITA competir comigo.

( ) Ele TEM UMA NECESSIDADE de competir comigo.

Entre o 2 (semelhante) e o 3 (um pouco diferente). Entende-se que esse dado é excepcional, uma vez que a entonação poderia mudar completamente o sentido do enunciado, intensificando a “necessidade” em questão.

( ) Ele TEM AQUELA NECESSIDADE de competir comigo.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Ele TEM A NECESSIDADE de competir comigo.

Entre 1 (muito semelhante) e 2 (semelhante).

( ) Ele TEM NECESSIDADE de competir comigo.

Entre 0 (idêntico) e 1 (muito semelhante).

( ) Ele TEM ESSA NECESSIDADE de competir comigo.

Entre 3 (um pouco diferente) e 4 (diferente).

( ) Ele TEM ALGUMA NECESSIDADE de competir comigo.

Entre 3 (um pouco diferente) e 4 (diferente).

( ) Ele TEM MUITA NECESSIDADE de competir comigo.

Entre 3 (um pouco diferente) e 4 (diferente).

**FRASE-PILOTO:** Você quer PASSEAR comigo no parque?

( ) Você quer DAR UM PASSEIO comigo no parque?

Predomínio das marcações no 0 (idêntico).

( ) Você quer DAR UMA PASSEADINHA comigo no parque?

Entre o 2 (semelhante) e o 3 (um pouco diferente). Novamente, alguns informantes não consideraram relevante o aspecto de maior brevidade da ação na

distinção de sentido entre as formas, à semelhança de “dar uma passada” e “dar uma passadinha”.

( ) Você quer DAR AQUELE PASSEIO comigo no parque?

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Você quer DAR UMA PASSEADA comigo no parque?

Predomínio das marcações no 3 (um pouco diferente).

( ) Você quer DAR O PASSEIO comigo no parque?

Predomínio das marcações no 3 (um pouco diferente). Novamente, o uso do artigo implica um passeio específico, o que dá coerência às marcações dos informantes.

( ) Você quer DAR ESSE PASSEIO comigo no parque?

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Você quer DAR PASSEIOS comigo no parque?

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Você quer DAR ALGUM PASSEIO comigo no parque?

Predomínio das marcações no 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

**FRASE-PILOTO:** Você gostaria de LANCHAR agora?

( ) Você gostaria de FAZER O LANCHE agora?

Essa construção obteve marcações variadas que foram do 0 (idêntico) ao 5 (completamente diferente). Nesse caso, o artigo também sugere que pode se tratar de um lanche específico, mas não necessariamente. Talvez por essa razão tenha havido tanta disparidade nas marcações.

( ) Você gostaria de FAZER LANCHE agora?

Essa construção obteve marcações variadas que foram do 0 (idêntico) ao 5 (completamente diferente). Teoricamente, a ausência de elementos intervenientes contribuiria para que houvesse uma manutenção de sentido; contudo, alguns dos informantes consideraram essa estrutura diferente semanticamente por algum motivo que não foi justificado na pesquisa de opinião.

( ) Você gostaria de FAZER UM LANCHINHO agora?

Entre 3 (um pouco diferente) e 4 (diferente).

( ) Você gostaria de FAZER ALGUM LANCHE agora?

Entre 0 (idêntico) e 1 (muito semelhante). Os informantes possivelmente consideraram adequada a idéia de indefinição do pronome, que estaria em harmonia com o verbo pleno, como ‘lanchar alguma coisa’.

( ) Você gostaria de FAZER UM LANCHE agora?

Entre 3 (um pouco diferente) e 4 (diferente). Os informantes, ao contrário da hipótese de trabalho, consideraram significativa a diferença semântica entre as formas plena e perifrástica a partir do uso do artigo indefinido, pois se trataria de um lanhe qualquer.

( ) Você gostaria de FAZER AQUELE LANCHE agora?

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Você gostaria de FAZER UM PEQUENO LANCHE agora?

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

**FRASE-PILOTO:** Ele acha que pode CONTROLAR as pessoas.

( ) Ele acha que pode TER UM CONTROLE das pessoas.

Entre o 2 (semelhante) e o 3 (um pouco diferente). O artigo indefinido, neste caso, realmente carrega uma noção de indeterminação que acarreta uma pequena nuance semântica diferenciada no que concerne à forma plena.

( ) Ele acha que pode TER O CONTROLE das pessoas.

Entre 0 (idêntico) e 1 (muito semelhante).

( ) Ele acha que pode TER ALGUM CONTROLE das pessoas.

Entre 3 (um pouco diferente) e 4 (diferente).

( ) Ele acha que pode TER CONTROLE das pessoas.

Entre 1 (muito semelhante) e 2 (semelhante).

( ) Ele acha que pode TER AQUELE CONTROLE das pessoas.

Predomínio das marcações no 4 (diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Ele acha que pode TER ESSE CONTROLE das pessoas.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

( ) Ele acha que pode TER MUITO CONTROLE das pessoas.

Entre 4 (diferente) e 5 (completamente diferente). Esse resultado sugere a possibilidade de se entender esse caso como uma alternância relativa.

Essa pesquisa de opinião também contava com uma parte em que os informantes respondiam a questões discursivas sobre o teste. A seguir, seguem as transcrições das partes do teste com as hipóteses de trabalho e comentários dos informantes.

### ***Refletindo sobre o teste***

*Em que critérios você se pautou para atribuir um determinado grau de afastamento de significado entre as formas?*

**Hipótese de trabalho:** Pressupõe-se que os informantes relatariam que se pautaram em critérios semânticos, sobretudo considerando a presença ou ausência de determinantes nas construções perifrásticas.

Os resultados validaram a hipótese de trabalho, conforme se percebe nos relatos transcritos a seguir:

*“Parti geralmente da falta de especificador, oscilando entre nenhum determinante e ainda entre os artigos “o” e “um”, afastando sempre o “aquele”, pois me pareceu determinante demais.”*

*“Os determinantes expressos foram o que me influenciou, pois eles marcam definição, indefinição, quantificam, o que semanticamente é fundamental para diferenciar contextos.”*

*“Quanto maior o grau de especificidade/ intensidade ou determinação, mais diferente, como quando se usa “meu”, “aquele” ou “muito”.*

*“O uso do verbo + artigo (os modificadores em geral)”.*

*“Utilização de pronomes e adjetivos.”*

*“A presença de adjetivos, pronomes demonstrativos, artigos, etc.”*

Um outro questionamento foi feito aos informantes:

*Você acha que os verbos plenos (sublinhados na frase-piloto) e as construções com **ter**, **dar** e **fazer** podem ser usados indistintamente em quaisquer contextos? Por quê?*

**Hipótese de trabalho:** Os informantes provavelmente vão relatar que não, que as formas plenas e perifrásticas não podem ser usadas indistintamente em quaisquer contextos, pois apresentam diferenciações semânticas que vão influenciar na escolha de uma ou outra forma a depender do contexto e da intenção comunicativa do falante.

Os resultados validaram a hipótese de trabalho, como se percebe na transcrição dos relatos abaixo:

*“Não. Acredito no princípio da não-sinonímia, em que nunca poderemos usar um termo pelo outro indistintamente em quaisquer contextos.”*

*“Não. Porque eles produzem sentidos distintos.”*

*“Os verbos-suporte, em diferentes contextos, podem dar ênfase, suavizar ou reforçar uma idéia, o que não é possível com o verbo pleno.”*

*“Não. Construções como ‘você pode dar uma olhadinha nesses papéis?’ acarretam uma noção de favor. Já em ‘você pode olhar esses papéis?’, dependendo da entonação do falante, pode-se perceber uma fala de igual para igual, quase como uma ordem dada educadamente.”*

*“Não, pois, em primeiro lugar, não existe sinônimo perfeito e acredito que, ao mudarmos o verbo por outro e acrescentarmos adjetivos e pronomes, alteramos o significado minimamente que seja.”*

Como última pergunta, reservou-se um espaço para comentários a respeito das impressões que o falante teve durante a aplicação do teste:

*Quais foram as suas impressões sobre este teste? Houve dificuldades ou não?*

Para essa pergunta, não há uma hipótese de trabalho, pois as respostas são de caráter pessoal.

*“É um teste difícil de fazer, porque a diferença entre as frases é sutil, portanto, às vezes confunde.”*

*“Bom teste. Dificuldade quanto à utilização dos números.”*

*“Senti falta da entonação em algumas frases.”*

*“Não tive dificuldade.”*

*“Às vezes, ou em algumas frases, precisei ler mais de três vezes para que eu pudesse ver a diferença que havia entre a frase piloto e as demais.”*

*“Acho que os verbos-suporte amenizam um pouco o sentido dos verbos plenos, sendo, talvez, formas mais suaves de se chegar ao interlocutor e de convencê-lo.”*

*“As diferenças semânticas são tênues em certas construções.”*

*“Achei o teste um pouco cansativo.”*

*“Sem entonação, fico sem saber se marquei o certo ou não.”*

No geral, as marcações validaram as hipóteses gerais, sendo que o uso dos artigos foi um dos pontos que mais discrepou nos resultados, além de terem sido consideradas como diferentes ou completamente diferentes construções compostas pelo pronome *aquele* (*dar aquela passada, ter aquela necessidade, dar aquele passeio, fazer aquele lanche, ter aquele controle*), pelo pronome *minha* (*dar minha passada, fazer minha pergunta*), além de outros elementos intervenientes (*fazer alguma pergunta,*



*fazer um pequeno lanche, ter muito controle*) e alterações no nome da perífrase (*fazer uma perguntinha, dar passeios*).

As respostas, porém, não foram uniformes, uma vez que construções que poderiam ser consideradas diferentes, por apresentarem as mesmas alterações arroladas anteriormente, não foram assim rotuladas, como o caso da *dar uma passadinha, fazer algum lanche e fazer perguntas*.

Esse fato dificulta, sem dúvida, o estabelecimento de critérios bem definidos para se considerar quais construções perifrásticas seriam formas “relativamente alternantes”. Parece que as nuances semânticas não seriam do mesmo nível, como em *fazer uma pergunta/ fazer uma perguntinha/ fazer perguntas*. Talvez, acima de tudo, se devesse considerar o contexto de ocorrência de tais formas, analisando caso a caso, sem estabelecer normas gerais.

Caso seja possível pensar em uma escala de afastamento de sentido, a partir dos dados deste teste, deve-se começar pelas construções prototípicas que, no geral, receberam as marcações entre 0 (idêntico) e 2 (semelhante). Em seguida, podem-se cogitar as construções com artigos, definidos ou indefinidos, que foram considerados um pouco diferentes em relação aos verbos plenos, por conta das nuances de definição e indefinição, respectivamente, passando pelas construções que apresentam alterações no SN e, por fim, as perífrases verbo-nominais que apresentam pronomes e adjetivos como elementos intervenientes.

O quadro a seguir ilustra os resultados deste quinto teste de atitude.

<i>Tem necessidade</i> (SN nu)	<i>Fazer um lanche</i>	<i>Fazer um lanchinho</i>	<i>Fazer aquele lanche</i>
	<i>Dar o passeio</i> (Inserção de artigos definidos e indefinidos)	<i>Dar passeios</i> (Alterações no SN)	<i>Fazer um pequeno lanche</i> (Inserção de pronomes e adjetivos)

**Quadro 5:** Escala de proximidade/afastamento de sentido entre perífrases e verbos plenos

Em um extremo, estariam as construções com o SN nu, que representariam as formas mais próximas semanticamente dos verbos plenos correspondentes e, no outro extremo, estariam as perífrases verbo-nominais compostas por pronomes e adjetivos, com o maior grau de afastamento semântico dos verbos plenos, de acordo com as marcações dos informantes deste quinto teste de atitude.

### 5.6- Sexto teste de atitudes: a postura de professores de Português

Já foi visto nesta pesquisa que alguns manuais de redação vinculam o uso de construções perifrásticas formadas pelos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer* a marcas de empobrecimento vocabular. Contudo, será que os professores de português estão atentos ao uso repetido de perífrases em textos, preocupando-se com princípios do tipo “evite repetição de termos”, “não use verbos de sentido genérico” ou “use formas concisas”?

Para testar essa possibilidade, elaborou-se um teste de atitudes (cf. apêndice 6) contendo uma redação sobre drogas, elaborada especialmente para este teste, que os professores de português deveriam corrigir tomando por base quatro aspectos: estruturação do texto, paragrafação, seleção vocabular e nível de linguagem. A inclusão de aspectos que não são relevantes para o estudo em questão se deve à necessidade de não se explicitar o que realmente se está buscando com a correção. Deste modo, foram incluídas no texto **vinte e cinco** perífrases formadas pelos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer*.

Reuniu-se um total de dez informantes: três professores do Colégio Estadual Sargento Wolff, em Belford Roxo, quatro da Escola Municipal Dunshee de Abranches, na Ilha do Governador, além de 02 professoras do Centro Educacional Líbano Brasileiro, e 01 docente que declarou lecionar em escolas públicas e privadas da Baixada Fluminense.

A seguir, transcreve-se a pesquisa de opinião. Devem-se destacar aqui os critérios para a elaboração da redação e do próprio teste. Não se optou por repetir constantemente as estruturas com *ter*, *dar* e *fazer* em frases consecutivas ou inúmeras vezes no mesmo parágrafo, a fim de não tornar tão óbvia a repetição, que deveria ser percebida levando em conta o texto como um todo. Além disso, há algumas ocorrências em que esses três verbos tomam parte em outras estruturas, intensificando a possibilidade de se perceberem as repetições ou a falta de uso de vocabulário específico.

Por isso mesmo, o texto não é curto, o que tornaria as repetições evidentes demais. Não foi revelada a autoria do texto a fim de que ele fosse avaliado por si só e não pelo fato de ser de um aluno. Houve uma intenção de criar um texto envolvente, e sem erros óbvios para que não se desviasse a atenção dos professores e, principalmente, solicitou-se que eles avaliassem, entre outros critérios, a adequação vocabular e o nível de linguagem.

Para facilitar a localização das perífrases aqui, destacaram-se essas construções, o que, obviamente, **não foi feito para os informantes**, que não sabiam do que se tratava exatamente o teste. Além disso, sublinharam-se as ocorrências de *ter*, *dar* e *fazer* tomando parte em outras estruturas.

O enunciado que constava da pesquisa de opinião era o seguinte:

*Professor, você vai ler um texto que aborda a temática das drogas. O objetivo desta pesquisa de opinião é saber o seguinte: que críticas podem ser feitas a este texto (se é que há alguma) no que se refere à sua estruturação, ao nível de linguagem, seleção vocabular e paragrafação?*

Logo abaixo do enunciado, podia-se ler o seguinte texto, intitulado “***Por uma pedagogia do NÃO!...***”.

*Aquele era um dia de aula normal. O professor de Artes **fazia a análise** de um belo quadro de Portinari, **dando um destaque especial** ao engajamento do pintor em*

relação às questões sociais. Todos **tinham um imenso respeito** por aquele mestre, principalmente Luiz, para o qual o adorado professor sempre **tinha elogios**. O jovem estudante queria mesmo era ser artista!

Entretanto, um fato inusitado **faria uma mudança** na vida de Luiz para sempre. Na saída da escola, o rapaz foi abordado por um homem elegantemente vestido e muito falante. Tratava-se de um traficante de drogas. Na escola, o professor de Ciências, no ano anterior, **fizera a leitura**, em sala de aula, de uma carta comovente escrita por um pai de um adolescente que havia se envolvido com drogas. Luiz **teve essa lembrança** na mesma hora em que aquele homem lhe **fez a oferta** do tóxico.

— Não, eu não quero essa droga! — exclamou Luiz com veemência.

O traficante **deu uma olhadinha** para o lado a fim de constatar se ninguém ouvia a conversa, e ensaiou um contra-argumento.

— Mas...

— Eu **tenho amor** pela vida!

O traficante sentiu-se humilhado diante da profundidade da resposta do rapaz. Contudo, não **tinha a intenção** de desistir. Reconheceu que ele **tinha a necessidade**, naquele momento, de **fazer uma pequena mudança** de estratégia. Precisava ser mais persuasivo, mais incisivo.

— Do que você **tem medo**?...

Luiz sentiu-se ofendido com aquela insinuação.

— Eu não **tenho medo** de nada! Eu aprendi que se deve dizer não às drogas e...

— Você não é homem!

Aquelas palavras **deram uma mexida** no brio do menino. Naquela fase de sua vida, tudo o que ele queria era ter jeito de homem, cara de homem, fazer tudo o que os homens faziam.

— Você vai me convencer de que **faz uso** de drogas, de que aceitou correr o risco de ficar viciado?... — indagou Luiz.

O traficante regozijou-se. Conseguira fazer mais uma vítima. Do que adiantava as escolinhas fazerem campanhas antidrogas? Há sempre argumentos para tudo...

— Eu uso a droga, a droga não me usa!

Luiz ficou pensativo. Por um instante, **teve uma grande admiração** por aquele homem tão determinado e muito, muito convincente. Ele sabia lidar com as palavras, enquanto Luiz ainda lutava com elas. Como vencer a disputa por entre as palavras?

Meses se passaram. A mudança de Luiz foi sentida por todos. Em casa, a agressividade e a rebeldia. Na escola, a negligência com seus deveres. O menino que **tinha um orgulho enorme** de querer ser artista agora tinha os olhos tristes e atônitos. Chegara a roubar dinheiro da carteira do pai para sustentar o vício.

Um dia, Luiz foi encontrado caído em seu quarto. No hospital, os pais não **deram crédito** aos médicos. O filho não era um drogado. Mas a verdade prevaleceu. O jovem quis **ter uma conversa** com o professor de Artes. Contou-lhe, com dificuldade, toda a sua história, e lhe **fez um pedido**, que era para o mestre escrever um livro endereçado aos jovens, como uma forma de **dar o precioso alerta**: na porta de escolas, cursinhos e faculdades estão homens que **têm conhecimento** dos nossos sonhos, dos nossos medos e das nossas palavras; tudo aquilo que as drogas vão destruir. Os jovens não podem cair na conversa dos traficantes, ou vão cair de uma forma que não mais se levantarão.

Luiz faleceu. Mas a sua luz não se apagou, até porque o sonho de ser artista não morreu com ele. O professor de Artes escreveu um livro, **fazendo o relato** da história do estudante, cujo título era: “Dizer não às drogas é uma arte!”

A hipótese de trabalho era a de que os professores notariam o uso dos verbos *ter*, *dar* e *fazer*, uma vez que há vinte e cinco construções perifrásticas formadas por tais verbos, além de outras ocorrências com eles em outros tipos de estruturas. Deste modo, os professores estariam atentos ao critério “evite **repetição** de termos” e, possivelmente, manifestariam alguma restrição quanto ao uso de construções perifrásticas formadas por verbos-suporte, também em razão de essas estruturas apresentarem **verbos genéricos** (como, por exemplo, “O menino que tinha um orgulho enorme de querer ser artista” por *O menino que sentia um orgulho enorme de querer ser artista*) ou, ainda, de elas serem formas que **não** apresentam **concisão**.

Além disso, duas construções poderiam chamar a atenção dos docentes: “*dar uma mexida*” e “*dar uma olhadinha*”, por trazerem em si a carga de uma linguagem mais coloquial. Caso percebessem o uso dessas perífrases, os professores poderiam atentar também para as partes do texto em que elas aparecem: se no discurso do narrador ou nas falas das personagens.

*Resultados da pesquisa de opinião*

Os resultados indicam o fato de que os professores de português em questão não estão atentos ao uso ou à repetição das construções perifrásticas pois **nenhum** dos dez informantes detectou a presença desses verbos, ou a achou relevante para ser considerada na correção do texto. Os professores apontaram outras questões como a grande quantidade de parágrafos e o emprego de termos de difícil entendimento para jovens, mas, em geral, apreciaram muito o texto.

Assim, resolveu-se, em um segundo momento, revelar a alguns professores (que fossem mais acessíveis para uma nova abordagem) o intuito da pesquisa, esclarecendo-os quanto a possíveis restrições concernentes ao uso das construções perifrásticas, formadas pelos chamados verbos-ônibus, a fim de que eles tecessem comentários a respeito da questão. Assim, mostrou-se o texto novamente a cada um deles, mas dessa vez com as estruturas destacadas, sempre anotando os comentários dos professores.

Transcreveram-se, a seguir, os apontamentos de alguns desses professores de português, após essa nova abordagem, seguidos de algumas observações:

*“Não vejo problema nenhum com as repetições. ‘Ter essa lembrança’, no texto, por exemplo, é até mais adequado que ‘lembrar-se’. Só corrigiria se eles repetissem a mesma expressão duas vezes, como ‘fazer a leitura’ e, logo adiante, ‘fazer a leitura’ de novo.”* (grifo nosso) (Professora de português do Colégio Estadual Sargento Wolff)

De acordo com o comentário dessa informante, as repetições só seriam inadequadas para aquelas construções que fossem idênticas e, além disso, uma seguida da outra. Mesmo assim, vale comentar que nem a repetição de “ter medo” no texto foi alvo de qualquer observação por parte dos informantes.

Cabe lembrar, além disso, que os professores, ao corrigirem redações, costumam eleger suas prioridades, conferindo maior importância normalmente a questões como tipologia textual, coesão e coerência, progressão temática, além da correção gramatical, dentro da qual se insere a questão da repetição de termos, juntamente com várias outras preocupações de cunho normativo.

Um outro apontamento referiu-se à questão do público a que se destinava o texto.

*“Não vejo mal nenhum com o uso dessas expressões, até porque o tipo de texto e o público alvo são bem favoráveis à utilização desse vocabulário mais acessível. Quando li, apenas duas dessas expressões me chamaram um pouco a atenção: ‘dar uma olhadinha’ e ‘dar uma mexida’, mas julguei-as adequadas ao tipo de texto, tendo em vista o público ser os jovens. O texto é muito envolvente mesmo. Quanto ao nível de*

*linguagem, achei-o muito bom, mas quanto à adequação vocabular, achei alguns vocábulos de difícil entendimento, como: engajamento, Portinari, inusitada, veemência, persuasivo, incisivo, brio, regozijou-se, atônitos*” (Professora de português da Escola Municipal Dunshee de Abranches).

Note-se que a perífrase “dar uma mexida” chamou a atenção da professora. Essa perífrase foi também encontrada em uma crônica cujo título se compõe de numa construção perifrástica: *Fazendo a barba*, de Luiz Vilela. Neste texto, pode-se ler: “O rapaz, depois de catar o pincel, mexeu um pouco mais e então entregou ao barbeiro, que ainda **deu uma mexida**”. Talvez esses usos sejam aceitos por conta do gênero textual em que ocorreram. Contudo, seria interessante pesquisar se essas construções com o verbo-suporte *dar* (*dar uma mexida, dar uma melhorada, dar uma olhadinha*) tendem a receber uma avaliação negativa por parte dos falantes.

Além disso, ressalte-se que a professora acertou ao levar em conta o público-alvo a que se destinaria o texto, embora o texto em análise não se destine exclusivamente a jovens. Caso se tratasse de um texto acadêmico, ela não abonaria o uso repetido de perífrases tal como ocorre neste texto sobre drogas, tendo em vista o público-alvo ser outro. Contudo, por que o uso de perífrase tornaria o “vocabulário mais acessível”? Será que verbos plenos como *ler, destacar, elogiar, relatar, pedir, conversar*, encontrados no texto, são mais acessíveis que *fazer a leitura, dar um destaque, ter elogios, fazer um relato, fazer um pedido, ter uma conversa*? Além disso, por que seriam as perífrases mais acessíveis aos jovens do que aos falantes em geral? Será que esse tipo de avaliação se pauta na impressão de que perífrases estão associadas a gíria, a vocabulário usado em certas comunidades lingüísticas? Uma outra hipótese seria a de que a professora estaria se referindo ao uso de verbos mais genéricos como *ter orgulho* ao invés de *sentir orgulho* ou *dar o precioso alerta* por *divulgar o precioso alerta*. Essa questão merece, sem dúvida, uma investigação criteriosa.

A professora também revelou que duas dessas construções chamaram sua atenção, e são justamente as duas previstas na hipótese de trabalho: *dar uma olhadinha* e *dar uma mexida*. Contudo, como ela se baseou no critério relativo ao público-alvo (*olhar* e *mexer* não seriam acessíveis?), ela optou por não efetuar nenhuma correção.

A fim de testar a hipótese de que haveria mais perífrases que verbos plenos em textos voltados para jovens, procedeu-se a um levantamento de ocorrências de verbos plenos e perífrases em um livro de literatura infanto-juvenil, uma tradução, cujo título é “Coisas que toda garota deve saber sobre garotos”, de Kara May, já abordado nesta

pesquisa ao se tratar de perífrases e ensino de língua portuguesa. O levantamento contou com 59 dados, sendo que 68% das ocorrências eram de verbos plenos e 32% de perífrases. Algumas construções perifrásticas encontradas no livro podem ser citadas: *dei uma olhada, dei uma olhadinha, dê uma mordida, dar início, dar o devido valor, dando exemplos, dar bons conselhos, dão beijos, fiz essa mesma pergunta, fazer sérios estudos, fazendo cálculos, faça a comparação, fazer uma leitura, ter absoluta necessidade, ter orgulho.*

O uso de perífrases, nesse livro, atende a objetivos que já foram discutidos no decorrer da presente pesquisa, como, por exemplo, evitar a repetição de estruturas: “*Um garoto que **tem muito orgulho** dos seus músculos (formas fortes e arredondadas nos braços, nas pernas, no peito) raramente tem outras coisas de que se **orgulhar***” (grifo nosso) ou utilizar uma linguagem mais informal, como em: “*Voltemos ao passado. **Dei uma olhadinha** nele e aprendi que, até onde eu sabia, os antigos garotos tinham pescoço encardido, pés imundos e eram os lutadores mais sórdidos.*” (grifo nosso)

Há também um trecho em que se utiliza a mesma perífrase por três vezes, uma seguida da outra. Uma informante dos testes afirmou que corrigiria o texto de um aluno se isso ocorresse, como foi elucidado anteriormente. No entanto, esse pode ser um recurso expressivo a depender do gênero textual e da intenção comunicativa, como se vê em:

*As lágrimas são um instrumento precioso para convenceremos os garotos de que: 1) **nós temos absoluta necessidade** de que eles nos ouçam; 2) **nós temos absoluta necessidade** de que eles concordem com nosso ponto de vista; 3) **nós temos absoluta necessidade** de que eles cedam às nossas exigências.* (grifo nosso)

Em um outro livro infanto-juvenil, intitulado “*Fala sério, amiga!*”, da escritora Talita Rebouças, também já mencionado neste estudo, coletou-se um total de 142 construções, sendo 54% de verbos plenos e 46% de perífrases. Esse resultado parece favorecer a hipótese não necessariamente de um vocabulário mais acessível para jovens, mas o uso de uma linguagem talvez mais próxima da oralidade, até por conta do perfil da maioria das construções encontradas no livro: *dando um beliscão, dar uma piscadela, dava um abraço apertado, deu um beijo chocho, deram risinhos e mais risinhos, dar uma arrumada, deu esse apelido medonho, deu aquela risadinha, deu uma assoprada, dar uma melhorada, dar uma mentidinha, dar um abraço gordo, dar uma respirada, dar uma cambaleada, dei uma desfilada, dar uma sondada, dei o maior*



*empurrão, dar uma espiada, dar uma espetada, dar uma improvisada, dei prosseguimento, dar conselhos, dar um susto, dar um mergulho, dar conversa, faço a alegria, faço imitações, fazer grandes avanços, fazer essa gravação, fazer uma viagem, fazer companhia, fizemos silêncio, ter boas recordações, tem o orgulho.*

Note-se que há um predomínio de construções perifrásticas com *dar* e que houve apenas 5 perífrases prototípicas. Esses dados devem ser analisados em seu contexto a fim de melhor elucidar os efeitos especiais que o seu uso acarreta no livro. Pode-se citar, apenas a título de ilustração, a utilização de perífrases com finalidades expressivas, que são inclusive transformadas em “siglas”, conforme se observa no trecho abaixo:

- Claro que não, Alice. É a Lei Mundial da Amizade, que diz que amigas que não brigam levam uma vida muito chata.
- Isso é. Se a gente não brigasse não ia fazer as pazes. E a melhor coisa de brigar é fazer as pazes e **dar um SAE**.
- Sapato Amarelo Empoeirado?
- **Super Abraço Esmagadoço**, pateta! Tô louca pra te **dar um**.
- Tudo bem, mas só se você estiver **DBT**.
- De banho tomado? Claro que estou!
- Não, **Dando Beijo Também!**
- Malu, você é implicante mas eu te adoro!
- E você é estourada mas é a melhor amiga do mundo, Alice! Tanto que está em várias histórias deste livro.
- Sério? O que você fala de mim?
- Hum... Melhor você ler primeiro, depois a gente conversa.
- O quê? Não senhora! Diz a-go-ra o que voc...
- Não dá, Alice. Acabou o espaço, não tá vendo? (grifo nosso)

Ainda em relação ao teste de atitudes, um outro informante relatou: *“Eu não vejo problema algum no uso dos verbos ter, dar e fazer no texto, até porque o texto fica mais próximo do uso popular. Costumo ouvir muito, em reuniões, a expressão ‘dar início’, como em ‘nós vamos dar início à reunião’, mas nunca li nada que não abonasse o uso dessas expressões no lugar de verbos.”* (Professor de português do Colégio Estadual Sargento Wolff)

O comentário do professor estabelece uma conexão entre o uso dos verbos *ter*, *dar* e *fazer* e o uso popular, o que nos faz pressupor que talvez ele não aconselhasse seu uso em textos mais formais ou mesmo na escrita, embora até costume ouvir uma dessas construções em reuniões, conforme relatou. Observe-se que este comentário referente ao uso popular não condiz com a realidade lingüística, uma vez que a presente pesquisa já comprovou que as perífrases são mais utilizadas na fala culta do que na fala popular.

Além disso, o professor afirma que nunca leu nada que não abonasse o uso de construções perifrásticas.

Um outro apontamento foi feito por um informante: “*Não vejo nenhum problema com o uso de ter, dar e fazer nessas expressões do texto. Eu acho até bom, pois torna a linguagem mais simples e acessível, própria dos alunos mesmo.*”

(Professora de português do Colégio Estadual Sargento Wolff)

Mais uma vez, a questão do público-alvo foi considerada para defender o uso das construções perifrásticas e o argumento “linguagem mais acessível” foi utilizado talvez por conta de os verbos *ter, dar e fazer* estarem sendo empregados de forma genérica, no lugar de outros mais específicos, não sendo tão acessíveis ou tão recorrentes em textos.

Uma outra professora, ao ser abordada, afirmou que “*só corrigiria se fosse um texto formal e escrito, pois, neste caso, devem ser evitadas as repetições*”. (Professora da Escola Municipal Dunshee de Abranches)

Uma questão que merece uma reflexão é a questão de se evitar ou não repetições em textos orais. Parece que essa regra de não repetir palavras ou usar um vocabulário mais específico e conciso funciona mais para o texto escrito do que para o texto falado, uma vez que neste essas questões não ficam tão perceptíveis quanto naquele.

Essa foi a reflexão de uma informante, que, após ser esclarecida a respeito do tema da pesquisa de opinião, ponderou que as repetições não são muito perceptíveis na fala, pois “*ninguém fica reparando, já que a preocupação é com a mensagem, e não com a estrutura gramatical.*” Segundo ela, as repetições devem ser evitadas em textos mais formais, que também exigem um vocabulário mais amplo.

Por fim, uma informante assegurou que, na fala, não há problema com as repetições, mas se fosse um texto escrito formal, ela relata (utilizando, inclusive, uma perífrase em sua justificativa) que “*seria bom fazer uma limpeza no texto*”, referindo-se ao uso dos verbos *ter, dar e fazer*. Essa mesma informante, logo que foi abordada, perguntou: “*De quem é o texto?*”. Quando foi informada de que não seria revelada a autoria do texto, asseverou: “*É só procurar na Internet que eu acho.*” Esse comentário induz a que se pense na razão de a professora querer dispor dessa informação, uma vez que ela demonstrava certa insegurança ao receber o teste, embora se tenha usado o termo ‘pesquisa de opinião’. Certamente, ela percebeu já pelo título “Por uma pedagogia do não!”, que não se tratava de um texto de aluno, e isso pode tê-la deixado apreensiva.

Saliente-se que os informantes, em geral, são professores com mais de quinze anos de magistério, que se encontram afastados da Universidade, tendo pouco acesso às novas pesquisas científicas, por isso desconhecem termos como “verbos-suporte”, por exemplo.

Esteves (2008) obteve resultados diferentes ao aplicar um teste de atitudes referente ao uso de construções perifrásticas formadas pelo verbo-suporte *dar* e verbos plenos correspondentes. Alguns professores (60%), dentre os quinze, notaram o uso repetido do verbo *dar*. Note-se que, no texto do teste, havia, inclusive, uma única frase com três ocorrências de *dar* + SN, além de outras cinco perífrases, nesse texto, que contava com dois parágrafos.

Além disso, alguns dos informantes usaram, inclusive, a terminologia “verbo-suporte”, talvez por serem professores com menos de cinco anos de magistério e/ou por terem sido contactados na UFRJ, instituição na qual o conteúdo programático de disciplinas de Português do curso de Graduação em Letras contempla essa categoria verbal. Uma de suas informantes, professora com 4 anos de profissão, afirmou o seguinte em sua justificativa: *“Na gramática normativa, bem como na prescritiva, o uso repetido de estruturas é estigmatizado para o texto escrito. Aqui a aluna faz o uso excessivo de estruturas de Vsup. + SN, o seu uso ocasional pode ser tolerado, mas a sua repetição caracteriza o seu uso, que é comum no texto oral”*. (grifo nosso)

Observe-se que a própria professora utiliza uma perífrase em seu discurso, não prescrevendo o uso repetido dessas estruturas, mas apenas o seu uso ocasional.

De acordo com o resultado da presente pesquisa de opinião, que contou com um texto sobre drogas, alguns professores de português não estão atentos ao uso repetido de construções perifrásticas formadas pelos verbos *ter*, *dar* e *fazer*, pois nem sequer se deram conta de seu uso no teste de atitudes.

No geral, ao serem esclarecidos sobre os objetivos do teste, alguns afirmaram que essas repetições devem ser evitadas em textos formais e escritos, em que se deve usar, segundo alguns deles, um vocabulário mais amplo, mas não em textos voltados para jovens. Note-se que essa concepção torna relativos os princípios “evite repetição de termos”, “não use verbos genéricos”, “seja conciso”, já que eles não seriam voltados para qualquer gênero textual.

Novos testes, como o de Portela (2004) e os da presente pesquisa, devem ser aplicados, a exemplo, igualmente, de Esteves (2008), a fim de melhor elucidar as questões relativas ao emprego de perífrases em diversos gêneros textuais, pois o

público-alvo a que se destina o texto também parece interferir na aceitabilidade do uso de construções perifrásticas.

## 6- Conclusão

As construções perifrásticas formadas por verbos-suporte e os verbos plenos a elas correspondentes têm sido alvo da atenção de lingüistas, como Neves (1996, 2000) e Borba (1996), bem como de dicionaristas, dentre os quais Houaiss & Villar (2001) e Michaelis (1998), além de autores de livros didáticos, como Krause et al. (1982) e Carneiro (2001) e de alguns pesquisadores como Machado Vieira (2001), Portela (2004), Martins (2005) e Esteves (2008).

Esta pesquisa, fundamentada em uso e percepção, buscou investigar os fatores lingüísticos e extralingüísticos que interferem na opção por uma perífrase formada pelos verbos-suporte *ter*, *dar* e *fazer* (*ter respeito*, *dar beijinhos*, *fazer comparações*) ou verbos plenos correspondentes (*respeitar*, *beijar*, *comparar*), à luz da Sociolingüística Variacionista Laboviana, além de estudar os efeitos semânticos acarretados pelo uso de construções perifrásticas não-prototípicas, bem como os efeitos discursivos e pragmáticos que envolvem o uso de perífrases em geral. Ressaltou-se, ainda, que o uso de um verbo pleno também acarreta efeitos, embora não tenham eles sido objeto de estudo deste trabalho.

A partir dos dados de uso, constatou-se que, além de fatores como versatilidade semântica e sintática, influencia também na opção por uma construção perifrástica o

modo de organização do discurso. As perífrases se mostraram mais recorrentes em fragmentos narrativos nas monografias. O verbo-suporte *ter* apresentou um alto índice na formação de perífrases, se comparado aos verbos *dar* e *fazer*. Esse resultado harmoniza-se com os dados referentes à fala culta e popular investigados em pesquisa anterior de Portela (2004).

Um outro grupo de fatores que se mostrou atuante para a ocorrência das perífrases foi a *década*, já que houve redução percentual no uso de perífrases, na década de 90, resultado que não ratifica a assertiva de que estaria havendo uma proliferação de verbos leves. Não houve diferença significativa de uso de perífrases no PE (38%) e no PB (32%). Além disso, a escrita jornalística e a escrita acadêmica obtiveram percentuais bem próximos, alcançando 23% e 22% respectivamente, sendo que na fala ocorreu um percentual mais elevado, de 37% .

Os verbos plenos são, sem dúvida, a estrutura mais recorrente. O percentual de predicadores simples revelou-se bem mais alto, independentemente de sexo, faixa etária, classe social, grau de escolaridade, variedade nacional, ocorrendo o mesmo com relação aos dados de fala e escrita. Esse resultado indica que esse fenômeno parece fazer parte da gramática nuclear dos falantes, e não da periférica, conforme conceitos delineados por Chomsky e retomados por Mary Kato. Todavia, outros estudos variacionistas, que levem em conta novos *corpora* e a ocorrência de outros verbos-suporte, devem ser empreendidos para confirmar essa hipótese.

No que se refere aos resultados dos dados de percepção, coletados a partir da aplicação de testes de atitudes, verificou-se que os informantes são capazes de detectar pequenas nuances semânticas diferenciadas entre verbos plenos e perífrases, como em *ter essa necessidade/ necessitar, dar a opinião/ opinar, fazer queixas/ queixar-se*. Uma informante, dentre dez, chegou a comentar que achou “tudo diferente”. Alguns, nos comentários finais, declararam que consideraram as formas semelhantes, provavelmente pautados no fato de haver, entre as estruturas, a manutenção de um mesmo significado básico.

A opção pelo uso de uma perífrase pode acarretar efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos, fato que foi confirmado por professores de português, quando inquiridos em testes de atitudes que forneciam situações de uso de formas perifrásticas. Um dos contextos de ocorrência de perífrases foi a perífrase “dar um exemplinho”, sendo utilizada por um membro de uma Banca de Mestrado. Os informantes consideraram que o uso da perífrase visava a amenizar a crítica que a Banca

estaria fazendo, tentando ser “simpática, a fim de deixar o candidato mais calmo ou, até mesmo, “complacente”, podendo haver também uma intenção de subestimar o trabalho do mestrando. O uso do verbo pleno correspondente “exemplificar” também acarretaria um efeito, segundo os informantes: tornaria a Banca mais austera, mais séria ou mais formal. Conforme se discutiu nesta pesquisa, o membro da Banca também poderia passar uma imagem de neutralidade, neste caso.

A situação comunicativa e a intenção do falante também se revelaram relevantes para a opção pelo uso de uma perífrase ou de um verbo pleno. Esse fato foi constatado com a aplicação de um teste de atitudes de múltipla escolha. Um dos contextos que obteve as respostas mais diversificadas referiu-se a uma situação em que uma professora deixava cair um de seus pacotes e deveria pedir ajuda ao inspetor: *me ajudar, me dar uma ajudinha, me dar uma ajuda ou me dar uma certa ajuda?* Os resultados do teste indicaram que a opção dependeria do tipo de relação existente entre a professora e o inspetor. A opção “dar uma ajudinha” denotaria um certo grau de intimidade, ao contrário das outras, que foram consideradas por muitos como “*mais condizentes com uma professora*”, sobretudo por se tratar de um ambiente de trabalho.

A escolha por um verbo pleno ou uma perífrase também poderia ser justificada pelo gênero textual e pela situação de comunicação. Um teste de atitudes revelou que os informantes consideram os verbos plenos como mais adequados às situações formais e à escrita, nas quais eles não as usariam. Contudo, um deles, adepto dessa idéia, utilizou-se da perífrase “fazer uso” duas vezes em sua justificativa, que condenava o uso de perífrases nesses contextos. Saliente-se que os resultados das monografias e das elocuições formais (PORTELA, 2004) não corroboram totalmente essas idéias, pois há um índice em torno de 20% de uso de perífrases nesses contextos, contrapondo-se com um índice de 37% de perífrases na fala. Saliente-se que dois informantes opinaram que usariam perífrases em quaisquer contextos.

Um outro teste referiu-se ao grau de proximidade/afastamento de sentido entre as construções perifrásticas e os verbos plenos correspondentes. O ponto que norteou as considerações dos informantes relaciona-se com a questão da presença ou não de elementos intervenientes na perífrase. Um deles chegou a comentar: “*Quanto maior o grau de especificidade/ intensidade ou determinação, mais diferente, como quando se usa “meu”, “aquele” ou “muito”*”. Alguns pesquisadores, como Machado Vieira, consideram algumas perífrases muito diferentes semanticamente, como *abraçar/dar*

*uma abração, conversar/ter uma conversinha, perguntar/fazer uma perguntinha* como formas “relativamente alternantes”.

Por fim, o último teste objetivou investigar se os professores de português estão atentos ao uso de construções perifrásticas, partindo da proposta de eles corrigirem uma redação que apresentava vinte e cinco ocorrências de perífrases com *ter*, *dar* e *fazer*. As perífrases, contudo, não foram notadas pelos informantes. Ao ser revelado a eles o motivo da pesquisa de opinião, eles asseguraram que as repetições deveriam ser evitadas em textos escritos e formais. Uma professora argumentou que o uso dessas “expressões” seria adequado pelo fato de se tratar de um texto voltado para jovens, pois haveria um vocabulário mais “acessível”.

A fim de testar essa hipótese, foram investigados dois livros de literatura infanto-juvenil, e constatou-se um maior uso de verbos plenos. Contudo, nesses livros, algumas perífrases foram utilizadas como recursos expressivos adequados à linguagem dos jovens: “*dar um SAE*” (super abraço esmagado) e “*só se você estiver DBT*” (dando beijo também).

Todos esses resultados respondem a muitas indagações que surgiram após uma pesquisa empreendida por Portela (2004), e que foram mencionadas na apresentação deste estudo. Alguns pontos, porém, ainda merecem ser destacados.

Há alguns indícios de que os verbos plenos são considerados a forma de prestígio em detrimento das construções perifrásticas, pelo fato de elas estarem normalmente associadas, em alguns materiais didáticos, com a **pobreza vocabular**, com a **repetição de termos** e com a **falta de concisão**. Não se pode dizer, porém, que as perífrases verbo-nominais são formas totalmente estigmatizadas, uma vez que o falante não parece ser discriminado ao utilizá-las. Contudo, os informantes dos testes manifestaram restrições quanto ao seu uso.

Todavia, os dados mostram que os falantes utilizam perífrases na escrita e na fala formal, tendo havido um percentual de 22% de ocorrências em monografias e, em trabalho anterior, Portela (*op. cit*) constatou um índice de 21% de ocorrência de perífrases em elocuições formais. Além disso, sabe-se que os falantes cultos usam mais as construções perifrásticas que os não-cultos, o que evidencia que seu uso não é motivado por falta de vocabulário, mas por necessidades discursivas que, muitas vezes, só são alcançadas com a utilização de uma perífrase verbo-nominal. Deste modo, esta pesquisa defende que “ambas as formas são válidas”, como afirmou uma informante dos testes, sempre a depender do propósito comunicativo.

Não podemos considerar as perífrases e os verbos predicadores simples como sinônimos, em razão do próprio princípio da não-sinonímia. Pode-se, porém, considerar que há entre as estruturas a manutenção de um significado básico comum, como por exemplo em “Nós precisamos ter uma conversinha” e “Nós precisamos conversar” (pai examinando o boletim do filho), pois, em ambos os casos, há a proposta de um diálogo, sendo que a primeira ocorrência parece comunicar uma espécie de admoestação, que não se faz presente na segunda. Deve-se salientar, ainda, que as formas apresentam **comparabilidade funcional**.

Algumas questões consideradas nesta pesquisa merecem ser aprofundadas ou repensadas, como a questão da prototipicidade. De acordo com Neves (2000), as perífrases prototípicas não apresentam elementos intervenientes. No presente estudo, propôs-se a ampliação deste conceito, considerando que, além de apresentar um SN sem determinantes, as perífrases devem ser compostas por nomes que não apresentem alterações, e que, portanto, não estejam no diminutivo ou aumentativo, não estejam no participio, não estejam no plural ou não se encontrem topicalizados, uma vez que, nesses casos, elas já veiculariam alguma nuance semântica que, conforme se apontou nesta pesquisa, as formas prototípicas não codificam, embora possam provocar efeitos discursivos e pragmáticos, tanto quanto as não-prototípicas. Além disso, constatou-se que algumas perífrases não-prototípicas podem não veicular uma nuance semântica, especialmente nos casos em que apresentam artigos indefinidos e até definidos, como no exemplo “*Eu tenho a preocupação de explicar tudo.*” (Entrevista, PE)

Um outro ponto passível de ser revisto diz respeito à alternância entre verbos plenos e certas perífrases que denotam um certo grau de afastamento de sentido quando comparadas às formas plenas. Nestes casos, é necessário avaliar a possibilidade de considerá-las como formas “relativamente alternantes”, conforme parece ocorrer com alguns casos de construções perifrásticas que foram avaliadas como portadoras de um sentido diferente ou completamente diferente pelos informantes em um teste de atitudes (cf. item 5.5), como *fazer um pequeno lanche* (lanchar), *dar esse passeio* (passear), *ter aquela necessidade* (necessitar).

Um outro aspecto a ser retomado refere-se ao ensino da língua portuguesa, no qual o uso de construções perifrásticas está normalmente associado a marcas de pobreza vocabular. Ponderou-se que essa idéia não corresponde à realidade lingüística, tendo em vista o fato de os falantes cultos usarem tais estruturas até mais que os não cultos, conforme visto anteriormente. Os livros didáticos deveriam, ao contrário, explorar os



efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que a utilização de perífrases acarreta no enunciado e na enunciação, propondo exercícios à semelhança dos elaborados por Portela (2007), deixando com isso de manifestar e difundir o preconceito lingüístico que desaconselha o uso de toda e qualquer perífrase em situações formais ou na escrita. Acima de tudo, os estudantes devem saber que tanto as formas plenas quanto as formas perifrásticas são legítimas, a depender do propósito comunicativo do falante.

Como um dos desdobramentos desta pesquisa cita-se o aprofundamento do estudo das construções perifrásticas e dos verbos plenos correspondentes em livros de literatura infanto-juvenil, a partir da investigação dos efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que seu uso acarreta neste gênero de texto, além da análise da relação entre a utilização de perífrases e o público-alvo a que se destina o texto. Pensou-se, inclusive, na aplicação de testes de atitudes entre os jovens a fim de analisar o conceito que eles têm a respeito do uso de formas simples ou complexas nos demais livros a serem investigados.

Outra possibilidade seria investigar as marcas de subjetividade que podem ser encontradas em construções com verbos-suporte, a exemplo de Martins (2005). Um caso mencionado no decorrer deste trabalho foi o das perífrases “fazer minha análise” (da turma) e “fazer uma pequena análise” (da turma), considerando que seriam opções de utilização de um professor, para comentar sobre sua avaliação positiva de uma turma tida pelos colegas como indisciplinada (cf. item 5.3). Alguns informantes dos testes avaliaram que a primeira opção poderia revelar uma personalidade um tanto arrogante, enquanto a segunda indicaria uma postura mais humilde. Os elementos intervenientes também podem se configurar em marcas argumentativas, que poderiam favorecer ou não a intenção do professor de convencer os colegas de sua opinião a respeito da turma.

Por fim, uma outra questão que foi considerada no presente estudo referiu-se às motivações possíveis para o estudo da alternância entre perífrases e verbos plenos correspondentes. De acordo com o viés da presente pesquisa, deve-se estudar esse fenômeno lingüístico especialmente por conta da idéia de que “nenhuma palavra é inocente”. As nossas escolhas lingüísticas produzem sentidos e, quando refletimos sobre elas, podemos potencializar seus efeitos em nossos usos, aperfeiçoando a nossa competência comunicativa. Na verdade, essa é a importância de estudos sobre escolhas lingüísticas, estudos que podem funcionar como verdadeiros guias de uso para os falantes.

Finalmente, foi possível constatar que *dar medo, fazer pesquisa e ter orgulho* também poderiam ser *perífrases de uma Tese!*...

## 7- Referências

ABREU, A. S. **Curso de redação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 7. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARMENGAUD, F. **A pragmática**. Tradução Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AULETE, F. J. C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional de Lisboa, 1925.

AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BAGNO, M. **O preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **A língua de Eulália: novela sociolingüística**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola editorial, 2001.

BASILIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BORBA, F. da S. **Uma gramática de valências para o português.** São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística em sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOSQUE, I. ; DEMONTE V. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española.** España: Editora ESPASA, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos, Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALADO, A. F. **Funções semântico-sintáticas veiculadas pelo verbo dar como constituinte de construções lexicais complexas.** João Pessoa: UFPB, 2001. 104 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

CALLOU, D. ; AVELAR, J. **Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX.** In: Alkmin, T. (org.) *Para uma história do português do brasileiro.* V. 3. São Paulo: USP/Humanitas, 1999.

CALLOU, D. ; LOPES, C. R. **A linguagem culta falada na cidade do Rio de Janeiro: Materiais para o seu estudo.** Cadernos do NURC, V. III. UFRJ/CAPES. Rio de Janeiro, 1994.

LEITE, Y ; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CALLOU ; AVELAR. **Gramática e variação no português brasileiro: considerações sobre ter~haver e de~em.** In: XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, APL, pp. 183 – 197, 2007

CALVET, J. **A sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMARA, JR. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

\_\_\_\_\_. **Manual de expressão oral e escrita**. 8. edição, Petrópolis: Vozes, 1985.

CARNEIRO, A. D. **Texto em construção: interpretação de texto**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

\_\_\_\_\_. **Redação em construção**. São Paulo: Moderna, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Português instrumental**. Manual do candidato/ UERJ, vol. 1, 2001b.

CEREJA, W. R. ; MAGALHÃES, T. A. **Português: Linguagens. Leitura, gramática e redação**. 1. ed. São Paulo: Atual, 1990.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2005.

CUNHA, C. ; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, C et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ECO, H. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

ELEUTÉRIO, S. M. **A variação ter/ haver: documentos notariais do século XVII**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ESTEVES, G. **Alternância entre perífrases com verbo-suporte dar e verbos predicadores com sentido equivalente**. Trabalho apresentado no curso intitulado *Para uma história do português brasileiro*, ministrado pela professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou, no 1º semestre de 2006.

\_\_\_\_\_. **Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples**. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação

em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FASOLD, R. **The sociolinguistics of society**. Vol. 1 New York, USA: Blackwell, p. 147-179, 1984.

FERREIRA, A. B de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.

FERNANDES, F. **Dicionário de verbos e regimes**. 4. ed. São Paulo: Globo, 1969.

FIORIN, J. L. ; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**. São Paulo, Ática, 1990.

FREITAS, M. E. de F. **Viva a tese: um guia de sobrevivência**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FREIRE, L. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Vol. III Brasil: José Olympio, 1954.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GRANATIC, B. **Técnicas básicas de redação**. São Paulo, Scipione, 1988.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: ALB ; Mercado das Letras, 2002.

GUIMARÃES, E. **História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil**. Campinas: Pontes, 2004.

HOPPER, P. J. ; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS A. ; VILLAR M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. **Introdução à semântica**. São Paulo: Contexto, 2001.

- KATO, Mary A. (1996) **O português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS, APL, Lisboa, 1994. DUARTE, I. ; LEIRIA, I. (orgs.) *Actas...* Lisboa. p. 209-237.
- KRAUSE, G. et al. **Laboratório de redação.** Rio de Janeiro. MEC/ FENAME, 1982.
- KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1997.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Padrões Sociolingüísticos.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change.** Vol. 1: Internal factors. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 1994/ 2001.
- \_\_\_\_\_. **Principios del cambio lingüístico.** Vol. 1: Factores internos. Gredos: Madrid, 1996.
- LAPA, M. R. **Estilística da língua portuguesa.** Coimbra, Coimbra Editora, 1984.
- LAVANDERA, B. R. **Variación y significado.** Buenos Aires, Hachette, 1984.
- LAWRENCE, H. ROBINSON, J. S. ; TAGLIAMONTE, S. **Goldvarb 2001. A multivariate analysis application for Windows.** Inédito, 1999.
- LIMA, C. H. da R. **Gramática da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso da lingüística neste século.** Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Moderna gramática brasileira.** 7. ed. Porto Alegre, Globo, 1986.

\_\_\_\_\_. **Língua & liberdade:** por uma nova concepção de língua materna e seu ensino. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

MACHADO VIEIRA, M. S. **A relação entre “verbos pronominais” e “perífrases com verbos leves”**. Comunicação apresentada na XVI Jornada de Estudos Linguísticos do Nordeste. Fortaleza/CE, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer**. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Caracterização do comportamento multifuncional de fazer**. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (orgs.) *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.

MARCUSHI, L. A. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARQUES, M. H. D. **Iniciação à Semântica**. 6. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

MARTINS, E. **Manual de redação e estilo**. O Estado de São Paulo. São Paulo: Maltese, 1990.

MARTINS, L. P. **O uso de ter e haver como verbo-suporte: estudo comparativo português/ espanhol**. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MATTOS E SILVA. **O português são dois:** novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Contradições no ensino de português**. São Paulo: EDUFBA, 1995.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MIRA MATEUS, M. H et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. edição revista e ampliada. Lisboa. Editora Caminho, 2003.

MOLLICA, M. C. (org.). **Introdução à sociolingüística variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ, 1992.

MOLLICA, M. C. ; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES SILVA, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Tipografia Antônio José da Rocha, 1858.

NEVES, M. H. M. *Estudo das construções com verbo-suporte em português*. In: KOCH, I. G. Villaça (org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas, SP: UNICAMP/FAPESP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Gramática dos usos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte. In: \_\_\_\_\_. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002, p. 189-206.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PAULIUKONIS, M. A. L. ; GAVAZZI, S. (orgs). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PERINI, M. **Para uma nova gramática do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. **Gramática descritiva do português**. São Paulo, Ática, 1995.



\_\_\_\_\_. **Sofrendo a gramática.** São Paulo: Ática, 1997.

PORTELA, K. L. **As construções com verbo-suporte na fala culta carioca.** In: XVI Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste, Fortaleza / Ceará, 1998.

\_\_\_\_\_. **As construções com os verbos ter e dar na fala culta carioca.** In: VII Encontro Anual de Iniciação Científica, Maringá/ Paraná, 1998.

\_\_\_\_\_. **Bater boca: Uma discussão acerca das locuções verbo-nominais.** In: VIII Congresso ASSEL/ RIO, Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. **Artigo, definitude e variação: quebrar galho ou quebrar o galho?** In: Revista Interfaces, nº 6. CLA/ UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **Flutuações semânticas do verbo ter em anúncios do século XIX.** In: Encontro Anual de Iniciação Científica, Cascavel/ Paraná, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sobre os verbalizadores na fala culta carioca.** In: VII Semana de Letras ICHS/ UFOP, Mariana/ Ouro Preto, 2000.

\_\_\_\_\_ et al. **Dinâmica do específico e do genérico: artigo definido e construções existenciais.** In: Revista Veredas, Juiz de Fora, Editora UFJF, v. 4, nº. 2, p. 81-88, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fazer feio: o estigma de um verbo vicário.** In: V Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul – CELSUL, Curitiba/ Paraná, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dar medo, Fazer pesquisa, Ter orgulho: perífrases de uma Dissertação.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. 105 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sobre a dessemantização dos verbos-suporte.** In: XXI Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste – GELNE, João Pessoa/ Paraíba, 2006.

\_\_\_\_\_. **Construções perifrásticas formadas por ter, dar e fazer nos dicionários.** In: II Congresso de Letras da UERJ, São Gonçalo/ Niterói, 2006.

\_\_\_\_\_. **A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes na fala culta carioca.** In: VIII ECEL, na Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. **Fazer uma perguntinha ou perguntar? A alternância entre perífrases e verbos plenos correspondentes em testes de atitudes.** In: VI Seminário de Teses e Dissertações em andamento, realizado na Faculdade de Letras da UFRJ, 2008.

PINTUZUK, S. **VARBRUL Programs.** 40 fl. Mimeo, 1988.

SCHER, A. P. *Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve?* In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (orgs.). **Semântica Formal.** São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística.** 3ª edição. São Paulo: Ática, 1990.

TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds). **Approaches to grammaticalization.** v. 1 e v. 2 Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação.** São Paulo, Cortez, 1996.

VIEIRA, S. R ; BRANDÃO, S.F. (orgs) **Ensino de Gramática:** São Paulo: Contexto, 2007.

VIOTTI, E. *A composicionalidade nas sentenças com o verbo ter.* In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (orgs.). **Semântica Formal.** São Paulo: Contexto, 2003.

VOTRE, S. J., CESÁRIO, M. M. ; MARTELOTTA, E. **Gramaticalização.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.

WEINREICH, U., LABOV, W. ; HERZOG, M. **Empirical foundations for a theory of language change.** In: W. P Lahman & Y. Malkeil (eds.) Directions for historical linguistics: A symposium. Austin-London: University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, U., LABOV, W. ; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

# Apêndices

## APÊNDICE 1

### TESTE DE ATITUDES

Nome do informante: \_\_\_\_\_

Idade do informante: \_\_\_\_\_

Grau de escolaridade: ( ) Curso superior/ Área: \_\_\_\_\_

( ) Mestrado/ Doutorado/ Área: \_\_\_\_\_

Atenção! Não existe certo ou errado aqui. O objetivo deste teste é avaliar a opinião dos falantes da língua portuguesa sobre a possibilidade de duas estruturas diferentes apresentarem o mesmo sentido ou não. Deste modo, nas frases abaixo, encontram-se duas formas destacadas em **negrito** e sublinhadas. Você vai assinalar um “X” em SIM, se achar que ocorrem alterações de sentido com a troca de uma forma pela outra e NÃO, se achar que não ocorrem alterações de sentido. Lembre-se de que você deverá **justificar** sua resposta em ambos os casos.

1- Ela não ia **BEIJAR** a mão do filho porque o filho é que beija a mão da mãe. (EF 382)

- Ela não ia **DAR BEIJINHO** na mão do filho porque o filho é que beija a mão da mãe.
- ( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- ( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

- 2- Não deixei mais ele treinar, então ele veio se **QUEIXAR** aqui com a mãe dela. (Did 14)
- Não deixei mais ele treinar, então ele veio **FAZER QUEIXAS** aqui com a mãe dela.
- ( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- ( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

- 3- É muito difícil de se **ACONSELHAR** alguém.
- **CONSELHO** é muito difícil de se **DAR** a alguém. (Did 35)
- ( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- ( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

- 4- Você pode **DAR UMA OLHADA** na minha bolsa pra mim?
- Você pode **OLHAR** a minha bolsa pra mim?
- ( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- ( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

- 5- E ela **ANIVERSARIOU** no domingo passado.
- E ela **FEZ ANIVERSÁRIO** no domingo passado. (Did 29)
- ( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- ( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

- 6- A gente normalmente é chamado pra **OPINAR**.
- A gente normalmente é chamado pra **DAR A OPINIÃO**. (Did 135)
- ( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7- Cheguei lá e estava preparado pra **PASSEAR** com o pessoal.

➤ Cheguei lá e estava preparado pra **DAR UM PASSEIO** com o pessoal. (D2 296)

( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8- E quando a mulher gosta, ela **NECESSITA** se libertar e viver a vida.

➤ E quando a mulher gosta, ela **TEM ESSA NECESSIDADE** de se libertar e viver a vida.

( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

9- Aí a torcida começa a gritar, **MOTIVANDO** os jogadores. (Did 05)

➤ Aí a torcida começa a gritar, **DANDO AQUELA MOTIVAÇÃO** aos jogadores.

( ) SIM, ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

( ) NÃO, não ocorrem alterações de sentido, porque \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Quais foram as suas impressões sobre este teste de atitudes? Houve alguma dificuldade? Você costuma usar as formas em destaque? Em que circunstâncias?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## APÊNDICE 2

### TESTE DE ATITUDES

Nome completo do informante: \_\_\_\_\_ -

Formação: ( ) Graduação (Área: \_\_\_\_\_)

( ) Mestrado (Área: \_\_\_\_\_)

( ) Doutorado (Área: \_\_\_\_\_)

Objetivo do teste: Investigar as conseqüências lingüísticas do uso de perífrases formadas por *ter, dar e fazer* em lugar de verbos plenos correspondentes.

**Situação 1:** *(Duas alunas conversam a respeito de um professor)*

ALUNA 1: Mas como é esse novo professor?

ALUNA 2: Ele é bom. Só que gosta muito de fazer cobranças.

ALUNA 1: Que tipo de cobranças?

ALUNA 2: Várias: pontualidade, assiduidade, além da confecção de resumos, resenhas, fichamentos...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *cobranças*, no plural, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos fazer cobranças por cobrar, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 2:** (*Dois moradores conversam a respeito de incursões de policiais na favela*)

MORADOR 1: Todo mundo sabe que a polícia adora chegar atirando, né?

MORADOR 2: É. Eles gostam muito de dar tiros pro alto!

MORADOR 1: Eu acho isso totalmente errado!

MORADOR 2: Em vez de atirar em bandidos, acabam acertando os moradores...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *tiros*, no plural, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos dar tiros por atirar, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 3:** (*Duas mães conversam a respeito de seus filhos pequenos*)

MÃE 1: O seu filho também tem medo de dormir com a luz apagada?

MÃE 2: Sim. Mas é comum a criança ter medos nessa idade...

MÃE 1: Espero que meu filho supere logo essa fase.

MÃE 2: É. Isso passa com a idade.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *medos*, no plural, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?



---

---

---

2) Se substituirmos ter medos por temer, quais as implicações?

**Situação 4:** (*Professor corrigindo um erro de sua própria apostila*)

PROFESSOR: Eu queria chamar a atenção de vocês para o início do segundo parágrafo.

ALUNO: O que tem ele, professor?

PROFESSOR: Vamos fazer uma correçãozinha aí, porque falta o acento nos verbos *ter* e *vir*, e eu também cometi alguns erros de digitação...

ALUNO: Só isso, professor?

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *correçãozinha*, no diminutivo, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos fazer uma correçãozinha por corrigir, quais as implicações?

**Situação 5:** (*Membro da Banca argüindo mestrando*)

BANCA: Você poderia dar um exemplinho deste fenômeno?

MESTRANDO: Eu não mencionei nenhum exemplo do *corpus* nesta parte?

BANCA: Não. Não mencionou...

MESTRANDO: Seria “abobra” alternando com “abóbora”.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *exemplinho*, no diminutivo, acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos dar um exemplinho por exemplificar, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 6:** (*Pai examinando boletim do filho*)

PAI: É. Nós precisamos ter uma conversinha...

FILHO: Ô paizão, eu queria mesmo ter uma conversinha com você.

PAI: Eu estou falando sério!

FILHO: Está bem, que estresse...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do substantivo *conversinha*, no diminutivo (nos dois casos), acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos ter uma conversinha por conversar, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 7:** (*Professora de biologia retomando uma aula passada*)

PROFESSORA: Todos entenderam então como se processou a evolução?

ALUNO: Mas e hoje, professora? Também podemos fazer aquela comparação com os macacos?

PROFESSORA: Não, hoje a situação é diferente.

ALUNO: Mas por quê?

(A aula continua)

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *aquela* acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos fazer aquela comparação por comparar, quais as implicações?

**Situação 8:** (*Amigas conversando sobre um pretendente*)

AMIGA 1: Ele ficou insistindo que queria me conhecer, que eu era linda...

AMIGA 2: E aí? Conta!

AMIGA 1: Aí eu acabei dando aquele beijo nele.

AMIGA 2: Que pena! Você não tem jeito mesmo...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *aquela* acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos dar aquele beijo por beijar, quais as implicações?

**Situação 9:** (*Mãe e filha conversam sobre neto recém-nascido*)

MÃE: Nossa! Mas o meu neto tem aquela semelhança com o pai...

FILHA: Ah, eu também o acho muito parecido com o Afonso!

MÃE: Ele já foi amamentado hoje?

FILHA: Ainda não, porque não está na hora.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *aquela* acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos ter aquela semelhança por assemelhar-se, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 10:** (*Um ateu e um crente falando de religião*)

CRENTE: Quando você me contou que não acreditava em Deus me deu um susto!

ATEU: Eu sempre digo: sou ateu graças a Deus...

CRENTE: Você ao menos respeita as religiões?

ATEU: Oh, sim, claro! Eu tenho um respeito!...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso da entonação acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos deu um susto por assustou-me e tenho um respeito por respeito, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 11:** (*Moradores falando de brigas entre jovens no prédio*)

MORADOR 1: Mas vem cá... o síndico deu algum detalhe da briga?

MORADOR 2: Ele só falou que foi por causa de futebol.

MORADOR 1: Mas *como* foi a briga?

MORADOR 2: Ah, isso ele não deu um detalhe...

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso dos elementos intervenientes *algum* e *um* acarretaram no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos deu algum detalhe e deu um detalhe por detalhou, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 12:** (*Professores analisando livro didático*)

PROFESSOR 1: Você gostou desta coleção?

PROFESSOR 2: Eu demorei em fazer minha análise dos livros, mas gostei sim.

PROFESSOR 1: É. Eu uso livro didático, mas sempre gosto de dar minha contribuição nas aulas...

PROFESSOR 2: Ah, é! O livro é só um suporte para o professor.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *minha* (nos dois casos) acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos fazer minha análise por analisar e dar minha contribuição por contribuir, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 13:** (*Duas amigas em uma festa de aniversário*)

AMIGA 1: Eu vou lá dar parabéns pro Henrique. Você não vem comigo?

AMIGA 2: Não, eu já o parabenizei.

AMIGA 2: Então venha só pra me fazer companhia...

AMIGA 2: Está bem. Eu vou acompanhá-la.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que a ausência de elemento interveniente acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos dar parabéns por parabenizar e fazer companhia por acompanhar, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 14:** (*Padre e devota no confessionário*)

DEVOTA: Padre, eu queria que o senhor me desse um conselho.

PADRE: Ô, minha filha, conselho é tão difícil de se dar...

DEVOTA: Mas eu preciso de uma orientação!

PADRE: Então fale, minha filha, que o Senhor há de nos intuir.

(O diálogo continua)

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento interveniente *um* e a topicalização de *conselho* acarretaram no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos desse um conselho e conselho... dar por aconselhar, quais as implicações?

---

---

---

**Situação 15:** (*Dois corredores no calçadão da praia, acabando de se conhecer*)

CORREDOR 1: Bom dia, amigo! Você mora por aqui?

CORREDOR 2: Ah, eu já moro aqui há vinte anos...

CORREDOR 1: E tem o costume de correr todos os dias?

CORREDOR 2: Não. Só de vez em quando.

1) Quais os efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos que o uso do elemento “o” acarretou no enunciado ou mesmo na enunciação?

---

---

---

2) Se substituirmos tem o costume por costuma, quais as implicações?

---

---

---

### APÊNDICE 3

#### Pesquisa de opinião

**Nome do informante:** \_\_\_\_\_

**Escolaridade: Ensino superior (Área: \_\_\_\_\_)**

**Período:** \_\_\_\_\_

Atenção! Não existe certo ou errado aqui. Você vai marcar qual das opções abaixo é a forma mais adequada à **situação** e à **intenção comunicativa** do falante, levando em conta os dados apresentados. Não se esqueça de apresentar uma justificativa para a sua escolha.

1- (Situação: Uma professora está carregando muitos pacotes de provas e deixa cair um deles. O inspetor presencia tudo.)

Professor: *Inspetor, será que você poderia .....*?

- (a) Me ajudar
- (b) Me dar uma ajudinha
- (c) Me dar uma ajuda
- (d) Me dar uma certa ajuda

Justificativa:

---

---

---

2- (Situação: Mãe defendendo os filhos de reclamações constantes de vizinhos.)

Mãe: *Eles adoram ..... dos meus filhos sem motivo.*

- (a) Se queixar

- (b) Fazer queixa
- (c) Fazer queixas
- (d) Fazer suas queixas

Justificativa:

---

---

---

3- (Situação: Uma mãe falando para a outra sobre a educação sexual de seus filhos).  
Mãe: *Ah, um papo sobre sexo? Eu estou pretendendo ..... com meus filhos ainda essa semana.*

- (a) Ter essa conversa
- (b) Conversar
- (c) Ter uma conversa
- (d) Ter uma conversinha

Justificativa:

---

---

---

4- (Situação: Neto sentindo muitas saudades do avô.)  
Neto: *Vô, vem cá pra que eu possa .....!*

- (a) Te dar um abraço
- (b) Te abraçar
- (c) Te dar um abração
- (d) Te dar meu abraço

Justificativa:

---

---

---



5- (Situação: Professores em um conselho de classe avaliando o comportamento de uma turma específica, tida como indisciplinada. O professor de matemática, muito convicto, discorda de alguns colegas.)

Professor de matemática: *Com relação a essa turma, eu já ..... e acho que eles são é muito interessados e esforçados.*

- (a) Fiz uma análise
- (b) Analisei
- (c) Fiz uma pequena análise
- (d) Fiz minha análise

Justificativa:

---

---

---

6- (Situação: Duas vendedoras falando sobre o intenso despeito de uma vendedora jovem com relação ao carisma e à simpatia da gerente da loja, que era muito amiga dessa mesma vendedora jovem.)

Vendedora: *Ah, mas essa vendedora sempre ..... (d) a amiga, não é verdade? Afinal, ela é a gerente!*

- (a) Teve aquela inveja
- (b) Teve uma inveja
- (c) Invejou
- (d) Teve inveja

Justificativa:

---

---

---

7- (Situação: Um namorado foi flagrado com outra e desabafa com um amigo.)

Namorado: *Mas eu tenho que ..... para a minha namorada, você não acha?*

- (a) Me explicar
- (b) Dar explicações
- (c) Dar alguma explicação
- (d) Dar uma explicação

Justificativa:

---

---

---

8- (Situação: Dois rapazes disputando uma bela jovem. Um amigo insiste numa aposta, e o outro quer deixar claro que é contra tal procedimento, e prefere outros meios.)

Jovem 1: *Você quer apostar quanto que eu consigo conquistá-la?*

Jovem 2: *Ah, mas é que ..... !*

- (a) eu não gosto de fazer essas apostas
- (b) eu não gosto de apostar
- (c) aposta eu não gosto de fazer
- (d) eu não gosto de fazer certas apostas

Justificativa:

---

---

---

9- (Situação: Dois amigos falando sobre política. O segundo deles costuma ser muito irônico e sarcástico.)

Amigo 1: *Mas você acha que os políticos merecem respeito?*

Amigo 2: *Ah, sim, claro! Eu, por exemplo, ..... (por eles)!...*

- (a) tenho um certo respeito
- (b) tenho um respeito
- (c) respeito
- (d) tenho algum respeito

Justificativa:

---

---

---

Quais foram as suas impressões acerca deste teste de atitudes? Como você acha que a situação e a intenção comunicativa do falante interferiram na sua escolha?

---

---

---

---

---

---

---

---

#### **APÊNDICE 4**

#### **PESQUISA DE OPINIÃO**

Nome do informante: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade: ( ) Ensino Superior (Área: \_\_\_\_\_)

Atenção! **Não existe certo ou errado aqui.** O objetivo desta pesquisa de opinião é que você marque a opção que reflete a forma como você realmente falaria. Abaixo, você vai encontrar duas alternativas (A e B). Você deverá escolher uma delas e, ao final do teste, justificar suas escolhas, de forma geral, com comentários acerca de suas opções.

2- Como você diria:

(A) Eu temo ladrões.

(B) Eu tenho medo de ladrões.

(A) Eu preciso parabenizá-lo.

(B) Eu preciso dar parabéns a ele.

(A) Quando você vai aniversariar?

(B) Quando você vai fazer aniversário?

(A) Eu necessito estudar inglês.

(B) Eu tenho necessidade de estudar inglês.

(A) Quero estagiar naquela empresa.

(B) Quero fazer estágio naquela empresa.

(A) Eu estimo aquele rapaz.

(B) Eu tenho estima por aquele rapaz.

(A) Nem sempre é bom opinar durante a reunião.

(B) Nem sempre é bom dar opinião durante a reunião.

(A) É muito importante exemplificar.

(B) É muito importante dar exemplo.

(A) Os professores precisam contactar a escola.

(B) Os professores precisam fazer contacto com a escola.

(A) Aquele palestrante gosta de conferenciar.

(B) Aquele palestrante gosta de fazer conferência.

### **Justificativas**

*Observe seu teste e analise: você marcou, na maioria das repostas, a letra A ou B? Você deve apresentar uma justificativa no espaço abaixo.*

---

---

---

---

---

---

---

*O que você acha das alternativas com **dar/ter/fazer** na pesquisa de opinião?  
Você costuma usá-las com que frequência e em que contextos?*

---

---

---

---

---

---

---

*Dê exemplos de situações de comunicação e tipos de texto em que você as **empregaria**.*

Situações de  
comunicação: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

Tipos de texto:

---

---

---

---

*Em que situações ou tipos de texto você **não** as **empregaria** em hipótese alguma?*

Situações de  
comunicação:

---

---

---

Tipos de texto:

---

---

---

---

*O que você achou desta pesquisa de opinião? Houve muitas dúvidas na hora de optar por uma ou outra forma?*

---

---

---

---

---

*Você acha importante estudar a **alternância**, na Língua Portuguesa, entre verbos plenos (respeitar, beijar, aniversariar) e construções perifrásticas (ter respeito, dar beijo, fazer aniversário)? Por quê?*

---

---

---

---

---

---

---

## APÊNDICE 5

### PESQUISA DE OPINIÃO

**Nome do Informante:** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Formação acadêmica: Graduação (Área: \_\_\_\_\_)**

Você vai opinar sobre o grau de afastamento de sentido entre a forma verbal sublinhada na frase-piloto e as alternativas entre parênteses com *ter*, *dar* e *fazer*.

Utilize o quadro abaixo:

- a. significado idêntico
- b. significado muito semelhante
- c. significado semelhante

- d. significado um pouco diferente
- e. significado diferente
- f. significado completamente diferente

**FRASE-PILOTO:** Eu tenho que PASSAR na biblioteca depois do almoço.

- ( ) Eu tenho que DAR UMA PASSADA na biblioteca depois do almoço.
- ( ) Eu tenho que DAR AQUELA PASSADA na biblioteca depois do almoço.
- ( ) Eu tenho que DAR MINHA PASSADA na biblioteca depois do almoço.
- ( ) Eu tenho que DAR UMA PASSADINHA na biblioteca depois do almoço.
- ( ) Eu tenho que DAR A PASSADA na biblioteca depois do almoço.
- ( ) Eu tenho que DAR UMA PASSADA RÁPIDA na biblioteca depois do almoço.

**FRASE-PILOTO:** Eu só vou PERGUNTAR ao final da reunião.

- ( ) Eu só vou FAZER UMA PERGUNTA ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER PERGUNTAS ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER UMA PERGUNTA ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER AQUELA PERGUNTA ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER UMA PERGUNTINHA ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER PERGUNTA ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER ESSA PERGUNTA ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER UMA PERGUNTA RÁPIDA ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER A PERGUNTA ao final da reunião.
- ( ) Eu só vou FAZER MINHA PERGUNTA ao final da reunião
- ( ) Eu só vou FAZER ALGUMA PERGUNTA ao final da reunião.

**FRASE-PILOTO:** Ele NECESSITA competir comigo.

- ( ) Ele TEM UMA NECESSIDADE de competir comigo.
- ( ) Ele TEM AQUELA NECESSIDADE de competir comigo.
- ( ) Ele TEM A NECESSIDADE de competir comigo.
- ( ) Ele TEM NECESSIDADE de competir comigo.
- ( ) Ele TEM ESSA NECESSIDADE de competir comigo.



- ( ) Ele TEM ALGUMA NECESSIDADE de competir comigo.
- ( ) Ele TEM MUITA NECESSIDADE de competir comigo.

**FRASE-PILOTO:** Você quer PASSEAR comigo no parque?

- ( ) Você quer DAR UM PASSEIO comigo no parque?
- ( ) Você quer DAR UMA PASSEADINHA comigo no parque?
- ( ) Você quer DAR AQUELE PASSEIO comigo no parque?
- ( ) Você quer DAR UMA PASSEADA comigo no parque?
- ( ) Você quer DAR O PASSEIO comigo no parque?
- ( ) Você quer DAR ESSE PASSEIO comigo no parque?
- ( ) Você quer DAR PASSEIOS comigo no parque?
- ( ) Você quer DAR ALGUM PASSEIO comigo no parque?

**FRASE-PILOTO:** Você gostaria de LANCHAR agora?

- ( ) Você gostaria de FAZER O LANCHE agora?
- ( ) Você gostaria de FAZER LANCHE agora?
- ( ) Você gostaria de FAZER UM LANCHINHO agora?
- ( ) Você gostaria de FAZER ALGUM LANCHE agora?
- ( ) Você gostaria de FAZER UM LANCHE agora?
- ( ) Você gostaria de FAZER AQUELE LANCHE agora?
- ( ) Você gostaria de FAZER UM PEQUENO LANCHE agora?

**FRASE-PILOTO:** Ele acha que pode CONTROLAR as pessoas.

- ( ) Ele acha que pode TER UM CONTROLE das pessoas.
- ( ) Ele acha que pode TER O CONTROLE das pessoas.
- ( ) Ele acha que pode TER ALGUM CONTROLE das pessoas.
- ( ) Ele acha que pode TER CONTROLE das pessoas.
- ( ) Ele acha que pode TER AQUELE CONTROLE das pessoas.
- ( ) Ele acha que pode TER ESSE CONTROLE das pessoas.
- ( ) Ele acha que pode TER MUITO CONTROLE das pessoas.

### Refletindo sobre o teste

Em que critérios você se pautou para atribuir um determinado grau de afastamento de significado entre as formas?

---

---

---

---

---

Você acha que os verbos plenos (sublinhados na frase-piloto) e as construções com *ter*, *dar* e *fazer* podem ser usados indistintamente em quaisquer contextos? Por quê?

---

---

---

---

---

Quais foram as suas impressões sobre este teste? Houve dificuldades ou não?

---

---

---

---

---

## APÊNDICE 6

### PESQUISA DE OPINIÃO

**Nome do Informante:** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Formação acadêmica:** \_\_\_\_\_

**Local onde leciona:** \_\_\_\_\_

Professor, você vai ler um texto que aborda a temática das drogas. O objetivo desta pesquisa de opinião é saber o seguinte: que críticas podem ser feitas a este texto (se é que há alguma) no que se refere à sua estruturação, ao nível de linguagem, seleção vocabular e paragrafação?

#### **Por uma pedagogia do NÃO!...**

Aquele era um dia de aula normal. O professor de Artes fazia a análise de um belo quadro de Portinari, dando um destaque especial ao engajamento do pintor em relação às questões sociais. Todos tinham um imenso respeito por aquele mestre, principalmente Luiz, para o qual o adorador professor sempre tinha elogios. O jovem estudante queria mesmo era ser artista!

Entretanto, um fato inusitado faria uma mudança na vida de Luiz para sempre. Na saída da escola, o rapaz foi abordado por um homem elegantemente vestido e muito falante. Tratava-se de um traficante de drogas. Na escola, o professor de Ciências, no ano anterior, fizera a leitura, em sala de aula, de uma carta comovente escrita por um pai de um adolescente que havia se envolvido com drogas. Luiz teve essa lembrança na mesma hora em que aquele homem lhe fez a oferta do tóxico.

— Não, eu não quero essa droga! — exclamou Luiz com veemência.

O traficante deu uma olhadinha para o lado a fim de constatar se ninguém ouvia a conversa, e ensaiou um contra-argumento.

— Mas...

— Eu tenho amor pela vida!

O traficante sentiu-se humilhado diante da profundidade da resposta do rapaz. Contudo, não tinha a intenção de desistir. Reconheceu que ele tinha a necessidade, naquele momento, de fazer uma pequena mudança de estratégia. Precisava ser mais persuasivo, mais incisivo.

— Do que você tem medo?...

Luiz sentiu-se ofendido com aquela insinuação.

— Eu não tenho medo de nada! Eu aprendi que se deve dizer não às drogas e...

— Você não é homem!

Aquelas palavras deram uma mexida no brio do menino. Naquela fase de sua vida, tudo o que ele queria era ter jeito de homem, cara de homem, fazer tudo o que os homens faziam.

— Você vai me convencer de que faz uso de drogas, de que aceitou correr o risco de ficar viciado?... — indagou Luiz.

O traficante regozijou-se. Conseguira fazer mais uma vítima. Do que adiantava as escolinhas fazerem campanhas antidrogas? Há sempre argumentos para tudo...

— Eu uso a droga, a droga não me usa!

Luiz ficou pensativo. Por um instante, teve uma grande admiração por aquele homem tão determinado e muito, muito convincente. Ele sabia lidar com as palavras, enquanto Luiz ainda lutava com elas. Como vencer a disputa por entre as palavras?

Meses se passaram. A mudança de Luiz foi sentida por todos. Em casa, a agressividade e a rebeldia. Na escola, a negligência com seus deveres. O menino que tinha um orgulho enorme de querer ser artista agora tinha os olhos tristes e atônitos. Chegara a roubar dinheiro da carteira do pai para sustentar o vício.

Um dia, Luiz foi encontrado caído em seu quarto. No hospital, os pais não deram crédito aos médicos. O filho não era um drogado. Mas a verdade prevaleceu. O jovem quis ter uma conversa com o professor de Artes. Contou-lhe, com dificuldade, toda a sua história, e lhe fez um pedido, que era para o mestre escrever um livro endereçado aos jovens, como uma forma de dar o precioso alerta: na porta de escolas, cursinhos e faculdades estão homens que têm conhecimento dos nossos sonhos, dos nossos medos e das nossas palavras; tudo aquilo que as drogas vão destruir. Os jovens não podem cair na conversa dos traficantes, ou vão cair de uma forma que não mais se levantarão.

Luiz faleceu. Mas a sua luz não se apagou, até porque o sonho de ser artista não morreu com ele. O professor de Artes escreveu um livro, fazendo o relato da história do estudante, cujo título era: “Dizer não às drogas é uma arte!”

**Apontamentos do informante** (você deve ilustrar seus comentários com exemplos do texto):

**Estruturação do texto:**

---

---

---

---

---

**Nível de linguagem:**

---

---

---

---

---

**Seleção vocabular:**

---

---

---

---

---

**Paragrafação:**

---

---

---

---

---

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)